UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Artes

Curso de Teatro – Licenciatura

Trabalho de Conclusão de Curso

Um Autista no Teatro:

Reflexões autobiográficas e celebração da (neuro)diversidade

Carlos Eduardo Perola

Pelotas, 2018

Carlos Eduardo Perola

Um Autista no Teatro:
Reflexões autobiográficas e celebração da (neuro)diversidade

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Teatro – Licenciatura, do Centro de Artes da UFPel, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Moraes de Oliveira

Pelotas, 2018

Carlos Eduardo Perola

Um Autista no Teatro: Reflexões autobiográficas e celebração da (neuro)diversidade

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Licenciatura em Teatro, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 30 de maio de 2018

Banca examinadora:

.....
Prof. Dr. Adriano Moraes de Oliveira (Orientador)
Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

.....
Prof. Me. Elias de Oliveira Pintanel
Mestre em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas

.....
Prof.ª Dra. Fabiane Tejada da Silveira
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

.....
Prof.ª Dra. Lúcia Maria Vaz Peres
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

.....
Prof.ª Dra. Marina de Oliveira
Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Agradecimentos

Verbalizar agradecimentos é algo que costumo fazer com pouca frequência, porém isso não significa, de modo algum, que a gratidão não exista e que ela não esteja muito bem guardada em algum canto secreto de minha mente, de onde posso resgatá-la nos momentos que considero propícios. Este é um momento propício e gostaria, portanto, de aproveitá-lo para dizer todos os “obrigados” acumulados ao longo desses anos de graduação.

Gostaria de agradecer aos colegas e ex-colegas – do curso, do Núcleo de Teatro, do Núcleo 2 e/ou do GEPPAC – que estiveram presentes na trajetória que narro nas páginas a seguir e que, de alguma forma, ajudaram a construí-la mesmo que através de pequenos gestos. Destaco aqui os nomes de Airton Marino, Alessandra Siqueira, Amanda Coutinho, Anderson Morais, Elias Pintanel, Eugênio Bassi, Gabriel Nogueira, Giovanna Hernandes, João Walker, Lara Lago, Mario Madeira, Maurício Rodrigues, Melissa Vieira, Paula Buratti, Rodolfo Furtado, Ronaldo Garcia, Tais Galindo, Victor Albaini e Viviane Famil.

Gostaria de agradecer também às professoras e professores, tanto da Escola João Alfredo, como da UFPel, que contribuíram para a minha formação. Destaco aqui os nomes de Aline Menotti, Fabiane Tejada, Fernanda Fernandes, Leandro Maia, Maria Amélia Netto, Marina Oliveira, Ney Bruck, Paulo Gaiger, Rodrigo Ruiz, Vanessa Leite e Viviani Bison.

Repetindo alguns nomes, agradeço a Elias Pintanel, Fabiane Tejada, Lúcia Peres e Marina Oliveira por aceitarem participar de minha banca examinadora.

Agradeço, ainda, às pessoas que contribuíram para a realização de meu projeto de encenação: Carina Brys, Evelin Suchard, Gabriela Manso, Julia Hernandes, Gengiscan Pereira, Jardel Athayde e Raissa Bandeira.

Agradeço a Marcelo Silva por tantas vezes ter alegrado e enriquecido minhas cenas com seus criativos cenários e figurinos.

Agradeço a Ariel Oliveira pelos anos de amizade, amor e companheirismo.

Por fim, agradeço especialmente ao professor Adriano Moraes, pela orientação neste e em todos os principais trabalhos que realizei ao longo de minha passagem pelo curso de Teatro e por todos os inestimáveis ensinamentos comigo compartilhados ao longo desses 7 anos de convívio.

Muito obrigado a todas e todos.

“Sou um discípulo do filósofo Dionísio, preferiria ser um sátiro antes que um santo.”

(Friedrich Nietzsche)

Resumo

PEROLA, Carlos Eduardo. **Um Autista no Teatro**: Reflexões autobiográficas e celebração da (neuro)diversidade. 2018. 124f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Teatro – Licenciatura, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Eu, Carlos Eduardo Perola, indivíduo autista e concluinte do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Pelotas, proponho-me neste trabalho a apresentar uma análise sobre a relação entre minha condição autista e minha passagem pelo curso – incluindo aí tanto minha relação com a própria atividade teatral, como minha participação nas aulas, relação com professoras, professores, colegas, entre outros. Minha escrita ampara-se metodologicamente na produção de relatos e reflexões de caráter autobiográfico. Apresento um histórico de minha relação com o teatro e com o ensino, antes e durante minha passagem pelo curso. Falo também sobre como fui "diagnosticado" como autista e como meu entendimento sobre o autismo foi se transformando ao longo dos anos, até chegar ao entendimento que tenho hoje, que é apresentado concomitantemente ao tema da neurodiversidade. Finalmente, parto para a análise mencionada acima, relacionando minha condição autista com minha trajetória no Teatro. Este trabalho objetiva: a) que eu possa expressar minhas considerações sobre minha passagem pelo curso, sobretudo às pessoas que comigo conviveram ao longo dessa trajetória; b) que pessoas interessadas no tema do autismo possam ter acesso ao relato de um indivíduo autista sobre sua passagem pelo ensino superior; c) que eu mesmo possa compreender melhor a minha passagem pelo curso e minha relação com o Teatro e; d) que os conhecimentos e as discussões sobre o tema da neurodiversidade sejam ampliados no meio universitário e no meio teatral. Todo o trabalho é escrito a partir de uma perspectiva de celebração das individualidades e da (neuro)diversidade humana, entendendo-as como fonte de riqueza e beleza para o teatro, para a arte, para a vida.

Palavras-chave: Teatro; Autismo; Autobiografia; Neurodiversidade

Abstract

PEROLA, Carlos Eduardo. **An Autistic at Theater**: Autobiographical reflections and celebration of (neuro)diversity. 2018. 124l. Final paper. Theater degree course, Arts Center, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2018.

I, Carlos Eduardo Perola, an autistic individual and undergraduate of the Theater course at the Federal University of Pelotas, propose in this paper to present an analysis about the relationship between my autistic condition and my passing through the course – including both my relationship with the theatrical activity itself, as my participation in classes, relationship with teachers, colleagues, among others. My writing is methodologically based on the production of autobiographical accounts and reflections. I present a history of my relationship with theater and teaching, both before and during my passing through the course. I also talk about how I was "diagnosed" as autistic and how my understanding of autism was transformed over the years, until I came to the understanding that I have today, which is concomitantly presented with the theme of neurodiversity. Finally, I develop the analysis mentioned above, relating my autistic condition and my trajectory in the Theater. This work aims at: a) that I can express my thoughts about my passing through the course, especially for the people who have lived with me along this trajectory; b) that people interested in the subject of autism can have access to the report of an autistic individual about his passing through higher education; c) that I myself can better understand my passing through the course and my relationship with the Theater and; d) that the knowledge and the discussions on the subject of neurodiversity be widened in the university and theatrical environments. All the paper is written from a perspective of celebration of individualities and human (neuro)diversity, understanding them as a source of wealth and beauty for theater, for art, for life.

Key-words: Theater; Autism; Autobiography; Neurodiversity

Lista de figuras

Figura 1: Na formatura da pré-escola, com a paraninfa, professora Mirian. Ao fundo, a professora Helena. 20

Figura 2: Apresentação de dança na escola. 21

Figura 3: Na formatura do Ensino Fundamental, em 2005, com as paraninfas, professora Graziela e professora Carla. 27

Figura 4: Na formatura do Ensino Médio, como orador da turma. 34

Figura 5: Na formatura do Ensino Médio, com os paraninfos: Professora Viviani e Professor Otto 35

Figura 6: Experimento "Casa", apresentado no final de 2011. 38

Figura 7: Apresentação da cena "O Pastor", no calçadão de Pelotas. 41

Figura 8: Apresentação de "Margem Periférica" na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (Faurb). 42

Figura 9: Eu e o colega Maurício Rodrigues apresentando uma cena de "Dois perdidos numa noite suja" durante uma oficina em Piratini-RS. 43

Figura 10: Em Blumenau-SC, ao lado do *banner* sobre a pesquisa “O trabalho do ator com Síndrome de Asperger em um contexto de teatro de grupo”. 45

Figura 11: Participação em evento sobre o Imaginário e (auto)biografias. Da esquerda para a direita: Rodolfo Furtado representando "O imperador", Giovanna Hernandes representando "A imperatriz", Carlos Perola representando "O louco", Lúcia Maria Vaz Peres, líder do GEPIEM, Marcelo Silva, criador dos figurinos, e Maurício Rodrigues representando “O mago”. 45

Figura 12: "Homem vitruviano", de Leonardo Da Vinci. 47

Figura 13: "Alívio Imediato", cena em inglês. 51

Figura 14: "Alívio Imediato", cena em espanhol. 51

Figura 15: "Alívio Imediato", cena em alemão – que contou com a participação do colega Elias Pintanel (à direita). 52

Figura 16: Com a colega Melissa Vieira, em atividade com máscaras, no calçadão de Pelotas. 53

Figura 17: Experimento "Ensaio para um fracasso". 53

Figura 18: Segunda temporada de "Alívio Imediato", cena inicial. 54

Figura 19: Segunda temporada de "Alívio Imediato", cena em espanhol. 56

Figura 20: Imagem de divulgação de "Quantas coisas quisera hoje dizer". Da esquerda para a direita: Rodolfo Furtado, Carolina Ferreira, Elias Pintanel e Carlos Perola. 58

Figura 21: Terceira temporada de "Alívio Imediato", cena em francês. 60

Figura 22: Terceira temporada de "Alívio Imediato", cena com o novo texto "autodescritivo". 60

Figura 23 - *Slide* usado na apresentação do projeto para a equipe, trazendo informações básicas sobre o ator-rapsodo de Nara Keiserman. 62

Figura 24: "Declaração de amor", com Eugênio Bassi ao violão. 65

Figura 25: Raissa Bandeira e Jardel Athayde em "Máquinas que pensam, que amam e que comem maçãs". No painel ao fundo, o matemático Alan Turing. 66

Figura 27: Gengiscan Pereira, Jardel Athayde e EvelinSuchard em "Máquinas que pensam, que amam e que comem maçãs". 66

Figura 26: Cartaz de divulgação de "Máquinas que pensam, que amam e que comem maçãs", por Julia Hernandes. 67

Figura 28: Com Rodolfo Furtado, em apresentação de "Pós-Filoctetes". 69

Figura 29: Apresentação da montagem "A perseguição ou o longo caminho que vai de 0 a N". Da esquerda para a direita: João Walker, Airton Marino, Gabriel Nogueira, Mário Madeira, Carlos Perola e Ronaldo Garcia. 70

Figura 30: Apresentação de "Pétalas de Papoula". Da esquerda para a direita: Carlos Perola, Thairone Dorneles, Felipe Cremonini e Gengiscan Pereira. 71

Figura 31: Mostra de processo: o primeiro quadro de "O melhor esconderijo". 73

Figura 32: Um dos cartazes de divulgação de "O Melhor esconderijo". 75

Figura 33: Imagem de um dos ensaios de "O melhor esconderijo". 76

Figura 34: Apresentação de "O reizinho mandão" na Escola Municipal de Educação Infantil Rute Blank. 77

Sumário

1 Introdução 12
2 O método (auto)biográfico 16
2.1 Histórico de uso e potencialidades 16
2.2 Minha relação com (auto)biografias e o uso do método autobiográfico neste trabalho 17
3 Trajetória Escolar e Teatral: de 1997 a 2011 19
3.1 Anos iniciais 20
3.2 Mudanças de comportamento 23
3.3 Primeiras experiências com a dramaturgia 25
3.4 Teatro e rebeldias 29
3.5 Cartas e "treinamento" 31
3.6 Do Ensino Médio à universidade 35
3.7 Núcleo 2 36
4 Trajetória no Teatro 39
4.1 Primeiro semestre de 2012 39
4.1.1 Alívio Imediato 46
4.2 Segundo semestre de 2012 52
4.3 Primeiro semestre de 2013 54
4.4 Segundo semestre de 2013 59
4.5 Primeiro semestre de 2014 61
4.6 Segundo semestre de 2014 64
4.7 Primeiro semestre de 2015 68
4.8 Segundo semestre de 2015 69
4.9 Primeiro semestre de 2016 71
4.10 Segundo semestre de 2016 72
4.11 Primeiro semestre de 2017 74
4.12 Segundo semestre de 2017 77
5 Sobre Autismo e Neurodiversidade 79
5.1 Primeiras pesquisas e questionamentos 79
5.2 Neurodiversidade e mudança de paradigma 81
5.3 O conceito de autismo por Nick Walker 85
6 Um autista no teatro 88

6.1 O silêncio e a fala fora de cena 88
6.1.1 Relação com colegas de curso 89
6.1.2 Relação com professores 90
6.1.3 Participação nas aulas 93
6.2 Fala, olhar e movimento em cena 95
6.2.1 A fala em cena: quebra do silêncio e dificuldade com improvisações 95
6.2.2 O corpo em cena 96
6.3 Experiência com a direção teatral 97
6.4 O Teatro como “Alívio Imediato” 98
7 Considerações finais 100
Referências 102
Apêndices 104
Anexos 122

1 Introdução

Meu nome é Carlos Eduardo Perola. Entre as muitas outras coisas que eu poderia dizer sobre mim mesmo, há duas delas que eu gostaria de destacar logo no início do presente trabalho, pois é a partir destas duas informações que toda minha pesquisa será desenvolvida:

a) Sou um concluinte do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Pelotas (UFPel);

b) Sou um indivíduo autista.

Assim como em todas as demais situações de minha vida, é indubitável que minha condição de indivíduo autista acabou interferindo na minha passagem pelo curso de Teatro. Na verdade, me parece bastante óbvio que qualquer característica que se refira aos padrões de comportamento de qualquer pessoa – seja a predominância da introversão ou da extroversão, a tendência à racionalidade ou à emotividade, à calma ou à cólera, etc. – acabará interferindo em todas ou na maior parte das situações de sua vida. No entanto, o autismo, por se tratar de uma condição neurológica que pressupõe não apenas um, mas uma série de padrões de comportamentos tidos como “anormais” – escassez de contato visual, peculiaridades no uso da linguagem, dentre outros –, tende a gerar repercussões mais complexas do que as características isoladas citadas acima.

Por onde quer que eu passe, é natural que minha condição de autista acabe despertando o interesse e a curiosidade das pessoas ao meu redor, assim como preocupações sobre como devem lidar comigo, como se comunicar comigo, como interpretar meu comportamento, meus constantes silêncios, etc. E isso, naturalmente, aconteceu também com professores, professoras e colegas do curso de Teatro com os quais convivo desde meu ingresso no curso, ocorrido em 2012.

Dentre os muitos padrões de comportamento atípicos tradicionalmente atribuídos às pessoas autistas, o que se faz mais perceptível em mim, que acaba chamando mais a atenção das pessoas ao meu redor e que acaba interferindo mais na minha relação com tais pessoas é, sem dúvidas, minha tendência a permanecer em silêncio ou falar pouco na maior parte de minhas interações sociais. Esse silêncio se fez bastante presente durante minha estadia no curso, interferindo diretamente na minha participação nas aulas e em minha relação com colegas, professoras e professores. Por outro lado, a quebra desse silêncio, ocorrida

sobretudo nas situações em que estive atuando, também acabou chamando muito a atenção das pessoas que comigo conviviam.

Desde meu ingresso no curso, em 2012, foi levantada a possibilidade de uma pesquisa que relacionasse meu fazer teatral com meu ser autista. Essa pesquisa acabou se desenvolvendo principalmente no âmbito prático, em experimentos teatrais dos quais participei junto ao Núcleo de Teatro da UFPel e ao Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Processos Criativos em Artes Cênicas (GEPPAC), ambos coordenados pelo professor Adriano Moraes de Oliveira. Em muitos momentos eu e professor Adriano consideramos a possibilidade de produzir um artigo sobre a temática do autismo e do teatro, porém tal texto não chegou a ser escrito.

Portanto, minha pretensão com este Trabalho de Conclusão de Curso é, finalmente, fazer uma análise sobre minha passagem pelo curso de Teatro da UFPel – incluindo aí as atividades de ensino, pesquisa e extensão nas quais me envolvi – relacionando-a com minha condição de indivíduo autista, sobretudo com minha mencionada tendência ao silêncio, procurando desenvolver reflexões sobre qual o impacto que tal comportamento acabou tendo em minha relação com o curso, com o teatro, com colegas, professore(a)s, espectadore(a)s, etc. Através dessa análise/reflexão pretendo contemplar ao menos quatro objetivos:

a) Oferecer às pessoas que conviveram comigo ao longo desse trajeto – sobretudo às professoras e aos professores – a oportunidade de conhecerem o meu ponto de vista, minhas opiniões, avaliações, reflexões que frequentemente deixei de expressar sobre o curso, as aulas, as atividades desenvolvidas, etc.

b) Possibilitar que outras pessoas interessadas no tema autismo – sejam pessoas também autistas ou não – possam ter acesso a um relato escrito por um indivíduo autista sobre sua passagem pelo ensino superior.

c) Possibilitar a mim mesmo uma melhor visão sobre tudo o que passei, o que construí, o que aprendi ao longo desses anos de graduação.

d) Ampliar as discussões sobre diversidade na universidade e no meio teatral – discussões que já se fazem bastante presentes no que se refere às diversidades étnicas, sexuais, de gênero, etc., porém ainda pouco desenvolvidas no que se refere à questão da neurodiversidade.

É importante salientar que não pretendo, de forma alguma, falar em nome de todos os indivíduos autistas, nem criar generalizações sobre como se dá a relação de autistas com o teatro, nem apresentar uma receita de como autistas devem ser tratados na universidade... enfim, nada que pressuponha que pessoas autistas "funcionem" todas de forma idêntica, padronizada, relacionando-se da mesma forma com o teatro, com a arte, com o meio universitário. Não me interessa aderir a nenhum discurso que se oponha ao de uma celebração das individualidades e da (neuro)diversidade humana no teatro, na arte, na vida.

Dizer que este trabalho contém uma "celebração da neurodiversidade" significa dizer que todo ele foi escrito a partir de uma perspectiva de defesa da diversidade humana, enxergando essa diversidade jamais como um problema ou como algo a ser combatido, mas como fonte de riqueza, de beleza para a humanidade. Por ser escrito a partir das experiências de uma pessoa autista – portanto, neurodiversa –, o trabalho acaba centrando-se no tema da neurodiversidade. Entretanto, considero que a celebração dessa neurodiversidade, que faço ao longo das seções a seguir, é estendível também a todas as outras formas de diversidade humana e evidencio isso ao colocar, tanto no título do trabalho como em vários outros momentos ao longo da escrita, o morfema "neuro" entre parênteses: falando-se sobre a neurodiversidade, fala-se também sobre a diversidade.

Saliento ainda que o intuito deste trabalho é apresentar a visão de um único indivíduo autista sobre sua relação e experiências com o Teatro e a universidade – indivíduo este que poderia receber também vários outros "rótulos", nomes, títulos, etc., não sendo, portanto, sua individualidade resumida ao nome "autista".

Trata-se, portanto, de um relato bastante pessoal e com um alto teor autobiográfico. Considerei importante trazer a categoria da autobiografia para este Trabalho de Conclusão de Curso, pois juntamente com as questões do autismo e do silêncio foi um elemento que esteve fortemente presente ao longo de minha trajetória no curso, frequentemente aparecendo como um subtema em muitos dos experimentos dos quais participei – vários deles marcados pela mesma frase que escolhi para abrir esta introdução e que tornou-se quase que minha "marca registrada": "meu nome é Carlos Eduardo Perola".

A fim de legitimar o uso de relatos autobiográficos no desenvolvimento deste trabalho, apresento na seção a seguir uma breve revisão de literatura sobre tal

metodologia, evidenciando suas peculiaridades e potencialidades e, na sequência, trazendo maiores detalhes sobre a forma como pretendo utilizá-la.

Uma vez apresentada e legitimada a metodologia, passo a utilizá-la logo em seguida, com o intuito de apresentar-me mais detalhadamente ao(à) leitor(a). Divido essa apresentação em duas seções: na primeira delas falo sobre minha trajetória escolar e teatral até antes de ingressar no curso de Teatro da UFPel; já na segunda, falo sobre minha trajetória ao longo do curso.

Em seguida, dedico uma seção aos temas do autismo e da neurodiversidade, na qual apresento as diferentes formas de se definir o autismo, posicionando-me a favor de uma delas e, simultaneamente, introduzindo com maiores detalhes o tema da neurodiversidade.

Uma vez apresentados a) o histórico da minha relação com o teatro e b) a definição de autismo com a qual estou trabalhando, passo, na seção seguinte, a relacionar as duas temáticas, desenvolvendo reflexões sobre como minha condição de pessoa autista interferiu na minha passagem pelo curso e na minha relação com o Teatro.

2 O método (auto)biográfico[1]

> *"ZERO: – Não, não me pergunte mais nada. Creio que descobri a chave do meu método. Vamos pô-lo em prática. O importante é você acreditar nele. Psiuuu, acredite simplesmente. Eu observei o tempo todo... acho que descobri a forma... o meio... de sermos descobertos. [...] podemos iniciar?*
> *ENE: – A sua disposição.*
> *ZERO: – Por amor à pesquisa?*
> *ENE: – Por amor à pesquisa."*
>
> *(Timochenco Wehbi)*

Na primeira parte desta seção pretendo apresentar um breve histórico sobre o uso de relatos (auto)biográficos em pesquisas acadêmicas, evidenciando suas potencialidades e defendendo sua legitimidade própria, com o auxílio de alguns estudiosos da área. Em seguida, apresento algumas informações sobre minha relação com (auto)biografias e sobre como se dará o uso do método autobiográfico no presente trabalho.

2.1 Histórico de uso e potencialidades

Segundo Antonio Botía, as primeiras áreas de conhecimento que passaram a desenvolver pesquisas a partir do método autobiográfico foram a antropologia, a sociologia e a psicologia (2002, p. 4). Sobre essas primeiras experimentações do método, ocorridas em meados do século XX, o autor acrescenta:

> Da instância positivista se passa a uma perspectiva interpretativa, na qual o significado dos atores se converte no foco central da investigação. Entender-se-ão os fenômenos sociais (dentre eles, a educação) como "textos", cujo valor e significado são primeiramente dados pela autointerpretação relatada pelos sujeitos em primeira pessoa, onde a dimensão temporal e biográfica ocupa uma posição central (2002, p. 4, tradução nossa).

[1] Grande parte dos textos que li para a escrita dessa seção apresentavam a palavra "(auto)biografia" (e seus derivados) grafada dessa forma, com parênteses separando o termo "auto". Não encontrei explicitamente em tais textos uma explicação sobre o uso de tal grafia, porém entendo que trata-se de uma forma de indicar que o que está sendo dito é válido tanto para biografias quanto para autobiografias. A partir de tal entendimento, opto por também utilizar o termo "(auto)biografia" sempre que eu julgar que o que estou dizendo é válido para as duas situações.

O método tradicional de pesquisa, segundo Botía, comungava basicamente com uma afirmação do filósofo Immanuel Kant de que quanto menor a subjetividade e maior a objetividade envolvida na investigação, maior seria seu grau de cientificidade (2002, p. 6). Calar-se sobre si mesmo era então a regra; com o advento do método autobiográfico, falar sobre si mesmo também passou a ser possível.

Num contexto em que a investigação científica ainda funcionava a partir de metodologias cristalizadas, obedientes aos ideais positivistas, centradas em raciocínios lógicos e indutivos e baseadas na coleta e análise de dados, formulações de hipóteses, busca de evidências, etc., o uso da nova metodologia foi, inicialmente, bastante criticado, e seu valor epistemológico frequentemente questionado, por ser visto como um método “qualitativo, subjetivo e distante de esquemas de hipótese e verificação” (SANTOS e GARMS, 2014, p. 4096).

Por outro lado, diversos utilizadores e estudiosos do método passaram a defender seu uso autônomo, evidenciando em seus escritos suas potencialidades próprias, além de acusarem uma inadequação dos métodos tradicionais para tratar de experiências de vida (SANTOS e GARMS, 2014, p. 4095; BOTÍA, 2002, p. 6).

Botía, por exemplo, salienta que a investigação biográfica/narrativa é dotada de uma credibilidade e legitimidade própria e acrescenta que

> Como modo de conhecimento, o relato [(auto)biográfico] capta a riqueza e detalhes dos significados nos assuntos humanos (motivações, sentimentos, desejos ou propósitos) que não podem ser expressados em definições, enunciados factuais ou proposições abstratas, como faz o raciocino lógico-formal (BOTÍA, 2002, p.6, tradução nossa).

A inadequação das metodologias tradicionais para tratar de questões humanas relativas mais ao indivíduo do que ao coletivo acaba abrindo espaço para o método (auto)biográfico, método que considero bastante pertinente para o presente trabalho.

2.2 Minha relação com (auto)biografias e o uso do método autobiográfico neste trabalho

Como já mencionado anteriormente, este trabalho não tem o objetivo de produzir generalizações sobre teatro e autismo. Considero que qualquer tentativa de

criar generalizações, de estabelecer verdades universais sobre a relação de indivíduos autistas com o teatro contrariaria meu desejo de celebrar a (neuro)diversidade e meu entendimento de que, assim como pessoas não-autistas, as pessoas autistas possuem, cada uma, sua própria individualidade e, a partir dessa individualidade, se relacionarão de forma diferente com o teatro. Escrevo, então, a partir da minha experiência e, portanto, se faz necessário apresentar informações que ajudem o leitor a compreender a partir de onde estou escrevendo. E considero que os relatos autobiográficos que trarei nas seções seguintes sejam a melhor forma de apresentar tais informações.

É interessante destacar ainda que o tema da (auto)biografia tem sido bastante presente ao longo de minha vida. Sempre gostei de ler (auto)biografias, de conhecer a vida de diferentes personalidades, de buscar semelhanças e diferenças entre a minha vida e a de pessoas que admiro, sejam escritores, músicos, filósofos, cientistas, etc. Da mesma forma, sempre tive um forte interesse pela minha própria história de vida: desde a adolescência mantive o hábito de guardar coisas (textos, cartas, bilhetes, etc.) que poderiam, no futuro, ajudar-me a relembrar de acontecimentos passados. Além disso, desde 2005 mantenho um diário, a partir do qual é possível encontrar muitas informações, sobretudo sobre meus últimos anos na escola.

Esse diário, assim como os documentos que tenho guardados, trabalhos, fotos, provas, etc. serviram como base para a escrita de todos os relatos autobiográficos deste trabalho.

3 Trajetória Escolar e Teatral: de 1997 a 2011

“Não imagino uma filosofia sem o romance autobiográfico que a torna possível.”

(Michel Onfray)

A proposta desta seção é apresentar um relato autobiográfico sobre minha trajetória escolar e teatral, evidenciando como o teatro, a partir de diversas atividades das quais participei nos tempos de escola, foi se tornando cada vez mais presente em minha vida. Além de falar sobre os episódios em que o teatro esteve diretamente presente, menciono também outros acontecimentos que foram marcantes em minha trajetória e que considero importantes para ajudar o(a) leitor(a) a compreender melhor “quem” está se manifestando através deste trabalho: quais foram as coisas que esse indivíduo já viveu; quais foram os episódios que marcaram sua infância e adolescência; como se deu sua relação com colegas e professore(a)s ao longo de sua vida escolar; como a questão do autismo foi se tornando presente no decorrer de sua vida; qual a percepção desse indivíduo sobre si mesmo, em diferentes momentos de sua vida; qual a percepção de outras pessoas sobre esse indivíduo; e enfim, com que bagagem de vivências e experiências esse indivíduo chega à universidade.

O texto abrange o período de 1997, ano em que cursei a pré-escola, a 2011, ano anterior ao meu ingresso no curso de Teatro da UFPel. Optei por iniciar o relato no ano de 1997 pelos seguintes motivos: a) foi o ano em que, pelo o que lembro, tive os meus primeiros contatos com o teatro e b) não lembro de nenhum acontecimento ocorrido antes dessa data que possa ser diretamente relacionado com minha condição de pessoa autista. Ou seja, as escassas lembranças que tenho sobre minha primeira infância não se mostrariam uma contribuição importante para as temáticas que pretendo destacar neste trabalho. Entretanto, considero razoável apresentar as seguintes informações básicas: nasci em 1991 e vivi até os 20 anos no minúsculo município de Riozinho, interior do Rio Grande do Sul. Meu pai trabalhou na maior parte da sua vida como pedreiro, enquanto minha mãe intercalava momentos em que trabalhava em uma fábrica de calçados com outros em que se dedicava apenas aos serviços domésticos. Tenho um irmão 4 anos mais velho que eu, e duas irmãs mais novas, nascidas quando eu tinha 5 e 10 anos.

3.1 Anos iniciais

As lembranças mais remotas que tenho sobre a presença do teatro em minha vida datam de 1997, ano em que eu me encontrava na pré-escola. Lembro-me vagamente de uma professora que nos visitava de vez em quando, professora Mirian, e que realizava com a turma diversas brincadeiras e jogos teatrais – a única das brincadeiras que me vem à mente de forma mais clara é uma em que construíamos um trem enfileirando nossas cadeiras e, a partir das propostas da professora, fazíamos esse trem passar por diferentes lugares, andar em diferentes velocidades, escapar de possíveis acidentes, etc. Lembro-me ainda da presença de uma caixa de fantasias na nossa sala de aula, que era utilizada em algumas das atividades.

Figura 1: Na formatura da pré-escola, com a paraninfa, professora Mirian. Ao fundo, a professora Helena.

Desde cedo fui um aluno quieto. Em um boletim escolar da época a professora da turma, professora Helena, me descreve como uma criança tímida. Desde então já tinha alguma facilidade com a leitura. Havia aprendido a identificar algumas letras e seus respectivos sons quando via meu irmão lendo livros que ele trazia da escola e lembro-me de ocasiões em que eu tentava ler algumas folhas da

mesa da professora e ela ia me mostrando outras e perguntando “e aqui, o que está escrito?”.

Em uma peça natalina, apresentada ao final do ano letivo, representei um dos “reis magos”. Não tinha nenhuma fala. Minha ação e dos outros dois reis magos consistia apenas em entrar em cena, depositar em frente à manjedoura os presentes do “menino Jesus” e, em seguida, ajoelhar-se ao seu lado e permanecer lá até o final da apresentação.

Entre 1998 e 2001, na Escola Estadual de Ensino Médio João Alfredo, cursei os 4 anos iniciais do ensino fundamental. 1ª série com professora Tânia, 2ª série com professora Marlene e 3 e 4ª séries com professora Marilene.

Figura 2: Apresentação de dança na escola.

Aprendi a ler rapidamente e desde cedo desenvolvi o gosto pela leitura. Uma de minhas paixões da infância foram os livros de Monteiro Lobato – entre a 3ª e a 4ª série li quase toda a coleção do “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, com os quais pude não só acompanhar as histórias de Pedrinho, Narizinho, Emília e companhia, mas

também aprender muitas coisas sobre mitologia grega, gramática, aritmética, história das invenções, geografia, etc.

Em datas festivas, como os dias de “São João” ou da “Revolução Farroupilha”, era comum a escola organizar apresentações de danças juninas ou gauchescas, das quais os alunos interessados podiam participar. Durante meus anos iniciais na escola, cheguei a participar de algumas dessas apresentações.

Uma vez por ano acontecia na cidade vizinha, Rolante, o Festivale – Festival de Teatro do Vale do Paranhana. E em quase todo ano uma excursão era organizada na nossa escola para que os alunos fossem assistir a alguma das peças. Lembro-me de duas peças que assisti:

a) Uma peça infantil, que falava sobre saúde bucal, e que tinha personagens representando os dentes, a cárie, a escova de dentes, o fio dental, etc.

b) Uma adaptação de “Romeu e Julieta”, de Willian Shakespeare. Era uma peça bem menos infantil e lembro que uma das coisas que mais me chamou a atenção foi o cenário formado por grandes peças de madeira em diferentes formatos que ora eram usadas para montar uma sacada, ora uma escada, ora um altar, etc.

Nessa mesma época, não lembro ao certo o ano, assisti em meio às festividades do aniversário do município uma montagem de “A bruxinha que era boa”, de Maria Clara Machado. Lembro-me ainda vagamente de um outro espetáculo apresentado aos alunos de minha escola que, se não me engano, falava sobre a preservação do meio ambiente.

Desde essa época me vi atraído pelo teatro. Encantava-me a ideia de um dia poder estar no lugar daqueles atores e atrizes que eu via nos palcos.

Na mesma época em questão, fiquei sabendo da existência de um grupo de teatro do qual participavam estudantes da Escola João Alfredo e que era coordenado pela mesma professora Mirian que nos visitava na pré-escola. Por vezes pensava na possibilidade de um dia participar desse grupo, mas acabei não mencionando tal desejo a ninguém.

Apesar de apresentar-me como um aluno mais introvertido, meu comportamento durante as séries iniciais não era muito distante do esperado de uma criança dita “normal”: conversava com os colegas, inventava e divertia-me com brincadeiras diversas na hora do recreio, etc.

Desde os primeiros anos na escola, rapidamente converti-me no “inteligente” da turma: era o que sempre tirava notas boas, era o que recebia elogio das professoras (elogios que só não eram estendidos à minha caligrafia), era o que quase sempre terminava os exercícios primeiro, era o que achava tudo muito fácil.

3.2 Mudanças de comportamento

Em 2011, aos 10 anos de idade, quando cursava a quarta série, minha introversão começou a acentuar-se de forma atípica. Não lembro como aconteceu ou o que me moveu a isto, o que lembro é que fui ficando cada vez mais calado durante as aulas, fui parando de brincar com os colegas na hora do recreio. Acabei adotando o hábito de, durante o recreio, ficar sentado nos degraus de uma escada que levava à minha sala, sempre calado, observando as demais crianças que passavam por lá.

O ano passou e eu permaneci na escada. Sentar-se naqueles degraus acabou tornando-se quase que um ritual, do qual era difícil fugir. Uma vez acostumado a agir daquela forma, me parecia difícil fazer diferente.

Logo tal comportamento passou a chamar a atenção das pessoas. Alunos de séries diversas vinham tentar conversar comigo, perguntavam se eu estava triste, se eu não gostava de brincar, se eu era mudo, se um gato comera minha língua... as professoras da escola também estranharam meu comportamento e não tardaram a chamar meus pais à escola para inteirar-lhes sobre o que estava acontecendo.

Paralelamente ao comportamento atípico na escola, desenvolvi um comportamento mais atípico ainda na rua: também não sei identificar quando ou como tudo começou, mas toda vez que eu saia para a rua, sobretudo no trajeto casa-escola (que eu fazia a pé e sozinho), desenvolvi o hábito de andar sempre de cabeça baixa, olhando para o chão. Esbarrar nas pessoas, atravessar a rua sem olhar para os lados, muitas vezes quase sendo atropelado, ser alvo de chacotas, risos ou ser chamado de mudinho, de doente, de esquisito, tudo isso logo tornou-se parte de minha rotina.

E logo em seguida iniciaram as consultas com psicólogas, psiquiatras, neurologistas. Na esperança de encontrar uma resposta para o que acontecia comigo, meus pais recorreram até mesmo a curandeiros e benzedeiras.

As consultas com uma psicóloga aconteceram em meados de 2002 e 2003 e não resultaram em nada. As consultas com outros especialistas iniciaram na mesma época, no entanto era muito grande o tempo entre uma consulta e outra (consultas marcadas através do Sistema Único de Saúde, pois meus pais não tinham condições de pagar por consultas particulares). Nestes primeiros anos, cheguei a me consultar com neurologistas e psiquiatras, nenhum conseguiu definir “o que havia comigo”.

As visitas aos “curandeiros” aconteceram também em meados de 2002. O primeiro deles, um tal de “Mestre Paulo” instalava-se de tempos em tempos, juntamente com sua equipe, em alguma casa no interior do município, onde permanecia o dia inteiro recebendo centenas de pessoas vindas não só de Riozinho, mas também de diversas cidades das redondezas, com a esperança de terem seus problemas de saúde magicamente resolvidos. Devido à grande quantidade de pessoas, era preciso chegar muito cedo ao local para conseguir ser atendido. Nas duas vezes em que meu pai me levou a este curandeiro – contra a minha vontade – tive de ficar esperando o dia inteiro para ser atendido apenas à noite. Na primeira vez, aconteceu um atendimento coletivo, no qual várias pessoas entravam em uma sala, era pedido que fechassem os olhos, algumas “palavras mágicas” das quais não me recordo eram pronunciadas, e as pessoas eram dispensadas. O segundo atendimento foi individual. Dessa vez fui recepcionado pelo próprio “Mestre”, que em seguida me passou para um dos membros da sua equipe, que limitou-se a fazer-me uma massagem. O segundo “curandeiro” trabalhava em um município próximo e parecia ser menos disputado que o primeiro. Na única vez em que meu pai levou-me até ele, o “diagnóstico” feito sobre minha condição foi o de que um “anjo muito tímido” havia se apossado do meu corpo e seria necessário fazer um “trabalho” para desfazer tal situação. Tempos depois, fui levado por minha mãe a uma benzedeira, em outro município próximo, cujo atendimento limitou-se a algumas orações.

Frequentava todos esses lugares apenas porque meus pais me obrigavam. Não acreditava nem um pouco no poder dos curandeiros e da benzedeira e odiava as consultas médicas.

Já a escola, apesar de tudo, seguia sendo um dos meus lugares favoritos: gostava de estar na escola, gostava de assistir às aulas, de ler, de estudar, de ouvir o(a)s colegas falando bobagens.

Durante as aulas falava apenas o essencial. É difícil para mim definir até que ponto esse “falar apenas o essencial” estava ligado a alguma dificuldade de comunicação e até que ponto isso consistia em uma escolha – não uma escolha do tipo “me nego a falar”, mas do tipo “não vejo necessidade de falar” ou “não há nada que eu gostaria de dizer neste momento, portanto não vejo problema nenhum em permanecer em silêncio". Eu tinha consciência de que havia algo de incomum no meu excesso de silêncio, que isso me tornava “diferente” do(a)s demais colegas. Por um lado, perceber-me “diferente”, ver todos o(a)s colegas comportando-se de uma forma diferente da minha, causava-me um incômodo, uma sensação desagradável de que havia possivelmente algo de errado comigo. Por outro lado, eu tinha a constante sensação de que meu silêncio, sobretudo nos momentos em que eu sabia que não tinha nada a dizer, era um comportamento razoável. Professore(a)s e colegas acabaram rapidamente se acostumando com esse silêncio.

Os anos passaram e tanto o rótulo de “calado” como o de “inteligente” me seguiram de série em série. Ler era uma de minhas atividades favoritas. E logo desenvolvi também um gosto pela escrita.

A única disciplina com a qual eu não tinha uma boa relação era a Educação Física. Não gostava de participar das atividades (que geralmente se resumiam a: meninos jogando futebol; meninas jogando handebol). Às vezes, eu ficava sentado em algum canto do pátio apenas assistindo o(a)s colegas que jogavam. Outras vezes eu nem chegava a ir para o pátio; ficava sozinho na sala de aula fazendo trabalhos de outras disciplinas. Alguns professores me “davam” apenas a nota suficiente para passar de ano, outros propunham que eu fizesse trabalhos escritos para compensar a falta de participação nas atividades práticas.

3.3 Primeiras experiências com a dramaturgia

Por volta de 2004, li uma coletânea de peças de Martins Pena, que acabaria me influenciando nas experiências com a dramaturgia que eu viria a ter nos anos seguintes.

Em 2005, na 8ª série, na disciplina de português, fizemos um exercício em grupos em que deveríamos adaptar para o teatro o conto “Aquarela chinesa”, de Érico Veríssimo, e apresentá-lo para a turma em seguida. Não lembro o que fiz na apresentação, mas lembro de ter feito a adaptação preocupando-me em manter a

estrutura própria de textos teatrais, usando rubricas, falas, descrições de cenários, personagens, etc., que eu descobrira “como se faz” a partir da leitura das peças de Martins Pena.

No mesmo ano, 2005, quando a turma discutia junto com a professora de artes sobre a possibilidade de fazermos alguma apresentação para as comemorações do “dia da família”, os colegas falaram sobre a adaptação que eu havia feito na disciplina de português, e a professora pediu se eu poderia escrever uma peça para o dia da família. Aceitei a proposta e acabei escrevendo uma peça que hoje eu consideraria como bastante bobinha, com nomes e enredos mais baseados em novelas juvenis que eu assistia na época, do que no tema “família”. O(a)s colegas, no entanto, gostaram da maior parte do texto e acabaram apresentando a peça nas comemorações do dia da família, com algumas poucas alterações. Nessa época eu raramente participava de atividades extracurriculares organizadas pela escola, portanto acabei não assistindo a apresentação.

Apesar dos momentos teatrais, meu ano de 2005 foi fortemente marcado pela matemática. Participando da primeira Olímpiada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP), fui premiado com uma medalha de ouro (dada aos cem melhores alunos de cada nível). Dentre milhares de estudantes de 7ª e 8ª série de todo o Brasil, fiquei em 34º lugar no país e 2º lugar no estado. Tal feito contribuiu para aumentar ainda mais minha popularidade na escola. Na época, entre os cerca de 500 alunos, eram poucos os que não me conheciam, seja pelo lado “negativo”: “Carlos, o esquisito que não fala”; seja pelo lado “positivo”: “Carlos, o aluno inteligente, que ganha medalhas, escreve bons textos e tem boas notas”.

Movido em parte por um desejo de estar mais próximo da escola da qual eu tanto gostava e em parte pelo desejo de testar minha (boa) popularidade entre os alunos, ainda em 2005 me candidatei a uma das vagas de representante discente nas eleições para o Conselho Escolar. Sem fazer nenhum tipo de campanha e concorrendo com outras 3 candidatas, fui eleito em primeiro lugar, obtendo os votos de cerca de 38% dos alunos. Participei do Conselho ao longo dos dois anos seguintes, porém não cheguei a fazer nada além de assistir às reuniões em silêncio.

Ainda em 2005, assisti a uma reportagem no programa "Fantástico", da Rede Globo, que falava sobre a “Síndrome de Asperger", nome que ainda era usado na

época para se referir a uma forma “leve” de autismo[2]. Revendo a reportagem atualmente e, portanto com um olhar mais crítico sobre o tema, percebo-a repleta de generalizações e sensacionalismos, além de uma forte predominância do “paradigma da patologia” (tratarei sobre isso mais adiante). Na época, no entanto, acabei identificando-me com algumas das informações apresentadas sobre a “síndrome” e, desde então, passei a vislumbrar nela uma possível explicação para o meu comportamento atípico.

Figura 3: Na formatura do Ensino Fundamental, em 2005, com as paraninfas, professora Graziela e professora Carla.

Em 2006, cursando o 1º ano do Ensino Médio, tive mais algumas pequenas experiências com o teatro. Em pequenos grupos, fizemos uma adaptação da obra “As Aventuras de Robinson Crusoé”, de Daniel Defoe.

[2] A reportagem pode ser acessada no *site* *YouTube*, através do seguinte endereço: https://youtu.be/rloNvRuzwzE.

Para uma atividade na aula de artes, escrevi um pequeno texto chamado “Telejornal – absurdos e exageros”, que foi apresentado por mim e algumas colegas no formato de leitura dramática. O texto era basicamente a paródia de um telejornal, no qual eram apresentadas notícias, como o título evidencia, absurdas e exageradas. Compartilho um pequeno trecho a seguir:

> APRESENTADOR 2: – O Ibope divulgou hoje os resultados da pesquisa de intenção de voto para os candidatos à presidência: (*o apresentador pega uma das folhas e começa a ler*) o candidato AldorsbinterinoConstranvalicus do PFBTNCH aparece com 3% das intenções de voto. Logo depois vem a candidata do PLRNXOZMWKDFYB, ErdominicrinianaGosmantopíldicos com 2% dos votos e o candidato do PWKYZQTUHXVLOBFYXXGHI, Hermafroditinos Acetilsalicílicos com 1%. Os candidatos AnginospermusEdencavarélgico do PLWXYQTULQXYKZTUDFLBHQYYXZQH e KantorolorrínsimosEstrambogolense do PXZQVNOWMPQXYKBDCEIVKQT398ABCUK?,K..99BCTH835BXYTNB38ÜT312KCT tiveram menos de 1% das intenções de voto. Votos brancos e nulos: 87 %. Não souberam ou não opinaram: 70%. O Ibope ouviu 15 pessoas de 2 cidades do Brasil, e a pesquisa foi feita nos dias 1, 4, 7, 9, 13, 14, 15, 19, 20, 21, 23, 24, 25 e 26 de maio de 1987.

Paralelamente às aulas, seguiam minhas consultas com diferentes médicos... em 2006, finalmente recebi o diagnóstico, como eu já desconfiava, de “Síndrome de Asperger”. A psiquiatra que fez o diagnóstico acabou receitando-me alguns remédios que, por considerar que não estava doente, recusei-me a tomar: desfazia-me dos comprimidos secretamente, jogando-os na privada e dando a descarga.

Ao longo dos anos de 2006 e 2007 pude aproveitar os prêmios que acompanharam a conquista da medalha de ouro na OBMEP de 2005: o primeiro deles foi um curso de matemática voltado especialmente aos alunos premiados, com um ano de duração e encontros quinzenais na cidade de Novo Hamburgo-RS. Pude desenvolver ainda mais minhas habilidades matemáticas e os professores do curso mostravam-se constantemente admirados com a facilidade como eu resolvia os exercícios propostos, muitos deles com temáticas próprias do ensino superior.

Nas férias entre o 1º e o 2º ano do Ensino Médio veio o segundo prêmio: a participação no 1º Encontro dos Medalhistas de Ouro da OBMEP. O encontro, ocorrido em Nova Friburgo-RJ, teve a duração de uma semana e reuniu medalhistas de ouro de todo o país. Foi uma experiência bastante agradável que tive na época: pude aprender mais ainda sobre matemática, conviver com pessoas que compartilhavam comigo o interesse pelos números, conhecer novos lugares, etc.

3.4 Teatro e rebeldias

Outra experiência com o teatro, dessa vez mais intensa, aconteceu no ano seguinte, 2007, segundo ano do Ensino Médio. Uma nova professora de português, professora Aline, chegou à escola cheia de novas ideias, incluindo propostas de trabalho com o teatro. Mais uma vez coube a mim o papel de dramaturgo. Atendendo aos pedidos dos colegas do meu grupo, que queriam um texto engraçado, e baseando-me em filmes do estilo “besteirol”, escrevi um texto chamado “Quem matou Mary Jane?”. O enredo: 8 jovens passam suas férias numa “cabana no meio da floresta”; em meio a várias situações cômicas, uma morte misteriosa acontece; ao longo do texto pequenas pistas sobre o possível assassinato vão sendo apresentadas; no final, o mistério é solucionado. Segue um pequeno trecho da obra:

> (*As luzes voltam a ser acesas. Catrina, Calígula, Natasha e Gene estão sentados nos sofás. Catrina está novamente roendo as unhas. Camilo está de pé, andando de um lado para o outro. Todos comportam-se como se estivessem esperando alguém. John entra e permanece de pé, próximo ao sofá.*)
> CALÍGULA (*levantando-se*): – E então, John. Do que foi que ela morreu?
> JOHN: – Embora eu não tenha certeza, eu desconfio de que ela tenha sido envenenada.
> CALÍGULA: – Envenenada?
> CATRINA (*intrometendo-se*): – Foram os monstros da floresta!
> NATASHA: – Cale a boca, Catrina!
> (*Catrina sai chateada.*)
> JOHN (*sentando-se*): – Na verdade, existem três hipóteses: a primeira é que Mary tenha bebido o veneno de propósito, a fim de se suicidar. A segunda é que alguém tenha envenenado ela. E a terceira é que ela tenha bebido o veneno por engano.
> CAMILO: – E qual dessas hipóteses você acha mais provável?
> JOHN: – Eu não acho que Mary teria coragem de se suicidar, e também acho pouco provável que ela tenha bebido o veneno por engano...
> NATASHA: – Então, você acha que um de nós envenenou Mary Jane?
> JOHN: – Exatamente.
> (*Todos se entreolham.*)

Foi a experiência mais intensa que acabei tendo com o teatro na escola: era o maior dos textos dramáticos que eu havia escrito até então, era o que eu gostava mais, era feito com um grupo de colegas com quem eu me dava bem. Ensaiamos muitas vezes durante as aulas e chegamos até a faltar em uma aula de outra disciplina apenas para ensaiar (sendo repreendidos pela diretora da escola no dia seguinte).

Foram feitas duas apresentações: uma para as demais turmas do Ensino Médio noturno; e outra em uma pequena amostra organizada pela professora em um município vizinho, Caraá, onde ela residia. Minha participação como ator foi bem pequena e não tive dificuldade para executá-la. É muito provável que a qualidade da atuação não tenha sido das melhores, porém consegui fazer o que muitos acreditavam que eu não faria: subir no palco e falar (na época, minha percepção sobre o trabalho de um ator de teatro não ia muito além disso). É preciso acrescentar ainda que, na ocasião, eu estava muito mais preocupado em ser aprovado como dramaturgo do que como ator. Sobre a primeira apresentação escrevi, no dia 21 de julho de 2007, o seguinte comentário em meu diário:

> [...] foi uma experiência ótima, pois os alunos das outras turmas que achavam que eu nunca falava acabaram mudando de ideia. Dos 3 teatros que a turma apresentou, pode-se perceber nitidamente que a plateia gostou mais do teatro do meu grupo. No final da peça, várias pessoas me parabenizaram (pois fui eu que escrevi a peça) [...].

Nessa época, recebi um bilhete da professora Aline, a partir do qual ela tentou ampliar sua comunicação comigo, além de falar sobre os meus textos e sobre o teatro. Mostrando o ponto de vista de uma das minhas professoras, acredito que o texto ajuda-nos a entender melhor “quem”/”como” era o “Carlos” da época. Transcrevo, então, um trecho dele a seguir:

> Carlos...
> Bem, como você não gosta, não quer, ou até quem sabe não sente necessidade de conversar te escrevi este bilhete como uma forma de talvez me comunicar melhor com você.
> Seus textos são muito bons, você escreve muito bem garoto, na verdade, pode ser considerado um verdadeiro escritor, acho que deve escrever sempre, cada vez mais, sempre que tiver alguma idéia e mostrar os seus textos, uma literatura tão boa não pode ficar guardada, no anonimato, precisa divulgar e dividir com todos esse grande talento que possui.
> Talvez se vocês levassem a sério e continuassem apresentando a peça que você escreveu poderiam ter sucesso e muito é uma peça praticamente profissional! Não sei o que pensa a respeito disso, insisti para que o grupo de vocês não parasse, lutasse, se unisse por um objetivo e fosse pra frente mas não sei sua opinião sobre isso, o que pensa...
> Você tem uma voz linda e boa para atuar em teatro, talvez ali esteja sua maneira própria de se expressar!!!
> Fiquei impressionada com você Carlos, com a maneira como é criativo e sabe usar as palavras e a imaginação em um texto. Queria tanto te conhecer melhor, saber mais sobre você, aprender com você, pois tens muito conhecimento! Como você não conversa fica difícil, né? Mas eu respeito e compreendo essa é a sua maneira de ser e conversando ou não gosto muito de você e acho que seu olhar muitas vezes pode dizer e para pessoas sensíveis, com certeza eles dizem muito mais que inúmeras palavras.
> (sic.)

Não sei identificar ao certo como isso começou, mas 2007 foi também um ano em que passei a adotar uma postura um tanto quanto rebelde em sala de aula: me negava a fazer diversas atividades, sobretudo exercícios de matemática sobre coisas que eu já “sabia que sabia fazer”. Quase todas as aulas de matemática se resumiam ao mesmo ritual: a professora chegava, passava exercícios no quadro, dava um tempo para os alunos resolverem os exercícios e os corrigia em seguida. Já meu comportamento nessas aulas consistia em: olhar brevemente para o quadro e constatar que eu já sabia como se resolviam aqueles exercícios, passar o resto da aula lendo ou fazendo qualquer outra coisa que me desse vontade. A professora em questão, professora Isabel, raramente reclamava da minha falta de participação, e minhas notas na disciplina seguiam sempre altas.

Passei também a não fazer alguns trabalhos cuja proposta era escrever sobre algum assunto que não me interessava. Ou, em certos casos, eu até fazia o trabalho, mas escrevia de forma debochada, fazendo críticas ao tema proposto, muitas vezes quase sendo desrespeitoso com alguns professores. Tal comportamento permaneceria em parte no ano seguinte.

Foi ainda em 2007 que consegui, depois de 6 anos, abandonar o hábito de andar olhando para o chão. Acredito que, em parte, isso foi possível por ser o primeiro ano em que estudei à noite. Sobretudo na hora de voltar para casa, não havia quase nenhuma movimentação nas ruas e isso me deixava mais à vontade para abandonar a velha postura e observar a rua de frente. Meu silêncio, no entanto, permaneceu.

3.5 Cartas e "treinamento"

No final do ano de 2007, no que aparentou ser alguma tentativa de se aproximar de mim, minha professora de História, professora Viviani, me emprestou dois livros seus para eu ler durante as férias; eram eles: “Memória de Minhas Putas Tristes”, de Gabriel García Márquez – meu primeiro contato com aquele que viria a se tornar meu escritor favorito – e “Quando Nietzsche Chorou”, de Irvin D. Yalom.

No início de 2008, 3º e último ano do Ensino Médio, devolvi os livros à professora juntamente com um texto, praticamente uma carta, em que eu falava o que tinha achado dos mesmos. Na aula seguinte a professora entregou-me uma resposta à minha carta, cuja resposta eu entreguei em outra aula e, assim,

desencadeou-se entre nós uma constante troca de cartas que duraria o ano inteiro. Falávamos sobre as aulas, sobre nossas vidas, nossas leituras, nossas crenças e descrenças... foi uma experiência em que consegui me abrir bastante através da escrita.

Ao longo das cartas, acabei falando sobre a questão da “Síndrome de Asperger”/autismo e sobre um incômodo que eu vinha sentindo na época: com meu excesso de silêncio e introversão, via-me demasiado distante dos colegas, não conseguia me comunicar espontaneamente com eles e muitas vezes isso me incomodava. Sentia-me solitário demais.

A fim de ajudar a vencer minhas dificuldades de socialização, a professora acabou levantando a proposta de um “treinamento”, que ela iria desenvolver ao longo de várias de suas cartas, apresentando sugestões, como no trecho abaixo:

> Poderíamos chamar isso de treinamento para o lutador adquirir condicionamento físico: na hora do recreio, você vai caminhar pela escola, dá uma volta, toma água, compra uma merenda (mesmo que você não coma); procure ficar em pé antes de começar as aulas ou nas aulas de educação física, pois você está sempre sentado; em casa, se olhe no espelho e fale em voz alta (não resmungue) para si mesmo:
> – Oi Carlos, tudo bem? Aquela prof.ª Viviani é uma chata, né?
> – Você gostou do almoço?
> – Que roupa você vai usar hoje?
> E assim, converse em voz alta com você. Se ficar com vergonha da família, espere o momento em que não tenha ninguém em casa. Você também poderia começar a fazer academia para melhorar sua postura porque se você não cuidar poderá ter problemas na coluna, você já melhorou, mas precisa ainda mais, pois fica muito "retraído" quando está sentado, precisa "abrir" mais os ombros (sic).

Não cheguei a seguir todas as sugestões, como a de falar sozinho diante do espelho, mas coloquei outras em prática: aos poucos, passei a abandonar atitudes que acabavam me isolando mais dos colegas, como permanecer sozinho na sala de aula durante o recreio, e fui conseguindo, lentamente, abandonar alguns demeus velhos hábitos “antissociais”.

Foi ainda através dessas correspondências, como mais uma etapa do “treinamento”, que a professora Viviani me convidou para fazer um trabalho voluntário na biblioteca da escola, que se achava sem bibliotecário no turno da tarde. Sendo a biblioteca um dos meus lugares favoritos, aceitei o convite sem titubear.

O trabalho na biblioteca ao longo daquele ano acabou sendo não só uma forma de estar mais perto dos livros, mas também de desafiar a mim mesmo: uma vez como bibliotecário cabia a mim atender estudantes e professore(a)s que lá apareciam, tarefa que creio que consegui realizar satisfatoriamente, mantendo meu hábito de falar apenas o essencial.

Nesse mesmo ano, na disciplina de sociologia, realizamos uma atividade em que deveríamos escrever e depois ler para a turma um texto em que falássemos sobre nós mesmos. Tenho esse texto guardado até hoje, como outros já citados, e transcrevo-o abaixo com o intuito de ilustrar minha autopercepção na época – muitas das ideias expressas permanecem comigo atualmente (o gosto pela leitura, pela escrita), outras tantas foram abandonadas, reformuladas, etc. (o excesso de religiosidade, por exemplo, hoje substituído por um ateísmo radical). Chamo ainda a atenção para a primeira frase do texto: minha já mencionada "marca registrada", para minha própria surpresa, já existia pelo menos desde 2008.

> Meu nome é Carlos Eduardo Perola. Nasci no dia 15 de janeiro de 1991, por volta das 10 horas da manhã e tenho, portanto, cerca de 17 anos, 6 meses e 24 dias de idade.
> Não sei se é eu que sou muito "esquisito" ou se "os outros" é que são muito "normais", mas o fato é que eu sempre fui um "cara" meio diferente da maioria das pessoas. Não gosto de ficar obedecendo às "regrinhas" e normas impostas pela sociedade e, geralmente, discordo dos conceitos que essa mesma sociedade tem sobre o "certo" e o "errado", o "normal" e o "anormal", o "lúcido" e o "insano".
> Enquanto muitos preferem ver televisão, eu prefiro ler um livro. Enquanto muitos são "loucos por futebol", eu prefiro uma boa partida de xadrez. Enquanto muitos acreditam no "poder da democracia", eu tenho certeza de que a anarquia é a única solução. Enquanto muitos gostam de cerveja, eu prefiro um chá de camomila. Enquanto muitos dizem que "os opostos se atraem", eu, particularmente, acho que o contrário é muito mais interessante. Enquanto muitos gostam de "bandinha", eu gosto de *rock'n'roll*. Enquanto muitos querem ser "normais", eu prefiro ser "louco" mesmo (aliás, como diziam Os Mutantes: "[...] louco é quem me diz e não é feliz. Eu sou feliz").
> Apesar de "ser feliz", eu, assim como todos, tenho que passar por alguns problemas que, às vezes, "atrapalham" a minha felicidade. Na verdade, eles me atrapalham em tudo (ou quase tudo), mas aos poucos estou conseguindo resolvê-los. Aliás, eu tenho que resolvê-los pois, como dizia Confúcio, um sábio filósofo chinês, "o pior dos defeitos é ter defeitos e não procurar corrigi-los".
> De modo geral, posso dizer que o meu comportamento é uma "mistura" de filosofia hippie com cristianismo. E lemas como "paz e amor" e "ama o teu próximo como a ti mesmo" estão entre os meus favoritos. Além disso, sou obcecado por Jesus Cristo e tenho a vida dele como um exemplo a seguir (tirando a parte de ser pregado numa cruz).
> No momento, trabalho voluntariamente como bibliotecário na biblioteca da escola. É um "trabalho" muito legal pois, nas horas vagas, posso ficar lendo tudo o que eu quiser e, além disso, posso conviver com as crianças que estudam à tarde aqui no colégio. Apesar de algumas serem meio

> “pestinhas”, elas são, em geral, adoráveis “figuras” e é ótimo conviver com elas (embora eu prefira a companhia dos meus colegas).
> Ao terminar o Ensino Médio, pretendo cursar uma faculdade de teologia (porém não pretendo ser padre, pastor, nem nada parecido, apenas um teólogo).
> Ainda não tenho certeza do que farei profissionalmente, mas como gosto muito de escrever, penso em talvez me tornar escritor.

Considero interessante transcrever aqui um comentário que a professora Viviani fez quando lhe enviei uma cópia desse texto, junto com uma das cartas:

> Ali, quando você descreve como você é (o que eu já sabia), eu penso que você só se torna "diferente" porque aqui em Riozinho existe uma certa HOMOGENEIDADE comportamental.
> Talvez quando você for morar em outra cidade, conhecerá pessoas parecidas com você, da "sua tribo" e aí parecerá totalmente "normal", como você é na realidade. Já te falei né, que para mim você não é diferente, só tem um jeito diferente de se comportar. Mas, diferente da maioria das pessoas daqui. Também, como já "te disse", há na escola alguns alunos "um pouco" parecidos, mas só não tão inteligentes quanto você (sic).

Figura 4: Na formatura do Ensino Médio, como orador da turma.

No final do ano, graças à minha fama de “bom escritor” fui escolhido pela turma para ser o orador na cerimônia de formatura. Mais uma vez vi muitos (alunos e alunas de outras turmas, pessoas da comunidade) duvidarem de que o “mudinho”, o “quieto”, o “doente” seria capaz de falar diante de um público. Mais uma vez eles estavam enganados.

Figura 5: Na formatura do Ensino Médio, com os paraninfos: Professora Viviani e Professor Otto

3.6 Do Ensino Médio à universidade

Contrastando com as comemorações dos demais colegas, foi com tristeza que me despedi do Ensino Médio, que dei adeus ao ambiente escolar do qual eu tanto gostava. Segui frequentando a escola João Alfredo nos dois anos seguintes: em 2009 como usuário da biblioteca; e em 2010 novamente como bibliotecário, no turno da noite.

Em 2011, depois de dois anos sem estudar (nos quais minha principal ocupação foi o trabalho na linha de montagem de uma fábrica de calçados), ingressei no curso de História da Universidade Federal de Pelotas.

Cheguei a cursar os dois primeiros semestres do curso. Meu comportamento permaneceu praticamente o mesmo do final do ensino médio: o silêncio sempre prevalecendo. Eu já previa que esse excesso de silêncio provavelmente iria chamar a atenção dos colegas e, portanto, já nos primeiros dias de aula fiz questão de esclarecer-lhes a situação, enviando-lhes uma mensagem através da rede social *Orkut*, ainda em uso na época, na qual eu lhes explicava sobre minha condição como autista.

Não sei até que ponto os professores do curso estavam também cientes dessa condição. Não tinha contato com eles através das redes sociais, mas não descarto a possibilidade de terem ficado sabendo de meu autismo através dos colegas. De qualquer forma, nos dois semestres em que estive no curso, todos os professores se mostravam bastante distantes dos alunos, sobretudo dos mais silenciosos; e acredito que a maioria deles nem chegou a “aprender” meu nome.

3.7 Núcleo 2

No início do segundo semestre letivo de 2011, através de divulgações nas redes sociais, fiquei sabendo da existência de um projeto coordenado por um professor do curso de Teatro, professor Adriano Moraes, que tinha como proposta possibilitar um contato com a linguagem teatral, em encontros que aconteciam sempre aos sábados, às pessoas da comunidade em geral que estudavam e/ou trabalhavam durante a semana. Esse projeto, ligado ao programa de extensão “Núcleo de Teatro Universitário” era chamado de “Núcleo 2” e vi nele a possibilidade de voltar a me envolver com o teatro, além de poder conhecer pessoas novas e ter uma ocupação nos finais de semana.

Os encontros envolviam exercícios de treinamento corporal, de improvisação com textos, músicas, etc. Desde os primeiros encontros, fiquei bastante satisfeito por perceber que eu estava conseguindo participar dos exercícios propostos, conseguindo “me soltar” de um modo que não me era habitual, enfim, conseguindo me divertir. O teatro passou a me atrair cada vez mais. No *e-mail* transcrito abaixo, que enviei na época para o professor Adriano Moraes, faço uma avaliação do projeto e aproveito para falar sobre o meu aparente “excesso de timidez” que, naturalmente, já havia sido notado pelo grupo de participantes do projeto e pelo professor:

> Olá, Prof. Adriano.
> Primeiramente, peço desculpas pela demora em enviar o *e-mail*.
> Antes de dar meu parecer sobre as atividades do Núcleo 2, eu gostaria de aproveitar esse *e-mail* para me explicar sobre o meu aparente "excesso de timidez":
> Na verdade, o que eu tenho não é exatamente "timidez" e sim algo chamada Síndrome de Asperger... que é um tipo mais moderado de autismo. Essa síndrome faz com que eu tenha uma certa dificuldade para conversar com as pessoas, olhar nos olhos delas, etc (há várias características que nem eu sei explicar direito e que variam bastante de um portador pra outro). Essa síndrome não tem cura mas, com o passar do tempo, a maioria dos portadores conseguem superar as dificuldades

impostas por ela... (eu, por exemplo, tenho melhorado bastante ultimamente... há uns anos atrás eu era bem "pior")
Sobre o núcleo: eu estou me esforçando bastante para participar de todas as atividades e manter-me em sintonia com o restante do grupo mas, devido à síndrome, isso nem sempre é uma tarefa muito fácil...
Eu me sinto mais a vontade fazendo as coisas junto com o grupo todo (como a "serenata" na padaria) ou em duplas, trios, etc do que sozinho (como quando você pediu para cada um cantar uma parte da música).
E, as vezes, tenho dificuldades para fazer as coisas sem ser "mandado" ou sem que me digam exatamente o que tenho que fazer... por exemplo, nos primeiros dias, quando formávamos um circulo e fazíamos os alongamentos/exercícios/etc todos juntos e ao mesmo tempo, eu não tinha dificuldade para fazê-los... mas agora que o fazemos sozinhos, cada um do seu jeito, eu fico meio desnorteado...
Outro caso em que fiquei desnorteado foi no último encontro, quando estávamos nos empurrando... primeiramente, você disse para ficarmos em duplas, fiquei em dupla com o Higor, então ele me empurrava e esperava eu empurrá-lo, eu o empurrava e esperava ele me empurrar, etc... até aí, não estava sendo nem um pouco difícil, mas depois que começaram a misturar as duplas e todos ficaram empurrando todos, eu não consegui mais empurrar ninguém...
Isso tudo pode parecer um tanto esquisito, mas a Síndrome de Asperger é, deveras, um apanhado de "esquisitices". Meu cérebro não funciona como o das "outras pessoas" e nem tudo o que parece fácil para a maioria dos outros é fácil para mim e nem tudo o que parece difícil para a maioria dos outros é difícil para mim...
Estou achando legal a coreografia do coro... e também gostei bastante dos poemas que você nos passou no último encontro (embora eu não saiba o que exatamente faremos com eles).
Vou continuar me esforçando para me soltar mais nos próximos encontros... e utilizar mais minha energia, tal como você salientou que devemos utilizá-la.
Creio que é só isso o que eu tinha a dizer.
Abraço,
Carlos Eduardo Pérola

Transcrevo também a resposta do professor Adriano:

Carlos,
Obrigado por escrever. Eu já havia percebido que não se tratava de um "excesso de timidez", mas ao ouvi-lo lendo um texto em um dos encontros iniciais fiquei impressionado com seu ritmo de leitura. Cogitei até que em algumas cenas você poderia comandar o ritmo. Me parece que para você não é um problema ler um texto como é para a maioria dos seus colegas. Fico feliz com as esquisitices e quero dizer que temos muitas esquisitices em ordens e graus distintos.
Eu também tenho percebido que andas mais solto. Percebo muitas vezes um esboço de riso em algumas situações. O que é ótimo, é uma comunicação muito enfática de que estás curtindo aquele momento.
Pedi a você que escrevesse para que pudéssemos iniciar uma conversa mais longa. De fato, quem entende mais de sua síndrome é mesmo você. E pelo que já pude ver *in loco* você tem como me ajudar a entendê-la.
Uma última coisa: a partitura funciona para o ator o que as solicitações objetivas funcionam para você: elas dão segurança, definem aquilo que você tem que fazer com muita objetividade. Sugiro um exercício: monte partituras rápidas para tentar ampliar a comunicação nas diversas situações em que você se encontrar. Sugiro que você leia o texto "A preparação do ator" de Constantin Stanislavski. Há ali uma série de sugestões de como criar e executar partituras de ações. E, quanto a mim, irei colocá-lo em

> situações em que tenha que se colocar (evidentemente respeitando seus tempos).
> Abraços,
> Adriano

Não cheguei a ler o livro sugerido na época, mas viria a lê-lo no ano seguinte, já como aluno do curso. A ideia das partituras voltaria a ser considerada, também no ano seguinte.

No decorrer dos encontros do projeto Núcleo 2, acabou-se criando o experimento “Casa”, primeira obra teatral da qual participei desde o término do Ensino Médio. Minha participação se dava principalmente nas cenas inicias, na qual representava primeiramente um sacerdote e, na cena seguinte, o personagem Herodes, da peça “Salomé”, de Oscar Wilde.

Figura 6: Experimento "Casa", apresentado no final de 2011.

A satisfação com as atividades das quais acabei participando no “Núcleo 2” aliada a um descontentamento que passei a ter na época com o curso de História conduziram-me à decisão de trocar de curso. Assim, em março de 2012, ingressei no curso de Licenciatura em Teatro da UFPel.

4 Trajetória no Teatro

> *"Por que nos preocupamos com arte? Para cruzar fronteiras, vencer limitações, preencher o nosso vazio – para nos realizar. Não se trata de uma condição, mas de um processo através do qual o que é obscuro em nós torna-se paulatinamente claro."*
>
> *(Jerzy Grotowski)*

Trato nessa seção sobre as experiências que tive como aluno do curso de Teatro da UFPel, desde o ingresso em 2012 até o segundo semestre letivo de 2017 (encerrado, de acordo com o calendário acadêmico da instituição, em março de 2018).

Meu relato foi construído sobretudo a partir de minhas memórias, porém constantemente recorri à análise/leitura de imagens e documentos produzidos por mim a cada semestre e/ou que se relacionem diretamente com minha trajetória (incluindo aí trabalhos acadêmicos produzidos em diferentes disciplinas, registros fotográficos de espetáculos e experimentos dos quais eu tenha participado, textos escritos para atividades relacionadas à pesquisa e à extensão, etc.). Muitos dos textos ou trechos deles foram citados, como já feito na seção anterior, com o intuito de enriquecer ainda mais minha narrativa. Optei por dar um maior destaque às experiências que considero mais relevantes para um bom entendimento da minha trajetória no curso.

4.1 Primeiro semestre de 2012

Improvisação Teatral I, Expressão Corporal I, Fundamentos da Linguagem Teatral, Fundamentos Psicológicos da Educação e História do Teatro I foram as disciplinas por mim cursadas no primeiro semestre do curso. O semestre foi marcado por uma longa greve docente, vindo a acabar somente no final do mês de setembro, cerca de três meses após o previsto. Paralelamente às atividades de ensino, participei intensamente das atividades do programa de extensão Núcleo de Teatro da UFPel[3].

[3] Ligado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC), o programa foi criado em 1995, inicialmente como um projeto, e durante sua primeira década de existência foi coordenado pela professora Fabiane Tejada da Silveira. O Núcleo passou a ser coordenado pelo professor Adriano Moraes em

Logo no início do ano letivo fui convidado pelo professor Adriano Moraes para participar das atividades diárias do Núcleo de Teatro, que naquele momento consistiam em atividades de treinamento de atores/atrizes, criação de experimentos poéticos[4] e estudos sobre a poética do ator e diretor russo Vsevolod Meyerhold.

Participavam, junto comigo, das atividades do Núcleo de Teatro outros três alunos do curso: Elias Pintanel, Giovanna Hernandes e Maurício Rodrigues. Logo nas primeiras semanas após o meu ingresso no grupo, passamos a trabalhar em duplas com dois textos do dramaturgo Plínio Marcos: Elias e Giovanna trabalharam com a peça “Quando as máquinas param” e Maurício e eu com “Dois perdidos numa noite suja”, texto que trata sobre a convivência e os conflitos vividos entre dois sujeitos, Paco e Tonho, que, em meio a uma existência miserável – temática recorrente na obra de Plínio Marcos –, dividem um quarto de pensão.

Por volta do mês de abril, aconteceu o retorno do projeto Núcleo 2, que havia sido interrompido no final do ano anterior. O projeto seguiu acontecendo aos sábados, contando agora com novos integrantes. Nas primeiras semanas do projeto, os 4 integrantes do projeto principal (que, às vezes, chamávamos informalmente de “Núcleo 1”) ofertaram diversas oficinas de introdução ao teatro aos participantes do Núcleo 2. Na ocasião, trabalhei com a colega Giovanna em uma oficina de Improvisação. Nas semanas seguintes, foram realizadas algumas experimentações cênicas a partir do texto “Homens de Papel”, também de Plínio Marcos, e a temática dos catadores de lixo. Simultaneamente às atividades práticas, foram desenvolvidos estudos teóricos sobre a poética do diretor colombiano Santiago Garcia, fundador do grupo *La Candelaria*. Com o início da greve em meados de julho daquele ano, o projeto Núcleo 2acabou sendo suspenso, sendo retomado somente no ano seguinte, em um novo formato.

Nessa época, praticamente toda minha rotina diária girava em torno do teatro: passava manhãs e tardes no Núcleo, envolvendo-me em atividades de treinamento, ensaios, estudos, etc. e, à noite, assistia às aulas do curso.

2007 e, sob a sua coordenação, o programa passou a se voltar principalmente para práticas de formação de atores/atrizes, pesquisa em teatro e teatro experimental (OLIVEIRA e RODRIGUES, 2017, p. 23).

[4] Segundo o professor Adriano Moraes de Oliveira e o então bolsista do Núcleo, Elias Pintanel: “O experimento poético é um trajeto de criação teatral amparado em duas instâncias particulares: a primeira é a forma, isto é, um dado concreto que serve de guia (um texto, um roteiro, um método); a segunda é a ação dos integrantes da pesquisa que obedece a intimações de seus imaginários. O experimento poético também pode ser um método de pesquisa, pois é elaborado a partir de premissas objetivas. Em um experimento poético os integrantes evidenciam seus repertórios imaginais na forma como agem sobre e/ou a partir de uma forma dada” (2013, n.p.).

Aos poucos, comecei a conhecer a história do teatro, desde suas manifestações pré-históricas até os teatros gregos e romanos. Em Expressão Corporal, estudamos principalmente as “qualidades do movimento” de Rudolf Laban e trabalhamos com muitos exercícios práticos e construções de partituras. Em Fundamentos da Linguagem Teatral estudamos os possíveis conceitos de arte e teatro.

O Teatro se mostrou para mim um curso muito mais alegre que a História, mais gostoso, mais atraente, mais motivador, mais cativante. Mesmo falando pouco, não tive dificuldade para me enturmar com os colegas de turma.

No âmbito do ensino, uma das atividades mais interessantes do semestre ocorreu na disciplina de Improvisação Teatral, na qual tivemos que construir uma cena (alguns o fizeram individualmente, outros em dupla) e apresentá-la em algum local público. Apresentei uma cena que foi chamada de “O Pastor”, no “calçadão” da cidade de Pelotas. Na cena, eu representava um jovem pastor que, após entremear suas leituras da Bíblia com cálculos diversos, afirmava ter descoberto a data em que Jesus Cristo voltaria à Terra.

Figura 7: Apresentação da cena "O Pastor", no calçadão de Pelotas.

Apesar de ter vivido boas experiências nas aulas, considero que o trabalho desenvolvido na extensão, através do Núcleo de Teatro acabou sendo o mais significativo para mim ao longo desse primeiro semestre, devido à grande quantidade de atividades das quais participei e da grande quantidade de tempo que cada membro do grupo dedicava a tais atividades.

A partir das cenas que estávamos criando com os textos de Plínio Marcos, além de uma retomada de outros textos e cenas de trabalhos anteriores (incluindo aí um texto que eu falava no espetáculo “Casa”, em 2011), construímos o Espetáculo-aula “Margem Periférica”. O espetáculo foi apresentado cerca de 10 vezes ao longo do mês de maio de 2012, como parte do projeto “Núcleo de Teatro nas unidades”, que visava basicamente levar o teatro às diferentes unidades acadêmicas da UFPel. Foi mais uma ótima experiência ocorrida na minha estadia no Núcleo: ao longo dessa temporada, tive a oportunidade de conhecer muitos prédios da universidade que eu ainda não conhecia, de apresentar-me diante de públicos bastante variados, em muitos dos casos alunos e alunas que não tinham o hábito de assistir teatro. A experiência de apresentar-se em espaços bastante diferentes, desde auditórios de tamanhos e formatos diversos até salas de aula, também foi bastante enriquecedora e considero que ajudou a desenvolver em mim uma capacidade de adaptação da cena que eu viria a utilizar em muitos momentos ao longo de minha trajetória no teatro.

Figura 8: Apresentação de "Margem Periférica" na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (Faurb).

Outro trabalho no qual eu e os demais integrantes do Núcleo estivemos envolvidos na época foi o projeto de pesquisa “Grupos teatrais em atividade no extremo sul do RS: mapeamento das práticas criativo-formativas”, desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Processos Criativos em Artes Cênicas (GEPPAC), grupo que também era coordenado pelo professor Adriano Moraes. O

projeto, segundo informações da plataforma Lattes informadas pelo professor Adriano, visava

> Mapear as rotinas de trabalho de grupos de teatro da região sul do Rio Grande do Sul para estimular a construção e/ou reconstrução de projetos pedagógicos dos grupos pesquisados por meio de experimentos poéticos; desenvolver experimentos poéticos (práticas teatrais) que abranjam os seguintes elementos composicionais da cena; interpretação, direção, dramaturgia, trilha sonora, cenografia e adereços (em função da qualificação da equipe do projeto) criar espaço virtual para servir de lugar de intercâmbio entre os grupos de teatro pesquisados e no qual possa haver um fórum permanente de discussão, difusão e produção de conhecimento; organizar publicação com os principais resultados da pesquisa objetivando a ampla divulgação nos cursos de teatro de Universidades brasileiras; estabelecer trocas de conhecimentos produzidos na UFPel e nos âmbitos dos grupos teatrais pesquisados[5].

Esse projeto contou com diversas etapas. Na primeira delas, foram feitos estudos/leituras sobre a temática do teatro de grupo. Já na etapa seguinte foram feitas visitas de campo a diversos municípios do extremo sul do Rio Grande do Sul, visitas nas quais os membros do GEPPAC ofertavam uma oficina de Teatro e realizavam uma entrevista com os participantes da oficina, geralmente pessoas que desenvolviam atividades teatrais naquele município, seja em grupos organizados ou não. Participando de tais atividades, cheguei a visitar os municípios de Piratini, Cerrito e Canguçu. As demais etapas da pesquisa foram sendo desenvolvidas ao longo dos semestres seguintes.

Figura 9: Eu e o colega Maurício Rodrigues apresentando uma cena de "Dois perdidos numa noite suja" durante uma oficina em Piratini-RS.

[5] Disponível em http://lattes.cnpq.br/4119639556374645. Acesso em 19 de abril de 2018.

Nos dias 4, 5 e 6 de junho, mais uma vez junto com os integrantes do Núcleo de Teatro, participei da V Jornada Latino-americana de Estudos Teatrais, na cidade de Blumenau-SC. Cada integrante do Núcleo estava desenvolvendo na época uma pesquisa individual a partir de algum tema de seu interesse e que se relacionasse com a temática "poéticas teatrais contemporâneas e teatro de grupo", com a qual vínhamos trabalhando no Núcleo de Teatro e no GEPPAC. Assim, cada aluno-pesquisador apresentou no evento um *banner* sobre a sua pesquisa.

A partir de uma sugestão do professor Adriano, o tema de minha pesquisa foi "O trabalho do ator com Síndrome de Asperger em um contexto de teatro de grupo". O resumo do trabalho, a seguir, também foi escrito com o auxílio do professor Adriano:

> A presente pesquisa busca compreender como o trabalho de formação atoral em um contexto de teatro de grupo possibilita que alguns limites impostos pela Síndrome de Asperger sejam ultrapassados. A pesquisa é concentrada em mim mesmo, pois noto que dificilmente consigo ultrapassar alguns de meus limites fora de um contexto teatral. Ao encenar uma peça, eu, ator com Síndrome de Asperger, sei exatamente o que tenho que fazer e o que tenho que falar. Ao mesmo tempo, tenho a consciência de que não sou eu quem age vocalmente ou fisicamente, mas a personagem que interpreto. Essa configuração em que minha exposição é mediada pela literatura e pelo jogo teatral causa uma sensação de segurança. O texto literário e a linha de ações físicas funcionam como exercícios de domínio de falas e de meus movimentos. A pesquisa encontra-se ainda em um estágio inicial. O desenvolvimento dela será divulgado em publicação organizada no projeto "Grupos teatrais em atividade no extremo sul do RS: mapeamento das práticas criativo-formativas".

Não lembro claramente como surgiu a ideia de que o teatro ajuda a ultrapassar "limites impostos pela Síndrome de Asperger". Acredito que foi uma ideia construída conjuntamente, em parte porque as pessoas que conviviam comigo percebiam que, em cena, eu consegui abandonar facilmente o silêncio característico do meu comportamento cotidiano, e, em parte, por textos escritos por mim na época, alguns como parte das atividades do Núcleo, outros não. Cito, por exemplo, um trecho de um texto publicado em meu *blog* "Alívio Imediato[6]" no final de 2011:

[6] O *blog* ainda pode ser acessado em http://alivioimediato.tumblr.com. Trata-se de um *blog* pessoal criado em 2010, no qual escrevi com maior frequência até 2013 e que voltei a usar recentemente, no final de 2017. O nome "Alívio Imediato" foi inspirado em uma canção homônima da banda gaúcha Engenheiros do Hawaii. Tanto o nome/expressão "Alívio Imediato" como a própria canção viriam a ser utilizados em outros momentos de minha trajetória no Teatro. O trecho citado pertence ao texto "2011 palavras sobre 2011", cujo *link* direto é http://alivioimediato.tumblr.com/post/15100053364/2011-palavras-sobre-2011.

> Apaixonei-me pelo teatro. Sinto-me estranhamente bem quando estou atuando e tenho a impressão de que certas coisas que me parecem muito difíceis na “vida real” acabam, no teatro, se tornando bem mais fáceis (ou algo parecido com isso).

Figura 10: Em Blumenau-SC, ao lado do *banner* sobre a pesquisa “O trabalho do ator com Síndrome de Asperger em um contexto de teatro de grupo”.

Esse foi o primeiro momento de minha trajetória em que se considerou a ideia de pesquisar a relação entre o teatro e o autismo. Pesquisa essa que, com algumas descontinuidades e mudanças de paradigmas, culminaria no presente trabalho.

Figura 11: Participação em evento sobre o Imaginário e (auto)biografias. Da esquerda para a direita: Rodolfo Furtado representando "O imperador", Giovanna Hernandes representando "A imperatriz", Carlos Perola representando "O louco", Lúcia Maria Vaz Peres, líder do GEPIEM, Marcelo Silva, criador dos figurinos, e Maurício Rodrigues representando “O mago”.

Entre os dias 11 a 14 de setembro de 2012, o Núcleo de Teatro realizou algumas intervenções artísticas no “I Colóquio Internacional sobre Imaginário, Educação e (Auto)biografias e V Colóquio Sobre Imaginário e Educação”, evento organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM) da UFPel. Dentre as intervenções, estava uma performance intitulada “Cartas na Mesa”, na qual representávamos cartas de tarô.

Na mesma época, aconteceram no Núcleo os ensaios de um novo experimento, a partir do texto “Lua Nua”, de Leilah Assumpção. No experimento, eu representava uma empregada doméstica, Dulce, e contracenava com outros dois alunos do curso: Rodolfo Furtado (que começara a participar recentemente das atividades do “Núcleo 1”) e Viviane Famil (que participara do projeto “Núcleo 2” em 2011 e início de 2012). Devido a alguns problemas com o elenco, o experimento acabou não sendo finalizado.

4.1.1 Alívio Imediato

Paralelamente a todos essas atividades, desenvolveu-se também no Núcleo, ao longo desse semestre, um processo que culminaria em um dos trabalhos mais significativos que realizei ao longo de minha trajetória no Teatro: o experimento “Alívio Imediato”.

O experimento foi construído a partir de duas referências inicias: a primeira delas foi a conhecida figura de Leonardo da Vinci, “Homem Vitruviano” (fig. 12). Desde minhas primeiras semanas no Núcleo, evidenciou-se através dos exercícios de improvisação uma dificuldade minha em “abrir o corpo” em cena. A emblemática figura de membros estendidos foi então escolhida pelo professor Adriano para servir-me como uma referência nos exercícios de treinamento que realizávamos no Núcleo. Passei a incluir em meu treinamento exercícios em que eu deveria “abrir” braços e pernas, como se estivesse imitando a figura.

Quanto à segunda das referências iniciais, o professor Adriano sugeriu que eu desenvolvesse uma cena a partir de um texto retirado do meu já citado *blog* “Alívio Imediato[7]”. Tratava-se de um longo texto de caráter autobiográfico que eu usava para me apresentar aos visitantes do *blog*.

[7] Após algumas alterações no *blog*, o texto acabou sendo apagado, mas pode ser lido no Apêndice A.

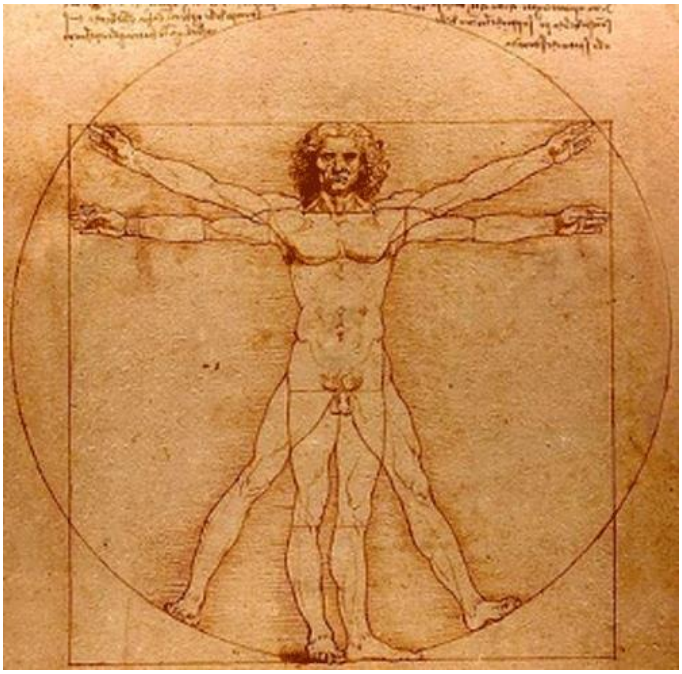

Figura 12: "Homem vitruviano", de Leonardo Da Vinci.

Comecei a fazer algumas experimentações com esse primeiro texto e, alguns dias depois, o professor Adriano me apresentou uma sugestão de roteiro para o experimento que seria criado, que se dividia em dois quadros. O primeiro, chamado "*readymade* performativo ou o abuso da fala-escrita" tinha como proposta a verbalização do já mencionado texto "autobiográfico", realizando concomitantemente uma ação de trocar de roupas rapidamente, em busca de "uma máscara ideal" – não cheguei, no entanto, a experimentar especificamente essa ação, pois logo começaram a surgir outras ideias para o trabalho. Já no segundo quadro, intitulado "O descompasso da língua – a fala não compreendida", a proposta era trabalhar com um texto em inglês, retirado da obra "*Hamletmachine*" ["Hamlet-Máquina"], do dramaturgo alemão Heiner Müller.

Pouco tempo depois, o professor Adriano foi participar de um evento em Buenos Aires e, ao retornar, me presenteou com o texto em espanhol de "Cem Anos de Solidão", de Gabriel Gárcia Márquez e, já que eu estava trabalhando com um texto em inglês, sugeriu que eu escolhesse e memorizasse também um trecho em espanhol, do que ele já sabia ser um dos meus livros favoritos.

Nenhum de nós sabia o que iria acabar surgindo a partir desses textos, mas a ideia de se trabalhar com diferentes línguas acabou se mostrando uma possibilidade bastante interessante para ser desenvolvida em cena. Decidimos então seguir com a mesma "brincadeira" e acabei selecionado e memorizando também um texto em

francês (trecho do poema "*Une saison em enfer*" ["Uma estação no inferno"] de Arthur Rimbaud) e outro em alemão (o poema "*Dein ist mein ganzes Hertz*" ["É só teu o meu coração"] de Fritz Löhner-Beda). O trabalho de memorização de cada texto foi precedido por um breve estudo sobre os padrões de pronúncia de cada idioma.

O nome do experimento foi concebido a partir da relação do título do meu *blog* com a ideia já mencionada de que o teatro me ajudava a "superar limites", tornando mais fáceis coisas que costumam ser difíceis para mim na "vida real": passamos a considerar então a ideia do teatro como um gerador de "Alívio Imediato" e este foi o nome escolhido para o experimento.

Paralelamente aos meus trabalhos com o "Alívio Imediato", meus colegas do Núcleo também desenvolviam suas pesquisas/experimentos, que chamávamos de "solos", por contarem com apenas um ator ou atriz em cena. Enquanto os solos ainda estavam sendo criados, o professor Adriano propôs que fizéssemos uma temporada de apresentações dos mesmos no mês seguinte. Foi construído um cronograma de apresentações e logo iniciou-se a divulgação da temporada – sobre o experimento "Alívio Imediato", o professor escreveu o seguinte *release*:

> O que fazer quando a fala é espontânea apenas em lugares em que a espontaneidade é quase nula? Esse é um espetáculo de um ator com Asperger: o que é dificuldade no dia a dia torna-se um alívio no jogo teatral. Aliviar-se é sinônimo de fala aberta, de gritos, de risos, de choro... enfim, de tudo aquilo que a síndrome de Asperger impõe como limite: o uso fluente da comunicação verbal e não verbal. Os textos ditos não tem tanta importância quando o que realmente importa é a comunicação direta, rápida, imediata.

Chegamos então a um momento em que os textos do experimento estavam memorizados, o título definido, as datas de apresentações e o *release* da obra divulgados, porém o experimento ainda não estava dramaturgicamente organizado: era preciso costurar o monte de textos que eu havia memorizado e ainda não sabia como seriam utilizados. Essa "costura" foi realizada em um ensaio ocorrido uma semana antes da estreia. Definiu-se que os textos seriam utilizados, conforme já mencionado no *release*, com o intuito de explorar em cena a questão da fala, sem ligar muito para o significado do que estava sendo dito – o que combinou muito bem com o uso de textos em línguas estrangeiras[8].

[8] Cabe colocar aqui um breve comentário sobre o estilo de direção do professor Adriano Moraes: segundo palavras do próprio Adriano, compartilhadas comigo ao longo do processo de escrita/orientação deste trabalho, trata-se de uma direção na qual, como uma "herança consciente"

As apresentações aconteceriam na sede do Núcleo de Teatro, uma casa com vários cômodos. Optou-se então por apresentar uma cena em cada cômodo diferente, conduzindo o público de uma cena para com o auxílio de uma frase retirada do texto “A cantora careca” de Eugène Ionesco: “Não é por aí, é por aqui!”.

Em um trabalho escrito por mim alguns anos depois, na disciplina de História do Teatro IV – no qual deveríamos falar sobre algum processo criativo que ilustrasse as formas contemporâneas de criação teatral e no qual optei por falar sobre o “Alívio Imediato” – faço ainda o seguinte comentário sobre o experimento:

> Não havia personagem. O ator era o próprio personagem, representando a si mesmo, expondo-se diante do público, sobretudo na cena que acontecia no banheiro da casa, onde o ator, sentado na privada, se apresenta através do texto autodescritivo retirado de seu *blog*. A ação não tinha necessariamente uma relação direta com o que estava sendo dito, pois a princípio o objetivo do experimento não era fazer sentido e sim mostrar um ator agindo de forma sincera diante dos espectadores, aliviando-se.

Além do texto de Ionesco, nesses últimos dias de ensaios, foi acrescentado ao experimento outro texto retirado de meu *blog*, chamado “101 Versos semi-plagiados de alívios mais ou menos imediatos[9]”. O texto, feito a partir de trechos de músicas, poemas, etc. de autores diversos (o que chamei de “semi-plágio”), fora escrito inicialmente para se referir ao “alívio” causado pela postagem de textos em meu *blog* (muitos deles com um tom de desabafo), porém acabou combinando também com a ideia do “alívio” provocado pelo teatro e, portanto, acabei sugerindo-o quando interrogado sobre se queria utilizar mais algum texto no experimento.

Na semana anterior à estreia do experimento, o professor Adriano esteve participando de um evento fora de Pelotas e passei essa semana ensaiando sozinho, sendo assistido algumas vezes pelos demais colegas do Núcleo de Teatro. Paralelamente, o figurinista e cenógrafo do Núcleo, Marcelo Silva, também auxiliado pelos demais bolsistas do programa, trabalhou na construção/confecção dos cenários e figurinos que viriam a ser usados em cada cena.

As primeiras apresentações aconteceram nos dias 11 e 12 de outubro de 2012. No dia 15 de outubro foi realizada uma apresentação extra a pedido do então

---

do diretor polonês Jerzy Grotowski “se faz não coincidir o que os atores fazem com o que os espectadores veem”. O professor informa ainda: “Em relação à direção de atores, estimulo algum jogo que possibilite a diversão. O ator, muitas vezes, se diverte fazendo algo que faz com que o público sofra. O importante na direção de atores é o interesse que ele cria pelo jogo em si. O que importa ao espectador é ser atraído pela obra”.

[9] Disponível no Apêndice B.

reitor da UFPel, professor Antônio César Borges, que demonstrou interesse em assistir a obra[10].

A pedido do professor Adriano, enviei-lhe em 13 de outubro um *e-mail* em que faço os seguintes comentários sobre as primeiras apresentações:

> De um modo geral, acho que a segunda apresentação foi melhor que a primeira. Na primeira, eu me preocupei apenas em fazer aquilo que eu já estava fazendo nos ensaios. Já na segunda, além de fazer o que eu já fazia nos ensaios, tomei cuidado para não cometer os mesmo "erros" do primeiro dia, como derramar a água e não querer fazer a última cena.
> Além disso, a conversa que tivemos antes da segunda apresentação foi bastante útil para que eu compreendesse quais os outros pontos em que eu também deveria ser mais cuidadoso. Assim, procurei não exagerar muito nos gritos, agi com menos pressa na transição entre as cenas e na hora de iniciar e começar cada uma delas. Também usei mais pausas nas cenas em espanhol e alemão.
> Quando fizemos aquela última cena, no domingo, eu não gostei muito da repetição do texto e encasquetei que ficaria melhor encerrar com o texto anterior. Assim, não usei a última cena durante os ensaios e, na quinta, eu pretendia não fazê-la também. Porém, no momento da apresentação, percebi que o texto anterior definitivamente não era uma boa forma de encerrar, quando terminei o texto fiquei sem saber o que fazer, aí, na hora, a única coisa que me veio em mente foi me retirar da sala. Tentei fazer isso, aí você me impediu e achei que seria melhor voltar e fazer a cena e aí vi que era melhor terminar daquele jeito mesmo. No segundo dia, nem pensei na hipótese de descartar a última cena e acho que de certo modo isso tudo foi uma boa "lição" para mim.

Esse último parágrafo se refere a um episódio ocorrido no final da primeira apresentação: não havia gostado da cena final do experimento, tal como havia sido construído no ensaio com o professor Adriano, pois estava convencido de que o texto anterior seria um final melhor. No dia da apresentação, tentei fazer o final do meu jeito e fiquei sem saber o que fazer em seguida. Decidi, então, me retirar da sala, mas o professor Adriano me impediu, dizendo que não fora aquele o final acordado no ensaio. Voltei, então, à cena e apresentei o final tal como havia sido ensaiado.

[10] Foi feito um registro em vídeo dessa apresentação, que pode ser acessado no *YouTube* a partir do *link*https://youtu.be/3b0iaLC2OJs.

Figura 13: "Alívio Imediato", cena em inglês.

Figura 14: "Alívio Imediato", cena em espanhol.

Figura 15: "Alívio Imediato", cena em alemão – que contou com a participação do colega Elias Pintanel (à direita).

4.2 Segundo semestre de 2012

O segundo semestre do curso, devido à greve no semestre anterior, começou somente em novembro em 2012, estendendo-se até março do ano seguinte, com um pequeno recesso nas festas de fim de ano. As disciplinas por mim cursadas foram Improvisação Teatral II, Expressão Corporal II, Fundamentos Sócio-histórico-filosóficos da Educação, História do Teatro II e Teatro na Educação I. Continuaram também minhas atividades junto ao Núcleo de Teatro, a partir de então como bolsista do programa.

Na disciplina de Improvisação, além de estudos teóricos e exercícios diversos, a principal atividade que desenvolvemos foi um trabalho com máscaras – que foram confeccionadas especialmente para a disciplina – que culminou em uma apresentação no “calçadão” da cidade, na qual intercalavam-se atividades em coro, com músicas e coreografias previamente ensaiadas, e momentos de improvisações.

No dia 15 de fevereiro de 2013, foi feita uma apresentação única do experimento “Alívio Imediato”, no qual se experimentou a utilização de uma única sala para todas as cenas. Para isso, foram construídos “mini-cenários” em diferentes cantos da sala. Outra alteração feita nessa ocasião foi o acréscimo de um novo texto em língua estrangeira, o “*Urbi et Orbi*” [“Da cidade ao mundo”], texto em latim que é tradicionalmente pronunciado pelos papas em datas festivas como Natal e Páscoa.

Apesar de preferir a versão em que as cenas acontecem em cômodos diferentes, considero que foi bastante interessante experimentar essa outra possibilidade.

Figura 16: Com a colega Melissa Vieira, em atividade com máscaras, no calçadão de Pelotas.

Figura 17: Experimento "Ensaio para um fracasso".

Ao longo desse semestre, participei também de um projeto que meu colega do Núcleo, Elias Pintanel, estava desenvolvendo na disciplina de Encenação Teatral:

a obra “Ensaio para um fracasso” – “um experimento metateatral a partir da solidão da obra de Samuel Beckett”, de acordo com o roteiro escrito por Elias. A situação básica da obra era: 3 sujeitos tentando, em vão, apresentar uma cena.

4.3 Primeiro semestre de 2013

Nesse semestre, segui participando das atividades do Núcleo, além de cursar as disciplinas Interpretação Teatral I, Teatro na Educação II, Expressão Vocal I e História do Teatro III. Cheguei a me matricular também na disciplina Educação Brasileira: Organização e Políticas Públicas (EBOPP), mas, devido a um descuido meu, acabei reprovando na mesma por infrequência.

Logo no início do semestre, foi realizada no Núcleo uma segunda temporada do experimento “Alívio Imediato”. As cenas voltaram a acontecer em cômodos diferentes, porém foram feitas alterações nos cenários, assim como na ordem e na localização das cenas. As partituras de ação física e vocal foram melhor detalhadas e ensaiadas para essa temporada, o que considero que enriqueceu bastante o experimento. A temporada contou com 8 apresentações, ocorridas em 4 finais de semana.

Figura 18: Segunda temporada de "Alívio Imediato", cena inicial.

A pedido do professor Adriano, ao final dessa temporada, escrevi o texto que transcrevo a seguir, intitulado “O sentido de ter feito ‘Alívio Imediato”, no qual desenvolvo algumas reflexões sobre o processo de criação e apresentações do experimento:

> O experimento poético Alívio Imediato foi, ao longo de 15 apresentações ocorridas entre outubro de 2012 e maio de 2013, apresentado ao público como sendo “uma grande brincadeira”. O espaço onde aconteceu o experimento foi comparado a um *playground* e o figurino assemelhava-se a uma roupa infantil. Assim, os primeiros “Alívios” acabaram sendo de fato uma brincadeira, sem grandes preocupações técnicas, estéticas, etc. Entretanto, à medida que aconteciam as apresentações, foi-se percebendo a necessidade de transformar a brincadeira em algo mais “sério”, com regras menos rígidas (pra não tornar a brincadeira chata), porém elaboradas de tal modo a tornar a brincadeira interessante tanto para aquele que brinca, como para aqueles que observam o seu brincar.
> Experimentaram-se diferentes modos de fazer cada cena, de realizar cada movimento, de pronunciar cada palavra, de ocupar o espaço. Desse modo, a busca da “cena perfeita” (“Não é por aí, é por aqui”) acabou acontecendo não só de uma cena para outra em uma mesma apresentação, mas também no âmbito de uma mesma cena, entre uma apresentação e outra.
> Essa flexibilidade nas cenas, permitida pelo “experimento poético”, possibilitou-me experimentar coisas novas a cada apresentação. Os novos “desafios” que iam sendo propostos a cada ensaio, permitiram, desde a primeira até as últimas apresentações, uma gradativa melhora no meu trabalho como ator e, consequentemente, na qualidade do experimento como um todo. Se todos esses desafios tivessem sido propostos logo no início, todos de uma vez só, creio que teria sido muito mais difícil lidar com eles.
> Comparando as primeiras apresentações com as últimas, percebo que passei a controlar melhor meu olhar em cena, assim como a tensão em minhas mãos. As variações de ritmo de uma cena para outra ficaram mais evidentes. As ações/gestos/movimentações de algumas cenas, que inicialmente eram feitas quase que “de qualquer jeito”, foram melhor organizadas/partiturizadas.
> Poucas dessas mudanças foram propostas por mim. Creio que nesse aspecto ainda tenho muito que melhorar. Acostumei-me demais com as “regras iniciais da brincadeira” e, mesmo quando já estava as achando meio chatas/repetitivas, fiquei esperando alguém dizer que elas poderiam ser mudadas. Só nas últimas apresentações, depois que começaram a haver mais ensaios, que me senti mais a vontade para criar algumas pequenas ações por conta própria.
> Aliás, refletindo agora sobre todo o processo, uma das conclusões a que chego é que deveriam ter acontecido mais ensaios, com a presença do diretor. Percebo que nesse aspecto o experimento foi falho desde o início, posto que passei os dias antes da estreia ensaiando sozinho. A meu ver, as melhores mudanças aconteceram nos ensaios que antecederam as últimas apresentações e acredito que se esses ensaios tivessem acontecido com mais frequência, desde o início, as cenas teriam chegado mais perto do “por aqui” almejado.
> Mas mesmo sabendo que o resultado “final” poderia ter sido melhor, de modo algum creio que ele chegou a ser ruim. Houve sim apresentações em que eu poderia ter me esforçado mais, me concentrado mais, gastado mais energia, mas mesmo com as falhas/problemas presentes em qualquer processo criativo, agrada-me perceber que a qualidade das últimas

> apresentações foi bem melhor que a das primeiras. Senti-me mais vivo em cena, mais crente no que eu estava fazendo. Até os elogios dos espectadores pareceram mais sinceros nas últimas apresentações.
> Encerrando esse trabalho, espero agora que o teatro continue a me trazer os seus alívios, porém de outras formas. E espero também que a "brincadeira" vá, aos poucos, conforme se mostrar necessário, sem pressa nem procrastinações, transformando-se cada vez mais em "coisa de gente grande".

Figura 19: Segunda temporada de "Alívio Imediato", cena em espanhol.

No início do mês de junho, foi retomado mais uma vez o projeto "Núcleo 2", dessa vez em um novo formato e com a coordenação de uma aluna do curso, Carolina Ferreira, orientada pelo professor Adriano. Os encontros seguiram acontecendo aos sábados e optei espontaneamente por participar do projeto, pois tal participação não era parte de minhas atividades obrigatórias como bolsista do Núcleo.

Envolvi-me bastante ao longo desse semestre em duas atividades relacionadas ao projeto "Grupos Teatrais em Atividade no Extremo Sul do RS: mapeamento das práticas criativo-formativas":

a) Busca no acervo de jornais da Biblioteca Pública Pelotense de informações sobre apresentações teatrais ocorridas em Pelotas e região entre os

anos de 2005a 2011 – uma atividade bastante exaustiva que eu e outros bolsistas do Núcleo realizamos ao longo de vários meses[11].

b) Degravações das entrevistas que haviam sido realizadas em 2012, nas visitas feitas aos municípios da região de Pelotas.

A última atividade que desenvolvi como integrante do Núcleo de Teatro foi o experimento “O Grande Teatro do Mundo”, feito a partir do texto homônimo do dramaturgo espanhol Calderón de la Barca. Foi feita uma única apresentação do experimento no dia 28 de junho de 2013, como parte do evento “Outra História: ILA-IAD (1990-2010)”.

Em julho de 2013, tornei-me servidor técnico-administrativo da UFPel e, por isso, tive que abandonar as atividades diárias do Núcleo de Teatro. Aproximadamente na mesma época, o professor Adriano abandonou a coordenação do Núcleo, que foi assumida pelo também professor do curso de Teatro, Daniel Furtado.

Com o trabalho, passei a ter menos tempo para dedicar ao teatro, mas isso não me impediu de continuar participando de outros trabalhos com o professor Adriano, dessa vez realizados através do GEPPAC. No final do semestre em questão e durante o recesso que o acompanhou, participei da criação e apresentação do experimento poético “Quantas coisas quisera hoje dizer”, desenvolvido a partir da obra de Pablo Neruda. O experimento foi apresentado no projeto “Quartas no Lyceu”, realizado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) da UFPel.

O seguinte trecho de um *e-mail* que enviei para o professor Adriano na época ilustra a interferência do trabalho como servidor na minha participação das atividades do GEPPAC:

> [...] Estou tendo dificuldades também para memorizar o texto do Neruda. Não que eu esteja com problemas de memória, o problema é o tempo. Ainda não me acostumei direito com meus novos horários e no tempo que me sobra livre, ando me sentindo muito cansado, a ponto de não conseguir a concentração necessária para memorizar longos trechos por dia. Desse modo, ainda estou na 2ª parte das 12 e não conseguirei memorizar as 6 que estavam previstas para amanhã.

[11] Os resultados desse levantamento podem ser consultados no livro que resultou dessa pesquisa e que viria a ser publicado em 2014: “Sobre o teatro na região de Pelotas: primeira abordagem de pesquisa” (org. Adriano Moraes e Elias Pintanel), mais precisamente na 2ª parte – páginas 49 a 66.

Figura 20: Imagem de divulgação de "Quantas coisas quisera hoje dizer". Da esquerda para a direita: Rodolfo Furtado, Carolina Ferreira, Elias Pintanel e Carlos Perola.

Na disciplina de Interpretação Teatral I estudamos alguns textos do ator e professor Eugenio Kusnet e trabalhamos durante a maior parte do semestre com a peça de Nelson Rodrigues “Toda nudez será castigada”. A avaliação que escrevi, a pedido da professora, no final do semestre deixa claro que esse processo não me agradou muito:

> Acredito eu que, no teatro, para que qualquer método criativo seja proveitoso, não só o método da análise ativa, é fundamental que os utilizadores de tal método (nesse caso, os alunos da disciplina), estejam satisfeitos com as referências com as quais estão trabalhando. Ou seja, se estiverem trabalhando com um determinado texto dramático, é necessário que tal texto agrade, comova, convença o aluno, de modo a motivá-lo para a cena. Infelizmente não foi isso o que aconteceu comigo ao longo dessa disciplina. O texto de Nelson Rodrigues, “Toda Nudez Será Castigada”, escolhido pela turma, não foi capaz de despertar em mim o interesse necessário para um bom processo criativo. Não é um texto que eu escolheria para encenar. Aceitei trabalhar com ele por ter sido escolhido democraticamente (apesar de eu não acreditar na eficiência da democracia).
> O enredo da peça me pareceu extremamente chato e pouco convincente, para um texto que se insiste em taxar como “realista”. Algumas personagens me parecem estereotipadas demais e não simpatizei o suficiente com Herculano, a ponto de poder interpretá-lo com a vontade necessária para que a cena seja boa para mim e, consequentemente, para os possíveis espectadores.
> Em virtude disso, penso que minha experimentação da análise ativa acabou sendo pouco proveitosa. Além disso, tenho o hábito ou a mania de geralmente organizar as cenas que faço de modo muito racional e, por isso, usar um método baseado em improvisações acabou sendo-me pouco cômodo.
> Através das improvisações, não consegui encontrar ações que me permitissem atuar com segurança e, por achar o enredo e os personagens da peça pouco críveis, não consegui me colocar devidamente no lugar de Herculano, não consegui me ver como Herculano.

A disciplina Expressão Vocal I foi ministrada por um professor do curso de Música, professor Leandro Maia, e, portanto, acabamos trabalhando bastante com músicas ao longo do semestre. Em uma das atividades, que foi desenvolvida ao longo de várias aulas, foi solicitado que cada aluno se apresentasse para a turma cantando uma canção de sua escolha. Escolhi a canção "*Soy loco por ti,America*", de Caetano Veloso. Era a primeira vez em que me apresentava cantando diante de um público e, apesar de um certo nervosismo e do medo de cantar mal/desafinado, acredito que consegui me sair bem e essa acabou sendo uma boa experiência. A partir de então, o ato de cantar passou a ser mais presente nos próximos trabalhos em que participei.

Nessa época, conheci e iniciei um relacionamento com meu atual companheiro, Ariel Oliveira. Assim, além do tempo tomado pelo trabalho, outra parte de meu tempo acabou sendo tomada pelo namoro, o que interferiu não só na minha produtividade na pesquisa, mas também no ensino: acabei desistindo, por exemplo, de cursar a disciplina de Estética Teatral, na qual havia me matriculado no semestre em questão.

No final do semestre, o professor Adriano me propôs que apresentássemos uma terceira temporada do "Alívio Imediato", mas dessa vez no Tablado, um dos espaços utilizados principalmente para as aulas práticas dos cursos de Teatro e Dança. Aceitei a proposta e concentramos os ensaios no período de recesso antes do próximo semestre.

4.4 Segundo semestre de 2013

O calendário acadêmico da UFPel seguiu irregular, com o semestre iniciando em outubro de 2013 e indo até fevereiro de 2014.

Interpretação Teatral II, Expressão Vocal II, História do Teatro IV e Educação Inclusiva: Pedagogia da Diferença foram as disciplinas que cursei nesse semestre.

Logo no início das aulas, aconteceu a terceira e última temporada do experimento "Alívio Imediato". Aos textos já utilizados nas temporadas anteriores, foi acrescentado outro texto "autodescritivo" que eu escrevera na época para o meu *blog*[12]. Além disso, passei a cantar em uma das cenas a "música tema" do

[12] Disponível no Apêndice C.

experimento: “Alívio Imediato”, de Humberto Gessinger. Foram feitas três apresentações do experimento.

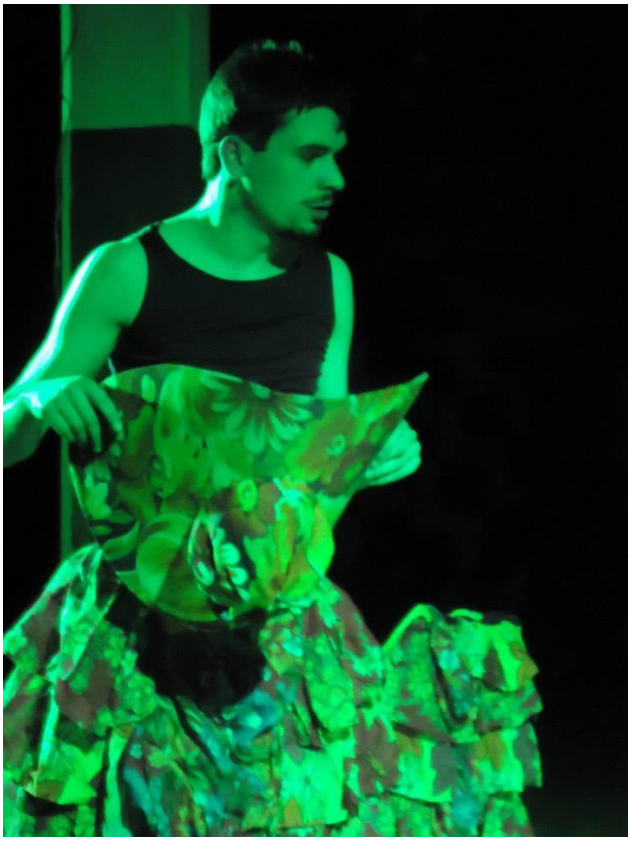

Figura 21: Terceira temporada de "Alívio Imediato", cena em francês.

Figura 22: Terceira temporada de "Alívio Imediato", cena com o novo texto "autodescritivo".

4.5 Primeiro semestre de 2014

As disciplinas que cursei nesse semestre foram: Dramaturgia, Teatro na Educação III e IV e Encenação Teatral I.

Na disciplina de Encenação deu-se início ao projeto que culminaria na apresentação, no semestre seguinte (em Encenação II), de “Máquinas que pensam, que amam e que comem maçãs”, que viria a ser meu primeiro trabalho como diretor. As duas disciplinas de Encenação possibilitam que os alunos do curso se experimentem como diretores e, na época em que as cursei, eram organizadas assim: em Encenação I construía-se o projeto da encenação a ser criada (escolha do tema, das referências teóricas e artísticas, início da construção da dramaturgia, etc.) e em Encenação II desenvolvia-se o projeto, realizavam-se os ensaios, algumas mostras de processo e a apresentação do resultado final.

Durante a construção do meu projeto, escolhi criar uma peça sobre a vida do matemático inglês Alan Turing. Havia lido uma biografia dele ainda no Ensino Médio e era um personagem que me agradava bastante e com quem eu me identificava em alguns aspectos: a homossexualidade, o comportamento considerado “esquisito” por muitos, o gosto pela matemática. Além disso, o matemático tinha uma história de vida bastante interessante, sendo considerado o pai da ciência da computação e tendo contribuído diretamente para a vitória dos ingleses na 2ª Guerra Mundial.

Escolhi ainda como principal referência teórica para a encenação a figura do “ator-rapsodo”, desenvolvida pela atriz e professora Nara Keiserman em sua tese de doutorado “Caminho pedagógico para a formação do ator narrador” (ver fig. 23).

Após construído o projeto, precisava construir também minha equipe de trabalho. Optei por fazer isso realizando um convite aberto em um grupo do curso na rede social *Facebook*:

> PROCURA-SE interessados em participar de projeto de Encenação Teatral, a ser desenvolvido nesse semestre e no próximo.
> A encenação terá como tema principal a biografia do matemático inglês Alan Turing (1912-1954), um dos precursores da Ciência da Computação, que desempenhou um importante papel durante a Segunda Guerra Mundial ao desenvolver métodos capazes de decifrar mensagens secretas dos nazistas e que terminou sua vida de forma trágica ao ser, entre outras coisas, condenado por sua homossexualidade, considerada crime na época.
> A princípio, estou precisando de 2 atores e 2 atrizes. Não há necessidade de terem grande experiência com o Teatro, contanto que sejam alunos do curso e que tenham preferencialmente ingressado em 2013 ou 2014.
> É necessário disponibilidade para ensaiar cerca de 2 vezes por semana, à tarde (segundas, quartas ou sextas) ou à noite (terças, quintas ou sextas a

> qualquer horário ou segundas ou quartas após as 22h) ou em finais de semana.
> Apesar de o mais importante no momento ser a formação do elenco, pessoas que tenham interesse em contribuir com outros aspectos (iluminação, cenário, figurinos, etc) também serão muito bem vindas (nesses casos, não há necessidade de ser aluno do Teatro).
> Para obter maiores informações, sanar dúvidas e/ou demonstrar interesse em integrar a equipe, é só me contatar por aqui mesmo ou pelo *e-mail* carloseperola@hotmail.com.
> Prometo que serei um diretor bonzinho ;)

Logo alguns alunos e alunas do curso começaram a se manifestar e minha equipe começou a se construída. Gengiscan Pereira, Evelin Suchard, Raissa Bandeira e Jardel Athayde passaram a integrar o elenco; Carina Brys ofereceu-se para contribuir com a cenografia, Lucas Lage com a iluminação. Além de aluno(a)s do curso, convidei ainda algumas amigas minhas para contribuir em outras tarefas: Gabriela Manso, formada em *Design* de Moda pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), para o figurino; e Julia Hernandez, então acadêmica do Design Gráfico da UFPel, para a programação visual. Meu companheiro Ariel Oliveira também acabou me ajudando em tarefas diversas, principalmente na execução da sonorização. Uma primeira reunião com o grupo aconteceu no final desse semestre, a fim de que eu lhes apresentasse todo o projeto.

Figura 23 - *Slide* usado na apresentação do projeto para a equipe, trazendo informações básicas sobre o ator-rapsodo de Nara Keiserman[13].

[13] O texto do *slide* foi escrito a partir de (KEISERMAN, 2004).

Outra atividade desenvolvida por cada aluno-encenador ao longo da disciplina foi a construção de um *blog*, no qual deveríamos apresentar as informações básicas de nossos projetos. Assim sintetizo a proposta de “Máquinas que pensam, que amam e que comem maçãs” em um dos textos de meu *blog*[14]:

> O projeto de Encenação Teatral "Máquinas que Pensam, Que Amam e Que Comem Maçãs" tem como objetivo apresentar ao grande público o personagem Alan Turing, evidenciando a importância de suas contribuições para o campo da computação e valendo-se de aspectos pessoais de sua vida para abordar temas ainda atuais, como a homofobia, a injustiça, entre outros.

Quanto à disciplina de Dramaturgia, parte dela foi baseada na escrita de diálogos, rubricas, cenas, etc. No trabalho final da disciplina, escrevi o texto “Henrik que não era Ibsen”, sobre um estudante de Teatro chamado Henrik Tiecovi Chaquespeare Yonesko de Euripidias que tenta, com grande dificuldade, escrever um trabalho para a disciplina de dramaturgia. Dificuldade essa pela qual eu mesmo estava passando na época, pois estava sem ideias sobre o que escrever, e que acabei resolvendo ao transformar minha própria “falta de ideias” em uma ideia para a escrita. Segue um pequeno trecho:

> HENRIK: – [...] daqui a 50 anos é a mim que as pessoas desejarão imitar quando forem fazer seus trabalhinhos de dramaturgia! Sim, a mim! Eu sei que tenho todos os atributos para ser o melhor! Tenho uma criatividade imensa! Uma inesgotável força de vontade! Um inenarrável desejo de brilhar! E um vocabulário capaz de causar inveja a qualquer um desses dramaturgozinhos que se acham os fodões! Sim, eu sou o melhor! *(senta-se novamente junto à escrivaninha)* E vou provar isso escrevendo nessas quatro horas que ainda me restam antes do amanhecer, a melhor peça de todas as que já existiram! A melhor!
> *(Henrik fica em posição de começar a digitar. Silêncio. Silêncio. Silêncio e mais silêncio. Um silêncio imensamente constrangedor que pode, talvez, ser quebrado por algum ruído vindo da rua. Henrik permanece imóvel. A altivez e a segurança, que demonstrava há pouco tempo atrás, vão desaparecendo dando lugar à desilusão).*

Após eu ter ficado alguns meses distante da pesquisa, o professor Adriano me convidou para atuar em um novo experimento, que viria a se chamar “Declaração de amor”. A temática do amor foi proposta pelo professor Adriano, por se relacionar com o momento de namoro que eu estava vivendo então. O

[14] O *blog* ainda encontra-se disponível no endereço http://teatroturing.blogspot.com.br. Nele é possível encontrar informações sobre meu projeto, as referências, a equipe de trabalho, quem foi Alan Turing, além de diversas postagens com imagens e comentários sobre os ensaios realizados. Devido à falta de tempo na época, acabei não conseguindo escrever sobre os últimos ensaios.

experimento foi construído a partir de diversos poemas e canções “de amor” – inserir músicas no experimento foi uma forma de explorar os ritmos das cenas e surgiu, em parte, após eu ter cantado “*Soy loco por ti, America*” na disciplina de Expressão Vocal I, no ano anterior.

No recesso entre o primeiro e o segundo semestre de 2014 tive diversos encontros com o então aluno do curso de Música, Eugênio Bassi, a fim de ensaiar as canções do experimento “Declaração de Amor”. Eugênio iria me acompanhar em cena, tocando violão[15].

4.6 Segundo semestre de 2014

As disciplinas que cursei nesse semestre foram: Teatro, Educação e Ética, Metodologia e Prática da Pesquisa, Encenação Teatral II e História do Teatro Brasileiro I. Foi um semestre marcado principalmente pelos ensaios e apresentações de “Declaração de Amor” e de “Máquinas que pensam, que amam e que comem maçãs” – na primeira obra como ator e na segunda como diretor.

Cheguei a me matricular na disciplina de Estágio I e a assistir às primeiras aulas, porém acabei trancando-a por concluir que não teria tempo para o trabalho, os ensaios de “Declaração de Amor”, os ensaios da encenação, as atividades de outras disciplinas a as atividades de estágio.

O experimento “Declaração de Amor” foi apresentado na Sala Carmen Biasóli nos dias 21 e 28 de setembro. O *release* do experimento, escrito por mim, anunciava o seguinte:

> O amor cantado e declamado em suas mais diversas facetas e nuances. Da alegria à dor. Da saudade ao fastio. Do discreto ao espalhafatoso. Do lastimoso ao ridículo O amor cínico. O amor exagerado. O amor brega. O amor debochado. O Amor cru. O amor irritado.

[15] As canções utilizadas no experimento foram: “Bilhete” (Eugênio Bassi/Mário Quintana), “Caminhos” (Eugênio Bassi), “Candelabro” (Eugênio Bassi), “Eu Sei Que Vou te Amar” (Tom Jobim/Vinícius de Moraes), “Eu Sofro Por Amor” (Dan Nakagawa), “Paixão” (Kledir Ramil), “Retrato em Branco e Preto” (Tom Jobim/Chico Buarque), Rosa (Pixinguinha/Otávio de Souza) e “Tu És o MDC da Minha Vida” (Paulo Coelho/Raul Seixas). Já os poemas foram: “Amar” (Carlos Drummond de Andrade), “Monólogo de Orfeu” (Vinícius de Moraes), “O Teu Riso” (Pablo Neruda [trad. Nuno Júdice]), “Quero” (Carlos Drummond de Andrade), “Tenho medo de ti e desse amor…” (Hilda Hilst), “É tempo para dizer se prefiro o teu amor…” (Hilda Hilst) “Soneto de Fidelidade” (Vinícius de Moraes) e “Todas as Cartas de Amor São Ridículas” (Álvaro de Campos [Fernando Pessoa]). Foi utilizado ainda um texto meu, também retirado do *blog* “Alívio Imediato”, chamado “2013 palavras sobre 2013” (Disponível em: http://alivioimediato.tumblr.com/post/71768539745/2013-palavras-sobre-2013), uma retrospectiva pessoal sobre o ano anterior ao do experimento, na qual acabo falando bastante sobre meu relacionamento com Ariel.

> Toda forma de amor tem seu lugar no experimento poético lítero-musical "Declaração de Amor'. Realização do GEPPAC – Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Processos Criativos em Artes Cênicas – da UFPel, o experimento é formado a partir de canções e poemas, de artistas e escritores diversos, conhecidos ou não do grande público.
> Carlos Eduardo Pérola e Eugênio Bassi, ator e músico, dividem a cena, numa atmosfera aconchegante, onde o público permanece bem próximo à ação. A estruturação do experimento lhe permite ser comparado ora a uma serenata, ora a um show musical. O cenário e figurinos são de Marcelo Silva. A direção de Adriano Moraes.

O experimento voltaria a ser apresentado no dia 1º de dezembro, durante o “I Seminário Binacional de Pesquisa em Teatro de Grupo”, evento realizado pelo GEPPAC.

Figura 24: "Declaração de amor", com Eugênio Bassi ao violão.

A experiência que tive ao longo da disciplina de Encenação foi uma das mais agradáveis que tive no curso. Ocupando o papel de diretor, pude experimentar uma outra relação com a cena e, em muitos momentos ao longo do processo criativo, senti que estava me posicionando não só como diretor, mas também como um professor, transmitindo ao elenco parte do conhecimento que eu havia adquirido ao longo do curso e nas minhas experiências como ator. O “Alívio Imediato” pareceu mostrar-se presente também na função de diretor.

Após cerca de 20 ensaios e 2 mostras de processos, o resultado final do experimento foi apresentado no dia 15 de novembro de 2014 para quase 100

espectadores e, para minha grande satisfação, foi muito bem recepcionado[16]. Uma crítica da obra chegou a ser publicada no jornal pelotense Diário da Manhã, pelo jornalista Carlos Cogoy[17].

Figura 25: Raissa Bandeira e Jardel Athayde em "Máquinas que pensam, que amam e que comem maçãs". No painel ao fundo, o matemático Alan Turing.

Figura 26: Gengiscan Pereira, Jardel Athayde e EvelinSuchard em "Máquinas que pensam, que amam e que comem maçãs".

[16] Foi feito um registro em vídeo da apresentação, que pode ser acessado no *YouTube*, através dos *links*: https://youtu.be/10NRRYrFfF0 (parte 1) e https://youtu.be/Z-uOgDbwqd0 (parte 2).
[17] Ver Anexo A.

Figura 27: Cartaz de divulgação de "Máquinas que pensam, que amam e que comem maçãs", por Julia Hernandes.

Nesse semestre, na disciplina de Metodologia e Prática da Pesquisa, ministrada pelo professor Adriano, escrevi um projeto de pesquisa intitulado “O Teatro e o Transtorno do Espectro Autista: Impressões Sobre Uma Trajetória Acadêmica” que, a princípio, iria ser usado para a escrita do meu TCC. O projeto acabou se mostrando uma continuidade da ideia abordada primeiramente em 2012 de relacionar o teatro com o autismo, a partir de minhas próprias experiências. No resumo do projeto, escrevi:

> Desde o ingresso no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), minha condição de portador do Transtorno do Espectro Autista (TEA), definiu, nas diferentes posições que pude experimentar ao longo de minha trajetória (a saber, aluno-ator e aluno-diretor), algumas peculiaridades no que se refere à minha relação com o

> fazer teatral. O objetivo dessa pesquisa é procurar entender quais seriam essas peculiaridades, ou seja, de que forma a presença do Transtorno do Espectro Autista interfere ou não em cada aspecto do meu trabalho criativo como ator ou diretor. Buscarei possíveis respostas para essa questão através de uma reflexão pessoal sobre determinados momentos de minha trajetória acadêmica, incluindo aí os âmbitos do ensino, da pesquisa e da extensão. Tal reflexão será desenvolvida a partir da análise de fotografias feitas no período em que estive no curso.

Apesar de ainda estar um pouco distante da posição que adoto atualmente sobre o autismo, já é possível perceber aqui algumas diferenças em relação à forma como eu abordava o tema em 2012: além da atualização do termo “Síndrome de Asperger” para “Transtorno do Espectro Autista (TEA)”, já não falo mais em “limites impostos pela síndrome”, mas sim em “peculiaridades” que acompanham minha condição de autista, as quais podem interferir ou não no meu trabalho com o teatro.

4.7 Primeiro semestre de 2015

Montagem Teatral I foi a única disciplina que cursei nesse semestre (a colisão de horários me impediu de cursar também o Estágio I).

Junto ao GEPPAC, participei de várias atividades de treinamento de ator/atriz que estavam sendo desenvolvidas pelo grupo na época. Os treinamentos aconteciam em cerca de dois encontros por semana, nos quais eram realizados exercícios diversos de alongamento, aquecimento, concentração, etc.

Além dos exercícios, o grupo começou a realizar também algumas atividades de construção de cenas a partir de textos diversos, incluindo cenas individuais e muitas experimentações de coros. Algumas dessas cenas chegaram a ser mostradas em encontros que aconteciam no final de cada mês, com outros professores colaboradores do GEPPAC e os alunos e alunas que participavam de seus projetos.

Na sequência dessas atividades, começamos a desenvolver um experimento a partir do mito grego de Filoctetes, utilizando textos de Sófocles e Heiner Müller. A obra resultante, que recebeu o nome de “Pós-Filoctetes” foi apresentada em encontros do GEPPAC e na “XVI Jornada de História Antiga”, evento realizado pelo curso de História da UFPel.

Um segundo livro do GEPPAC, intitulado “Teatro de grupo: debates sobre poéticas, estéticas e políticas” foi publicado nessa época. Junto com os colegas

Rodolfo Furtado e Elias Pintanel, contribui para a escrita do capítulo “Seis questões sobre o trabalho do ator-pesquisador no GEPPAC”, no qual cada um de nós respondeu a seis perguntas formuladas pelo professor Adriano sobre nossos trabalhos desenvolvidos junto ao GEPPAC. Incluo as questões e minhas repostas no apêndice D, por considerar que as mesma ajudarão o(a) leitor(a) a compreender melhor o trabalho do grupo e minha relação com ele.

Figura 28: Com Rodolfo Furtado, em apresentação de "Pós-Filoctetes".

Na disciplina de Montagem Teatral I, que tinha como objetivo a criação de um espetáculo teatral envolvendo toda a turma iniciamos um projeto a partir de algumas experimentações em que os alunos se caracterizaram como “velhos” e também chegamos a ensaiar algumas cenas a partir de um conto de Gabriel García Márquez chamado “Um senhor muito velho com umas asas enormes”. Da forma como estava sendo construída, essa proposta de montagem necessitaria de um intenso trabalho técnico na parte da iluminação e dos figurinos, a ser desempenhado por servidores do curso. Entretanto, uma greve dos servidores iniciou-se nessa mesma época, inviabilizando a proposta, que viria a ser substituída por outra no semestre seguinte.

4.8 Segundo semestre de 2015

Cursei nesse semestre as disciplinas Montagem Teatral II e História do Teatro Brasileiro II.

A disciplina de Montagem Teatral foi ministrada pelo professor Adriano, o qual propôs que trabalhássemos com o texto “A Perseguição ou o longo caminho que vai de Zero a Ene”, do dramaturgo brasileiro Timochenco Wehbi.

Montagem II foi a última disciplina prática que cursei no Teatro e, também, uma das últimas disciplinas cursadas com os mesmos colegas que haviam ingressado no curso comigo em 2012 – alguns deles chegaram a se formar já em 2015/2.

O processo foi marcado pela dificuldade de alguns colegas em memorizar vários textos que eram ditos em coro, mas no final tudo acabou dando certo. As apresentações do trabalho ocorreram em 13, 14 e 15 de novembro de 2015.

Figura 29: Apresentação da montagem "A perseguição ou o longo caminho que vai de 0 a N”. Da esquerda para a direita: João Walker, Airton Marino, Gabriel Nogueira, Mário Madeira, Carlos Perola e Ronaldo Garcia.

Paralelamente, segui participando de atividades do GEPPAC que mantiveram um padrão semelhante ao do semestre anterior, centrando-se em treinamentos físicos e experimentações de cenas.

Participei, ainda, nesse semestre do trabalho de Encenação Teatral “Pétalas de Papoula”, dirigido pela aluna Raissa Bandeira (que já havia atuado na minha encenação). A obra tratava principalmente do universo dos sonhos.

Figura 30: Apresentação de "Pétalas de Papoula". Da esquerda para a direita: Carlos Perola, Thairone Dorneles, Felipe Cremonini e Gengiscan Pereira.

4.9 Primeiro semestre de 2016

Matriculei-me em apenas duas disciplinas no 1º semestre letivo de 2016 e não conclui nenhuma das duas. A primeira delas, EBBOP, acabou não sendo ministrada por falta de professores.

Quanto à outra disciplina, Estética Teatral, cheguei a assistir a algumas aulas, mas acabei desistindo por vários motivos: por estar achando o conteúdo desinteressante, por as aulas serem chatas, porque eu não havia simpatizado com a forma como o professor avaliara um trabalho meu, porque eu não sabia o que escrever no trabalho seguinte e porque eu sabia que a disciplina seria ofertada novamente no próximo semestre, por um novo professor.

A avaliação que causou o meu descontentamento aconteceu da seguinte forma: o professor solicitou que escrevêssemos um texto com 4 mil caracteres respondendo à pergunta “O que considero belo no teatro?”. Escrevi um texto que, apesar de não ter ficado excelente, apresentava, a meu ver, a minha resposta para a pergunta. Porém, o texto continha apenas cerca de 2 mil caracteres. O professor avaliou o texto com a nota 7,5 (de 10) e, em seguida, por eu não ter escrito a quantidade de caracteres solicitada, dividiu minha nota ao meio, avaliando-me, portanto, com a nota 3,7.

Segui trabalhando com o professor Adriano: dessa vez em um experimento que seria desenvolvido a partir da obra do dramaturgo Samuel Beckett. Um aluno do

curso, Régis Rivero contracenava comigo. As cenas começaram a ser criadas a partir do texto “O Último Godot”, do dramaturgo romeno Matei Vișniec. O texto retrata um encontro entre Beckett e seu famoso personagem “Godot”, conhecido por não aparecer na obra em que é mencionado, a peça “Esperando Godot”. No entanto, os ensaios deste experimento acabaram sendo suspensos, devido a problemas envolvendo os espaços do curso, e o trabalho acabou não sendo finalizado.

4.10 Segundo semestre de 2016

Mais uma tentativa de cursar as disciplinas EBOPP e Estética Teatral foi feita nesse semestre e mais uma vez não as conclui.

Cheguei a assistir a uma única aula de EBOPP e, não sei explicar o motivo, mas “não gostei” nem da professora nem da turma (eram, a maioria, alunos da Educação Física) e acabei desistindo rapidamente da disciplina.

Acabei desistindo também da disciplina de Estética, em parte porque estava achando as aulas muito chatas e em parte porque não sabia que tema abordar em um seminário que cada aluno deveria apresentar, relacionando um assunto de seu interesse com os conteúdos da disciplina. Incomodou-me bastante o fato de que muitos colegas estavam apresentando seminários, a meu ver, muito ruins e/ou que não se relacionavam claramente com a disciplina e o professor estava avaliando a todos positivamente. Não me agradava a ideia de “me aproveitar” da situação e apresentar qualquer bobagem apenas para “me livrar” da disciplina e, tampouco, consegui pensar em algo decente para ser apresentado. Desistir da disciplina foi a única decisão que consegui tomar então.

Ao desistir das duas únicas disciplinas em que estava matriculado, optei por trancar o semestre, diminuindo assim as chances de um possível jubilamento no futuro.

O semestre acabou se mostrando atípico não só para mim, mas também para os demais alunos da universidade: novas greves aconteceram (de docentes, de discentes e de servidores técnico-administrativos), o calendário acadêmico foi suspenso durante alguns meses e o semestre acabou se estendendo até março de 2017.

No final de 2016, depois de alguns meses distante das atividades do GEPPAC, voltei a me aproximar do grupo após mais um convite do professor Adriano para desenvolvermos um novo experimento. A proposta era criar uma espécie de continuação do “Alívio Imediato”, partindo da ideia do teatro como um “esconderijo”, ideia concebida a partir das palavras iniciais da canção de Humberto Gessinger (1989):

> O melhor esconderijo, a maior escuridão
> Já não servem de abrigo, já não dão proteção
> A Líbia é bombardeada, a libido e o vírus
> O poder, o pudor, os lábios e o batom
>
> Que a chuva caia como uma luva
> Um dilúvio, um delírio
> Que a chuva traga
> Alívio imediato.

Figura 31: Mostra de processo: o primeiro quadro de "O melhor esconderijo".

Começou-se a construir a partir daí o experimento que viria a ser chamado “O Melhor Esconderijo”. No final de 2016, trabalhamos na construção do primeiro dos seus 3 quadros, que consistia em uma síntese das cenas que compunham o “Alívio Imediato”. Algumas ações/situações com as quais estávamos trabalhando em 2016/1, no experimento sobre Beckett, também foram reaproveitadas (e ressignificadas). Esse primeiro quadro chegou a ser apresentado em uma mostra de

processos para os alunos e alunas que estavam então desenvolvendo experimentos junto ao GEPPAC.

4.11 Primeiro semestre de 2017

Em 2017/1, finalmente consegui concluir as disciplinas Estética Teatral e EBOPP. Outro importante trabalho do semestre foi a finalização e apresentação do experimento “O Melhor Esconderijo”.

Os ensaios de criação de “O Melhor Esconderijo” foram retomados em março, pouco antes do início das aulas. Além da síntese das cenas que compunham o “Alívio Imediato”, comecei a trabalhar com dois textos de Antonin Artaud: “O Teatro da Crueldade” e um trecho de “Para acabar com o julgamento de Deus”.

O experimento foi apresentado 14 vezes, em 4 pequenas temporadas ocorridas entre os meses de abril e maio de 2017, em uma pequena sala do centro de Artes que estava então sendo utilizada para diversas atividades do GEPPAC. Além disso, aconteceram também algumas apresentações extras: uma para a turma da disciplina Arte e Loucura, ministrada pelo professor do curso Ney Bruck; uma para os integrantes do GEPIEM; uma para as turmas de Improvisação, dos professores Adriano Moraes e Laura Backes; e uma para uma turma de graduandos da Pedagogia.

Num primeiro momento chegamos a relacionar o experimento com a proposta de pesquisa que teve suas raízes em 2012 e que visava relacionar minhas experiências no teatro com o autismo. A questão do autismo chegou a ser mencionada na divulgação da primeira temporada:

> Essa atividade integra uma pesquisa iniciada em 2012, formalizada em projeto apenas em 2015 com o seguinte título: “Experimento poético e autismo: análise de impacto na aquisição da linguagem teatral”. O objetivo geral dessa pesquisa é o de “avaliar o impacto que o experimento poético pode ter na aquisição da linguagem teatral de uma pessoa com transtorno do espectro do autista (TEA), mais especificamente as características da síndrome de Asperger”.

Além disso, em um cartaz confeccionado para a divulgação dessa primeira temporada, a obra foi apresentada como sendo um “experimento teatral sobre teatro e autismo”, o que acabou atraindo até mesmo um grupo de mães de crianças autistas, que vieram assistir a uma das apresentações. Entretanto, eu e o professor

Adriano acabamos concordando que não era do nosso interesse utilizar o autismo como um chamariz para o trabalho: interessava-nos sim atrair espectadores desejosos de assistir a um bom teatro. Dessa forma, a questão do autismo passou a não ser mais diretamente mencionada nas divulgações das temporadas seguintes.

Figura 32: Um dos cartazes de divulgação de "O Melhor esconderijo".

O trabalho foi muito bem recepcionado pelo público e me diverti bastante apresentando-o. Acredito que conseguimos desenvolver bem, através das cenas, tanto a ideia principal do experimento – do teatro como um esconderijo – como o seu contrário – o teatro como um local onde nos mostramos. Falo sobre isso no seguinte trecho de um *release* da obra:

> Seria o teatro o local ideal para quem quer se mostrar ou para quem quer se esconder? Se, por um lado, as luzes, o palco, os aplausos e toda a imagem romantizada existente sobre a profissão de ator/atriz podem parecer o paraíso dos exibicionistas, por outro lado, a possibilidade de se colocar "atrás" de uma personagem, com um texto memorizado, uma linha de ações devidamente ensaiada pode acabar servindo como um escudo, uma proteção, um esconderijo a quem se encontra diante dos espectadores.

Figura 33: Imagem de um dos ensaios de "O melhor esconderijo".

A disciplina de Estética manteve a mesma proposta de apresentações de seminários do semestre anterior. Depois de muitas indecisões, comecei a pensar na ideia de falar sobre o lugar do “feio” na estética e comecei a fazer algumas leituras sobre o assunto, mas os textos me pareciam difíceis demais. Procurando por algum outro tema que se aproximasse das temáticas da “estética” e da “feiura”, acabei descobrindo o “*Camp*”, termo abordado pela escritora norte-americana Susan Sontag em seu texto “Notas sobre o *Camp*” e que se refere, resumidamente, a uma estética, sensibilidade ou comportamento marcados pela artificialidade, o exagero, a teatralidade, a jocosidade e frequentemente relacionados com o universo LGBT+ (SONTAG, 1964). Falei sobre a Estética do *Camp* em meu seminário, e o tema, além de ter agradado a mim, causou também bastante empolgação entre o(a)s colegas de disciplina. Finalmente, em uma disciplina que estava me parecendo chata em todas as vezes em que tentei cursá-la, havia encontrado um tema capaz de me instigar – o que me leva inevitavelmente ao questionamento: é mesmo a

disciplina que é chata ou é a forma como alguns professores tradicionalmente a conduzem que a torna chata?

4.12 Segundo semestre de 2017

Estágio I e Crítica Teatral foram as disciplinas por mim cursadas no último semestre abordado nessa escrita[18].

A partir de uma proposta que me foi apresentada pelo professor Adriano e posteriormente aprovada pelo colegiado do curso, minha atuação na disciplina de Estágio I ocorreu de forma diferente da tradicional. As convencionais atividades de regência de aula para uma única turma de Educação Infantil ou Ensino Fundamental foram substituídas pela criação e apresentações do Espetáculo-aula “O Reizinho Mandão”, criado a partir de um conto homônimo da escritora Ruth Rocha, com a orientação/direção, mais uma vez, do professor Adriano Moraes. Foram realizadas cerca de 10 apresentações em diversas escolas do município, onde meus colegas de disciplina estavam estagiando.

Figura 34: Apresentação de "O reizinho mandão" na Escola Municipal de Educação Infantil Rute Blank.

[18] Não falarei aqui sobre o atual semestre, 2018/1, sobretudo pelo fato de o mesmo ainda não ter acabado. Porém, posso acrescentar que, além de TCC I e II, estou cursando a disciplina Estágio II em um formato semelhante ao Estágio I. A princípio, concluirei o curso em 2018/2, cursando a disciplina Estágio III e alguma disciplina optativa necessária para completar minhas atividades de formação livre.

Foi essa a minha primeira experiência de atuação com o teatro infantil, uma experiência bastante agradável em vários aspectos, conforme escrevi nas considerações finais do meu Relatório de Estágio, escrito no final desse processo:

> A conclusão a que chego após descrever e analisar todas as atividades desenvolvidas durante meu estágio é que a proposta desenvolvida, fora dos modelos tradicionais de estágio, acabou culminando em bons resultados. Enriqueceu o trabalho dos colegas estagiários, possibilitando-lhes oferecer a seus alunos um exemplo concreto dos temas sobre teatro abordados em suas aulas. Possibilitou que muitos alunos das escolas visitadas tivessem sua primeira experiência como expectadores de teatro. Abriu novos horizontes para a prática de estágios no curso de teatro. É encantador perceber como um trabalho tão simples, gerado em pouco mais de um mês, tenha tido tão boa repercussão entre os alunos das escolas, colegas estagiários, professores da escola, professores da UFPel.

Finalmente, aqui encerro meu relato sobre os primeiros 6 anos de minha passagem pelo curso de Teatro da UFPel. É extremamente agradável perceber, ao final dessa escrita, o tanto que produzi, o tanto que experimentei, o tanto que aprendi com o Teatro.

5 Sobre Autismo e Neurodiversidade

“Se eu pudesse estalar os dedos e tornar-me uma ‘não-autista’, eu não o faria. O autismo é parte do que sou.”

(Temple Grandin)

Pretendo ao longo dessa seção centrar-me no tema do autismo, apresentando os dois diferentes pontos de vista sobre essa condição – o autismo como patologia *versus* o autismo como consequência natural da diversidade humana. Pretendo ainda falar sobre como se deu o meu processo de entendimento do autismo e como acabei abandonando o primeiro ponto de vista em prol do segundo – para tanto, seguirei utilizando o mesmo tom autobiográfico das seções anteriores. Ainda, ao tratar sobre o entendimento do autismo a partir de diferentes paradigmas, acabarei introduzindo aqui o importante tema da neurodiversidade.

É válido salientar que não sou nenhum especialista em autismo e que minha intenção aqui não é fazer uma apresentação detalhada da condição, mas sim uma apresentação simplificada, que possibilite ao(à) leitor(a) uma compreensão básica sobre a que estou me referindo quando me apresento como um individuo autista e quando digo que este trabalho trata sobre a relação entre minha condição autista e minhas realizações no teatro.

5.1 Primeiras pesquisas e questionamentos

Minha primeira aproximação com o tema do autismo aconteceu na verdade com o que era chamado então de “Síndrome de Asperger”. Esse termo era usado então para se referir às formas de autismo consideradas “leves”, também chamadas por alguns autores de “autismo de alta funcionalidade”. Em 2013, o termo “Síndrome de Asperger” foi retirado do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) e, no meio médico, passou-se a usar o nome “Transtorno do Espectro Autista” (TEA) para se referir à condição, assim como a todos os demais “graus” de autismo, que passaram a ser entendidos como parte desse espectro (*AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION*, 2014, n.p.). O termo “Síndrome de Asperger”, no entanto, ainda segue sendo usado por alguns estudiosos, educadores, autistas, familiares de autistas, etc.

Após ter assistido, conforme já comentado, uma reportagem na televisão sobre a “Síndrome de Asperger” e, ainda mais, após ter sido “diagnosticado” com a referida “síndrome”, passei a pesquisar sobre o assunto, a fim de tentar compreender do que se tratava e, consequentemente, entender mais sobre mim mesmo.

Minha principal fonte de pesquisa era a internet, sobretudo sites como a *Wikipédia* ou portais sobre saúde, psicologia, etc. Logo comecei a participar também de comunidades sobre a “Síndrome de Asperger” na extinta rede social *Orkut*, das quais participavam alguns autistas adultos, além de mães e pais de crianças autistas e outras pessoas interessadas no tema.

Ao longo de minhas pesquisas, encontrei frequentemente listas de “características” ou “sintomas” atribuídas às pessoas autistas ou “com Síndrome de Asperger”. Dentre os itens mais citados, estavam:

a) Dificuldades de comunicação e interação social;
b) Dificuldade para estabelecer contato visual;
c) Dificuldade em compreender emoções alheias;
d) Movimentos e comportamentos repetitivos;
e) Forte interesse por áreas específicas do conhecimento.

Algumas fontes ressaltavam o fato de que nem todas as pessoas autistas apresentam as mesmas “características” e que cada uma das “dificuldades” citadas podem se apresentar em graus variados entre uma pessoa e outra. Já outras simplesmente davam a entender que tratam-se de comportamentos totalmente padronizados, presentes de forma idêntica em toda e em cada pessoa autista – impondo-se as “características” como estanques e menosprezando-se as individualidades, as “outras coisas” que definem cada pessoa, além do autismo, abre-se então espaço para o surgimento dos mais variados preconceitos e estereótipos, desde o autista “retardado” até o autista “gênio”.

Ao longo dessas minhas primeiras aproximações com o tema do autismo, acabei aceitando o uso de termos como “síndrome”, “transtorno”, “sintomas”, inicialmente sem parar para pensar no tom negativo/patologizante de tais palavras, que rementem, inevitavelmente, a algo de errado, a um problema, a algo que precisa ser resolvido, tratado, curado.

Em um mundo criado por e para indivíduos não-autistas (ou “neurotípicos”), muitas coisas acabavam sendo mais difíceis para mim do que para a maioria das

pessoas. A comunicação era minha maior dificuldade e eu tinha ciência de tal dificuldade, porém não me agradava a ideia de ser tratado como um “doente”, um “transtornado”, um “sindrômico” ou coisa do tipo.

No decorrer de minhas pesquisas, acabei lendo pela primeira vez (não lembro exatamente onde, mas creio que em algum fórum de discussão no *Orkut*) sobre a ideia de que o que então era chamado “Síndrome de Asperger” não seria algum tipo de problema de saúde, mas apenas “uma forma diferente de ser”. A ideia chamou um pouco minha atenção na época, mas, em um primeiro momento, não cheguei a aderir convictamente a essa linha de pensamento. Em um texto[19] que produzi em 2013, em meio às atividades no Núcleo de Teatro, faço um breve comentário sobre essa forma de enxergar a chamada “síndrome”:

> [...] cada vez menos tenho gostado desse nome [Síndrome de Asperger] e muitas vezes chego a simpatizar com o que alguns Aspergers dizem sobre a Síndrome não ser uma síndrome, mas sim uma maneira diferente de ser, de pensar, de agir, de enxergar o mundo. A única coisa que não me faz concordar totalmente com eles é que em nenhum momento me lembro de ter escolhido ver o mundo dessa maneira “diferente”, embora eu concorde que ela seja melhor que a maneira como a maioria das pessoas ditas “normais” veem o mundo.

No texto, se percebe claramente um descontentamento meu com o termo patológico usado para se referir à minha condição de autista. Paralelamente, demonstro uma relutância sobre concordar com a ideia de a “Síndrome não ser uma síndrome”, já que ver o mundo através dessa “síndrome” não foi algo que pude escolher. Hoje, no entanto, percebo claramente o simplório erro de raciocínio que estava cometendo na época: de fato, eu não “escolhi” ser autista, da mesma forma como não escolhi ser homem, cisgênero, branco, homossexual, de olhos castanhos, etc. O “não ter escolhido” não contraria, de forma alguma, a possibilidade de enxergar o autismo não mais como uma condição patológica, mas como uma variação natural da diversidade humana – no caso em questão, a neurodiversidade.

5.2 Neurodiversidade e mudança de paradigma

Segundo o professor – autista – de psicologia do *California Institute of Integral Studies*, Nick Walker, o termo “neurodiversidade”, cunhado pela socióloga australiana Judy Singer – também autista –, em 1999, se refere à variedade natural

[19] A íntegra desse texto está disponível no Apêndice E.

e incontestável de cérebros e mentes na espécie humana (2016[20]). Walker salienta a importância de não confundir a "neurodiversidade" com o "movimento da neurodiversidade": o primeiro termo se refere a um fato, a um tipo de diversidade humana equivalente às diversidades étnicas, de gênero, etc.; já o segundo se refere ao movimento social que, apoiando-se nesse fato – e propagando-o –, promoverá a luta pelos direitos, pela igualdade, respeito, aceitação e inclusão de indivíduos neurodivergentes[21] (2014).

Segundo o professor e pesquisador do tema, Francisco Ortega, os proponentes do movimento da neurodiversidade reivindicam a ideia de que

> [...] uma "conexão neurológica" (*neurological wiring*) atípica (ou neurodivergente) não é uma doença a ser tratada e, se for possível, curada. Trata-se antes de uma diferença humana que deve ser respeitada como outras diferenças (sexuais, raciais, entre outras) (2008, p. 477).

O autismo seria uma dessas "conexões neurológicas atípicas". Logo, uma das ideias defendidas pelo movimento da neurodiversidade é a de que o autismo não consiste em nenhum problema de saúde a ser tratado ou curado, mas sim uma parte constitutiva da identidade das pessoas consideradas autistas, pessoas que apresentam uma "conexão neurológica" diferente dos padrões tidos como "normais". Jim Sinclair, um dos precursores no ativismo pelos direitos autistas salienta essa posição em seu ensaio "*Don't mourn for us*" ["Não chorem por nós"], publicado originalmente em 1993, no qual diz:

> O autismo não é algo que a pessoa tem, ou uma "concha" na qual a pessoa está presa. Não há uma criança "normal" escondida atrás do autismo. O autismo é uma maneira de ser. É onipresente; colore cada experiência, cada sensação, percepção, pensamento, emoção, e encontro, todos os aspectos da existência. Não é possível separar o autismo da pessoa – e, se fosse possível, a pessoa que você "obteria" não seria a mesma com a qual você começou (2012, p. 1; tradução nossa).

[20] As citações identificadas como (WALKER, 2016) e (WALKER, 2015) referem-se, respectivamente, a versões traduzidas dos textos "*Throw Away the Master's Tools: Liberating Ourselves from the Pathology Paradigm*" ["Jogue fora as ferramentas do senhor: libertando-nos do paradigma da patologia"] – publicado originalmente em 2013 – e "*What Is Autism?*" ["O que é o Autismo?"] – publicado originalmente em 2014. As traduções, feitas com a permissão de Walker, estão disponíveis no *blog* "Autismo em tradução" [https://autismoemtraducao.com],*blog* mantido pela tradutora – e mãe de um menino autista – Alexia Klein. Os textos originais, em inglês, estão disponíveis no *blog* de Nick Walker intitulado "*Neurocosmopolitanism*" [http://neurocosmopolitanism.com].

[21] Indivíduos cujo funcionamento cerebral diverge significativamente da maioria das pessoas, dos padrões considerados como "normais". A neurodivergência não se restringe à condição autista, podendo decorrer também da dislexia, epilepsia, etc.

O advento do movimento da neurodiversidade acabou causando uma divisão na forma de se enxergar o autismo e de se posicionar perante tal condição. De um lado encontram-se os movimentos que insistem em tratar o autismo como uma patologia e que desejam a descoberta de uma "cura" para o mesmo – movimentos encabeçados principalmente por mães e pais de crianças autistas e pelos ditos "especialistas" da área; de outro lado estão os movimentos encabeçados principalmente por autistas adultos, que anseiam por uma despatologização de sua condição e, consequentemente, por uma celebração da (neuro)diversidade humana. Walker vai identificar esses posicionamentos como decorrentes de dois diferentes paradigmas, respectivamente: o paradigma da patologia e o paradigma da neurodiversidade.

Para Nick Walker, o paradigma da patologia é o que se faz dominante no mundo atual – e, conforme comentado anteriormente, foi através desse paradigma que o autismo me foi apresentado no decorrer de minhas primeiras pesquisas sobre o tema. Walker sintetiza o paradigma da patologia em dois pressupostos fundamentais – pressupostos que são, ainda segundo o autor, amplamente tomados por corretos e sobre os quais a maioria das pessoas nunca chegou a fazer uma reflexão consciente (2016):

> 1. Há um jeito "certo", "normal" ou "saudável" de o cérebro humano e a mente humana serem configurados e funcionarem (ou um intervalo relativamente estreito no qual a configuração e funcionamento do cérebro e mente humana devem estar).
> 2. Se sua configuração neurológica (e, como resultado, sua forma de pensar e se comportar) substancialmente divergir desse padrão dominante de "normalidade", então há ALGO ERRADO COM VOCÊ (2016; grifo do autor).

Walker salienta que tais pressupostos acabam sendo utilizados por diferentes pessoas e grupos, inclusive por muitos indivíduos autistas que são ensinados/conformados a falarem e pensarem sobre si mesmos a partir do paradigma da patologia (2016). O autor acrescenta ainda:

> As autoridades psiquiátricas que classificam o Autismo como "transtorno"; as "organizações beneficentes" que chamam o Autismo de "crise internacional de saúde"; os pesquisadores que continuam a elaborar novas teorias de "causação"; os cientificamente iletrados que acreditam que o Autismo seja uma forma de intoxicação; qualquer pessoa que fale de autismo utilizando linguagem médica como "sintoma", "tratamento" ou "epidemia"; a mãe que acredita que a melhor forma de ajudar seu filho Autista seja submetê-lo a "intervenções" comportamentais com o propósito de treiná-lo a agir como uma criança "normal"; a celebridade autista "inspiradora" que adverte a outros Autistas que o segredo do sucesso é

> tentar com mais afinco a conformar-se às demandas sociais dos não Autistas… *Todos* esses grupos e indivíduos operam dentro do paradigma da patologia, a despeito de suas intenções ou do quanto eles possam discordar um do outro em vários pontos (2016; grifo do autor).

Walker defende a necessidade de se substituir o paradigma da patologia por um novo paradigma, que possibilite o empoderamento e o bem-estar das pessoas autistas: o paradigma da neurodiversidade, cujos princípios fundamentais seriam:

> 1. A neurodiversidade – a diversidade do cérebro e da mente – é uma forma natural, saudável e importante da diversidade humana.
> 2. Não há um estilo "normal" ou "correto" para o cérebro humano ou para a mente humana, assim como não há uma etnia, um gênero ou uma cultura "normal" ou correta.
> 3. As dinâmicas sociais que se manifestam no que tange a neurodiversidade são similares às dinâmicas sociais que se manifestam no que tange outras formas de diversidade humana (por exemplo, a diversidade de raça, cultura, gênero ou orientação sexual). Essas dinâmicas incluem as dinâmicas das relações de poder social – a dinâmica da desigualdade social, do privilégio e da opressão – assim como as dinâmicas pelas quais a diversidade, quando acolhida, age como uma fonte de potencial criativo dentro de um grupo ou sociedade (WALKER, 2016).

Walker chama ainda a atenção para o fato de que muitos grupos que se dizem defensores da neurodiversidade, que se opõem a ideia do autismo como uma doença ou que celebram o "orgulho autista", seguem, no entanto, se referindo ao autismo em uma linguagem médica, seguem utilizando termos como "transtorno", "síndrome", "diagnóstico", etc. O autor defende a necessidade de se abandonar essa linguagem patologizante, salientando que "[...] a linguagem adequada para discutir problemas médicos é bem diferente da linguagem apropriada para a discussão da diversidade" (2016).

No que diz respeito à forma de se referir a um indivíduo autista, a linguagem da patologia pode se fazer presente de forma bastante explícita como em expressões do tipo "fulano SOFRE DE autismo" ou "fulano É PORTADOR DE autismo", mas também de formas um pouco mais sutis como na expressão "fulano TEM autismo". Analisadas a partir do paradigma da neurodiversidade, tais expressões acabam se mostrando tão absurdas e ultrajantes quanto dizer que uma pessoa "sofre de homossexualidade" ou que ela "tem negrismo" (WALKER, 2016).

Compactuando com o paradigma e a linguagem da neurodiversidade, faço questão de evitar ao longo deste trabalho o uso de expressões patologizantes para me referir ao autismo (a não ser quando me refiro à forma como o autismo é comumente tratado e, nesses casos, faço questão de colocar as expressões entre

aspas) e opto, como o(a) leitor(a) já dever ter percebido, por referir-me a mim mesmo não como um doente, transtornado, sofredor ou portador de qualquer mal, mas como um “individuo autista”, uma “pessoa autista” ou simplesmente como “autista”.

5.3 O conceito de autismo por Nick Walker

Apresentados os paradigmas da patologia e da neurodiversidade e tendo-se feito as devidas críticas ao primeiro e a defesa do segundo, ainda se faz necessário dizer com maior clareza o que é, afinal, o autismo. Mais uma vez, Nick Walker é quem nos dá a resposta. O autor comenta sobre o fato de que muitas das páginas na internet que intentam responder à questão “o que é o autismo?”, o fazem a partir do paradigma da patologia, propagando “informações imprecisas e falsos estereótipos” (2015). Em um texto publicado em seu *blog*, o autor se dispõe então a responder essa questão a partir do paradigma da neurodiversidade e de evidências científicas recentes e o faz da seguinte forma:

> O autismo é uma variação neurológica humana de base genética. O complexo conjunto de características interrelacionadas que distinguem a neurologia autista da não autista não foi ainda completamente entendida, mas evidências recentes indicam que a distinção central é caracterizada por níveis particularmente elevados de conectividade e respostas sinápticas no cérebro autista. Isto faz com que as experiências subjetivas dos indivíduos autistas sejam mais intensas e caóticas do que as dos não autistas: tanto no nível sensório-motor, quanto no cognitivo, a mente autista tende a registrar mais informações e o impacto de cada fração de informação tende a ser mais intenso e menos previsível.
>
> O autismo é um fenômeno do desenvolvimento, o que significa que ele se inicia no útero e tem influência difundida no desenvolvimento, em múltiplos níveis, ao longo da vida. O autismo produz formas de pensamento, mobilidade, interação e processamento sensorial e cognitivo distintas e atípicas. Uma analogia frequentemente feita é que os autistas têm um “sistema operacional” neurológico diferente dos indivíduos que não são autistas.
>
> De acordo com estimativas recentes, de 1 a 2 por cento da população mundial são autistas. Apesar de o número de indivíduos diagnosticados ter crescido continuamente nas últimas décadas, evidências sugerem que este crescimento do diagnóstico é resultado do aumento da conscientização dos profissionais e da população em geral e não um aumento na prevalência do autismo.
>
> Apesar de terem a neurologia autista em comum, indivíduos autistas são imensamente diferentes uns dos outros. Alguns indivíduos autistas exibem talentos cognitivos excepcionais. No entanto, no contexto de uma sociedade construída para as necessidades sensoriais, cognitivas, sociais e de desenvolvimento de indivíduos que não são autistas, os indivíduos autistas

> são quase sempre deficientes[22] em algum grau — algumas vezes de forma bem óbvia e outras de forma mais sutil.
> O campo das interações sociais é um contexto no qual os indivíduos autistas tendem a ser invariavelmente deficientes [*disabled*]. As experiências sensoriais de uma criança autista são mais intensas e caóticas do que as de uma criança não autista; desta forma, são requeridas da criança autista mais atenção e energia para realizar a tarefa constante de percorrer e integrar essas experiências sensoriais. Isto significa que a criança autista tem menos atenção e energia disponíveis para concentrar-se nas sutilezas das interações sociais. As dificuldades para satisfazer as expectativas sociais de pessoas não autistas resultam, com frequência, em rejeição, que acaba agravando as dificuldades e impedindo o desenvolvimento social. Por esta razão, o autismo é com frequência interpretado erroneamente como sendo essencialmente um grupo de "déficits na esfera social e da comunicação", por pessoas sem consciência de que as dificuldades sociais encontradas por indivíduos autistas são meros subprodutos da natureza intensa e caótica da experiência sensorial e cognitiva do autista.
> O autismo continua sendo amplamente considerado um "transtorno", mas esta perspectiva vem sendo contestada recentemente pelos proponentes do modelo da neurodiversidade, que defende a ideia do autismo e outras variantes neurocognitivas, como partes do leque natural da biodiversidade humana, assim como as variações em etnia ou orientação sexual (que também têm um histórico de patologização). Por fim, descrever o autismo como transtorno, representa um julgamento de valor, e não um fato científico (2015).

Hoje, portanto, compactuo com a visão de Nick Walker sobre o autismo, não o enxergando mais como uma doença, um transtorno, uma síndrome, um problema, algo errado ou ruim, que precisa ser tratado, revertido, eliminado ou curado. Enxergo-o sim, a partir do paradigma da neurodiversidade, como importante parte constituinte da minha identidade e das demais pessoas autistas.

Considero que este posicionamento possui um forte cunho político e que condiz com a postura que venho construindo ao longo de minha trajetória, em relação aos mais variados aspectos da vida: uma postura baseada a) numa insubmissão às normas, tradições, visões sobre o mundo e sobre as coisas que alguns grupos desejam impor autoritariamente como verdades absolutas e que, muitas vezes, se mostram como injustas e preconceituosas – representadas aqui pelo paradigma da patologia – e b) no respeito e na celebração das individualidades, das diferenças, da (neuro)diversidade humana, enxergando nessa celebração o caminho para um mundo melhor.

[22] "*Disabled*", no original. Segundo a tradutora Alexia Klein, mantenedora do já citado *blog* "Autismo em tradução", essa palavra, assim como "*disability*", comumente traduzidas como "deficiente(s)" e "deficiência", não tem o mesmo sentido negativo de falha/falta/imperfeição que tais palavras costumam conotar no português brasileiro. "*Disability*" se refere mais precisamente a uma limitação em certas habilidades tidas como "normais" entre indivíduos "neurotípicos", mas não necessariamente a uma incapacidade (informações retiradas de <https://autismoemtraducao.com/terminologia-e-outras-consideracoes/deficienciadeficiente-x-disabilitydisabled>. Acesso em: 28 abr. 2018).

É com esse entendimento sobre o autismo e sobre minha condição como pessoa autista que me proponho, na seção a seguir, a relacionar tal condição com as experiências que tive ao longo de minha trajetória no teatro.

6 Um autista no teatro

> *“Uma sociedade que estimasse o amor, a novidade, a beleza, o riso, o conhecimento e o encantamento como as contribuições mais valiosas que uma pessoa pudesse fazer, teria não apenas uma atitude positiva com relação à neurodiversidade, mas seria também uma sociedade melhor para todos.”*
>
> *(Nick Walker)*

Apresentadas a minha trajetória no Teatro e a conceituação de autismo com a qual estou trabalhando, proponho-me nesta seção a desenvolver algumas reflexões sobre como minha condição de autista interferiu em minha passagem pelo curso de Teatro da UFPel. Optei por dividir essas reflexões em alguns subtemas como: relação com colegas, relação com professores, comportamento em sala de aula, participação em atividades práticas, apresentações de cenas, dentre outros.

Fazer essa relação entre o teatro e o autismo não é uma tarefa fácil, pois pressupõe que de alguma forma eu tenha que identificar quais aspectos do meu comportamento estão diretamente relacionados ao autismo, quando me parece mais razoável considerar – ainda mais a partir de tudo o que foi exposto na seção anterior – que todo o meu comportamento é um “comportamento autista”. Procurarei, no entanto, desenvolver minha análise a partir de alguns padrões de comportamento apresentados por mim, que tendem a ser tidos como atípicos, sobretudo a já mencionada tendência ao silêncio ou ao falar pouco na maior parte das minhas interações sociais.

6.1 O silêncio e a fala fora de cena

O hábito que tenho de falar pouco na maior parte das interações sociais me acompanha, conforme já relatado, desde os tempos de escola. Como qualquer outra das “características” normalmente atribuídas às pessoas autistas, não se trata de nenhum padrão de comportamento observável em todas as pessoas nessa condição – ao contrário, há muitas e muitos autistas que falam bastante, sobretudo sobre os temas de seu interesse.

São poucas as situações em que consigo falar bastante e de forma espontânea e para mim é difícil dizer objetivamente quais seriam essas situações.

Ao refletir sobre as relações que tenho com diferentes pessoas, fica evidente para mim que não se trata de algo definido por critérios simplistas do tipo “só falo com quem gosto” ou “só falo com quem conheço bem” – afinal, não são incomuns situações em que, por exemplo, acabo falando pouco com pessoas que conheço bem e/ou das quais gosto bastante.

A verdade é que é difícil encontrar alguma explicação objetiva para o meu constante silêncio e, em parte, me incomoda a ideia de ter que oferecer qualquer explicação, como se estivesse fazendo algo de errado. Talvez uma boa resposta – via paradigma da neurodiversidade – seria simplesmente: é a forma como “funciono”, a forma como sei funcionar.

Essa permanência do silêncio foi a que mais interferiu na minha relação com colegas, professoras e professores ao longo do curso e na minha participação nas aulas e em atividades relacionadas à pesquisa ou à extensão.

6.1.1 Relação com colegas de curso

Ao contrário do que fiz, conforme já comentado, com os colegas do curso de História, não me lembro de ter me apresentado claramente aos colegas do curso de Teatro como sendo uma pessoa autista. Havia compartilhado essa informação com o professor Adriano Moraes em 2011, quando participava do Núcleo 2 e creio que cheguei a mencionar o fato em conversas virtuais – via redes sociais – com alguns colegas, tanto do Núcleo 2, como do curso. A partir daí, essa informação acabou se espalhando e acredito que, dentre os colegas que ingressaram no curso comigo em 2012 e que me acompanharam na maior parte das disciplinas, todos tinham conhecimento sobre minha condição como autista (ou, provavelmente, como “Asperger”, já que era o termo que eu mais usava na época). Ignoro, no entanto, o entendimento que tais colegas tinham sobre o que é o autismo.

De modo geral, os colegas acabavam me tratando simplesmente como uma pessoa “que fala pouco” e, nesse aspecto, acabavam não sendo muito diferentes dos meus colegas do Ensino Fundamental e Médio.

Apesar de falar pouco nas aulas, interagia bastante com alguns deles nas redes sociais, o que possibilitava que me conhecessem melhor. Já pessoalmente, minha tendência era falar pouco com todos, limitando-me a responder perguntas

diretamente feitas a mim ou falando o que me parecesse necessário em algumas situações de trabalhos ou exercícios em grupo.

Com a convivência, me parece que os colegas acabaram facilmente se acostumando e aceitando meu jeito de ser. O mesmo aconteceu com colegas do Núcleo, GEPPAC, etc.

Para destacar a diversidade existente entre a turma que me acompanhou na maior parte de minha passagem pelo curso, é importante dizer ainda que tínhamos também um colega com Síndrome de Down, que, a meu ver, também teve suas diferenças bem aceitas por todos.

6.1.2 Relação com professores

Quanto aos professores, acredito que todos os que já trabalhavam no curso no momento do meu ingresso em 2012 já sabiam de minha condição. Li, na época, a ata de uma reunião do colegiado[23] que foi divulgada em um grupo do curso no *Facebook* e há um trecho em que é dito que, após se falar sobre a presença de um aluno com síndrome de Down entre os alunos ingressantes daquele ano, “O prof. Adriano informou que teremos também um aluno com Síndrome de Asperger”.

No entanto, é bastante provável que alguns professores de outros departamentos da universidade, sobretudo da Faculdade de Educação, com os quais cursei algumas disciplinas, desconhecessem essa informação. O mesmo aconteceu com alguns professores que começaram a trabalhar no curso depois do meu ingresso – houve um caso, por exemplo, em que um professor só ficou sabendo que sou autista, após essa informação ter sido mencionada em uma conversa que ocorreu após uma das apresentações de “O melhor esconderijo”.

Diferente da mentalidade que eu tinha na época em que estava cursando História e participando do Núcleo 2 – em que eu fazia questão de me apresentar como autista (ou “Asperger”), a fim de justificar minhas “esquisitices” –, ao longo dos últimos anos, à medida em que foi aumentando a) o meu descontentamento em relação ao tratamento patologizante concedido ao autismo e b) a minha crescente simpatia por posicionamentos que propõem a celebração das individualidades, das diferenças, da diversidade, acabei adotando o hábito de não mais me apresentar

[23] Ata nº 1/2012, reunião ocorrida no dia 2 de março daquele ano. O texto da ata foi divulgado no grupo “Teatro UFPel”, pelo então representante discente do curso, Murilo Furlan.

como autista em praticamente lugar nenhum. Em algumas situações em que ninguém sabia de meu autismo, como quando cursei a disciplina de EBOPP em 2017 (com uma turma de alunos oriundos de cursos diversos e uma professora da Faculdade de Educação), tudo o que eu fazia era agir do “meu jeito” e esperar que as pessoas lidassem com isso, sem oferecer-lhes nenhuma explicação sobre “por que sou assim”. Afinal, cada vez mais tenho me convencido de que as pessoas deveriam aprender a lidar com as diferenças e a aceitá-las, sem precisar saber “o nome” de tais diferenças. Além da disciplina de EBOPP, cheguei a utilizar este “método” também em alguns cursos de extensão que realizei junto ao Centro de Letras e Comunicação (CLC) de UFPel em meados de 2016 e 2017**.** O resultado? Mais uma vez, algo semelhante ao que acontecia nos tempos de escola: um estranhamento inicial de colegas e professores em relação ao meu silêncio, seguidos, depois de algum tempo, por uma aceitação.

Dentre todos os professores e professoras que participaram de minha passagem pelo curso, o que mais esteve presente, conforme o(a) leitor(a) já deve ter percebido, foi o professor Adriano Moraes. A grande quantidade de trabalhos que realizamos juntos, seja no Núcleo de Teatro, no GEPPAC ou nas várias disciplinas em que fui seu aluno (Improvisação Teatral I e II, Encenação Teatral I e II, Montagem Teatral I e II e Metodologia e Prática da Pesquisa), possibilitaram que ele se aproximasse bastante de mim, me conhecendo melhor, entendendo e acostumando-se com meu jeito de ser. Em 2017, na época dos ensaios de “O melhor esconderijo”, escrevi a seu pedido uma pequena avaliação sobre o seu trabalho como meu diretor:

> A tarefa de avaliar um diretor com quem já trabalho desde 2011 é bastante complicada para mim, pois já me acostumei com seu modo de trabalhar e praticamente toda a minha experiência como ator foi construída sob a direção de Adriano Moraes.
> Da mesma forma que estou acostumado com sua direção, penso que Adriano também acabou se acostumando com meu modo de atuar e que, a partir desse conhecimento prévio sobre a forma como atuo, ele acaba adaptando seu modo de me dirigir. Por exemplo, Adriano sabe que apresento geralmente uma tendência a racionalizar demais a cena e, para evitar isso, procura propor ações que fogem dessa racionalidade e nas quais eu dificilmente pensaria por conta própria. Num primeiro momento, muitas dessas propostas acabam soando para mim como desafios, como nas primeiras vezes em que me foi proposto olhar nos olhos dos espectadores.

Considero que essa adaptação que cito ocorreu não somente no âmbito da relação diretor x dirigido, mas também em outras relações que eu e professor Adriano mantivemos ao longo do curso, como professor e aluno, como colegas de trabalho que fomos em todas as obras que realizamos conjuntamente ao longo de cerca de 7 anos de convívio.

Apesar disso, alguns momentos de nossa relação, sobretudo nos anos iniciais, acabaram sendo guiados pelo paradigma da patologia, afinal foi através desse paradigma que me apresentei em 2011; e era o único que eu conhecia até então. Em meados de 2013, em meio às atividades do Núcleo de Teatro, o professor Adriano me apresentou uma proposta que ele chamou de “gramática para o dia-a-dia” que consistia, basicamente, em – valendo-me da facilidade que eu tinha para lidar com situações cênicas –, construir pequenas “partituras” de ações/falas que eu pudesse utilizar em situações do dia-a-dia que se mostravam “difíceis” para mim. A ideia foi proposta após alguns episódios ocorridos na época de minha estadia no Núcleo de Teatro, como, por exemplo, uma situação em que machuquei a mão e tive dificuldades para encontrar atendimento médico. Acabei aceitando a proposta mesmo sem tê-la compreendido totalmente, mas as primeiras tentativas de colocá-la em prática acabaram não me agradando, conforme texto que escrevi na época, pois interferiam na minha forma própria de ser:

> Quando a proposta da gramática me foi feita, imaginei que ela seria usada basicamente em situações que envolvessem pessoas estranhas, com as quais não tenho nenhum vínculo afetivo e com quem sou, de certa forma, obrigado a interagir em determinadas situações sociais.
> Mas quando essa gramática começou a ser testada no próprio Núcleo, me senti um tanto desconfortável, pois a ideia de chegar cumprimentando Adriano, Elias e Rodolfo espontânea e voluntariamente fez eu me sentir um tanto falso. Não que eu ache que não mereçam ser cumprimentados, mas porque o Carlos que conheço não distribui cumprimentos assim e não acha completamente necessário dizer “oi”, “bom dia”, “boa tarde” para anunciar sua chegada ou para demonstrar afetividade para com os que o cercam.

A proposta da “gramática para o dia-a-dia” acabou, então, sendo abandonada, acredito que logo após eu ter escrito esse texto.

Nunca fiz questão de ser tratado de forma diferente pelo(a)s professore(a)s, como um aluno “especial”. Porém, acredito que alguns professores tenham, naturalmente, ao saber que teriam um aluno “com Síndrome de Asperger”, pesquisado sobre o assunto, pressupondo que eu necessitaria de formas especiais de tratamento em sala de aula, de avaliação, etc.

No meu primeiro semestre no curso, a então professora de Expressão Corporal, professora Maria Amélia Netto, chegou a escrever um artigo sobre a presença de um aluno “com Síndrome de Asperger” em suas aulas. Ao longo do artigo (NETTO, 2012), ela fala sobre formas alternativas de avaliação que acabou utilizando comigo, por eu não estar participando de algumas atividades de debates em aula; a proposta dela foi, então, que eu escrevesse resumos sobre os textos que estavam sendo discutidos.

Apesar de entender as preocupações da professora em encontrar formas de lidar com uma situação nova – a presença de um aluno autista em suas aulas –, relendo seu artigo atualmente, percebo que sua pesquisa acabou sendo construída, evidentemente, via paradigma da patologia, usando como fontes textos nos quais as individualidades das pessoas “com Síndrome de Asperger” acabam sendo pouco consideradas. Acredito também que a professora acabou se precipitando ao escrever tal artigo logo no meu primeiro semestre no curso, antes mesmo de ter procurado me conhecer melhor.

6.1.3 Participação nas aulas

Minha participação nas aulas ao longo do curso foi marcada pelo constante silêncio. Como já comentado acima, não tinha o hábito de participar de debates ou outras situações nas quais era solicitado que os alunos se manifestassem – situações que aconteceram várias vezes ao longo do curso, tanto em disciplinas teóricas, como práticas. No artigo já citado, a professora Maria Amélia faz o seguinte comentário sobre essa questão:

> Outra característica observada no desempenho do aluno foi a sua dificuldade em expor verbalmente ao grupo suas sensações e impressões sobre as práticas corporais realizadas em aula e também sua não participação oral nos debates sobre as leituras indicadas no plano de ensino. Nestas ocasiões e, também, nas tentativas de diálogo individual com a professora sua participação foi apenas como ouvinte. (NETTO, 2012, p. 5)

Em algumas dessas situações em que, por exemplo, se solicitava que todos respondessem a uma determinada questão, enquanto os demais colegas falavam, eu conseguia formular uma resposta mentalmente, ensaiando palavra por palavra e, ao chegar minha vez de falar, verbalizava tal resposta quase como se fosse um

texto previamente memorizado. Mas em muitas outras vezes eu não conseguia formular tal reposta – o tempo era insuficiente para pensar em uma resposta que me agradasse e/ou a questão me parecia complexa demais para ser respondida na hora; ou não tinha opinião formada sobre o tema em discussão; ou considerava que não tinha nada de relevante a dizer sobre o assunto; ou não sabia como – com quais palavras – explicar/expressar/traduzir minhas opiniões/sensações/avaliações, etc. Então, ao chegar a minha vez, todos ficavam esperando que eu falasse; um silêncio incômodo geralmente se instalava nesse momento; eu ficava sem saber como reagir; quase sempre uma pequena discussão se iniciava entre os colegas, na qual um dizia algo do tipo “ele não vai falar” e outro dizia para fazer silêncio, que eu iria falar sim, etc. O silêncio se mantinha por um tempo, até ficar claro que eu não iria falar, e passava-se, então, à pessoa seguinte.

Esta situação, que se repetiu muitas vezes ao longo do curso, era uma das mais incômodas para mim, sobretudo nos semestres inicias. Não conseguir falar quando todos ao meu redor me pressionavam para fazê-lo, não ter algo para dizer, não conseguir formular uma resposta frustrava-me bastante. Com o passar do tempo, no entanto, fui aprendendo a lidar com a situação, de modo a evitar frustrações e sofrimentos vãos: em algumas ocasiões, se, após um breve raciocínio, eu concluísse que não tinha ou não sabia o que falar, apenas esperava serenamente que chegasse a minha vez e, sem sofrimentos, deixava que todo o ritual se desenrolasse – silêncio, expectativas, discussões, “ele vai falar...”, “ele não vai...”, etc. Aconteceram também situações em que eu optava simplesmente por “fugir” da sala: indo ao banheiro, por exemplo, pouco antes de chegar a minha vez de falar, e demorando tempo suficiente para que a atividade terminasse. Sei que tais atos, relatados dessa forma, podem soar como uma mera “malandragem” ou alguma forma pouco exemplar de comportamento, mas considero que era (e, em alguns casos, ainda é) uma forma de evitar situações que não me faziam bem. A verdade é que, desde os tempos de escola, minha insatisfação com a ideia de ter que seguir regras e padrões de comportamentos criados por outros – nesse caso, os neurotípicos –, acabou me aproximando cada vez mais de um posicionamento um tanto quanto anárquico/individualista nos mais variados aspectos da vida.

Enfim, incomodava-me bastante esse tipo de atividade e preferia as situações nas quais a fala fosse voluntária, sem haver qualquer tipo de pressão para que todos se manifestassem. Incomodava-me ainda mais as situações em que a participação

espontânea em debates, conversas, etc. era utilizada como critério de avaliação, situações em que eu acabava invariavelmente sendo prejudicado.

6.2 Fala, olhar e movimento em cena

Algo que ficou evidente desde as minhas primeiras experiências com o Teatro – e que iria culminar na ideia do Teatro como um “Alívio Imediato” – foi que todas essas dificuldades enfrentadas por mim na “vida real” pareciam ser amenizadas em cena.

A cena, com suas ações e falas pré-definidas, acabou se apresentando para mim como um local seguro, um local que se mostrou mais receptivo a alguns aspectos do meu comportamento que costumam trazer-me dificuldades na “vida real”, neste mundo criado por e para neurotípicos, onde, entre outras coisas, vê-se um anseio por espontaneidade e imediatismo, que nem sempre consigo oferecer.

6.2.1 A fala em cena: quebra do silêncio e dificuldade com improvisações

Uma das coisas que consegui facilmente abandonar em cena foi o silêncio. A tarefa de dizer um texto previamente memorizado demonstrou-se, desde cedo, muito mais fácil que a de “inventar um texto” na hora, o que acaba acontecendo na grande maioria das interações sociais.

A quebra do meu silêncio em cena sempre foi algo que chamou bastante a atenção das pessoas que me conheciam “fora de cena” e que dificilmente ouviam minha voz ou, então, me ouviam falar geralmente em um volume baixo e/ou em um tom pouco expressivo. Ver-me em cena falando, gritando, cantando, etc. levava frequentemente tais pessoas a fazer comentários do tipo “parece outra pessoa!”.

O contrário, no entanto, também aconteceu muitas vezes: quando pessoas que não me conheciam assistiam algum trabalho meu, me viam – como acima – falando, gritando, cantando, etc. e, nas conversas que costumavam acontecer ao final de cada apresentação, se viam diante de um ator silencioso e retraído, totalmente diferente do que haviam acabado de ver em cena, se mostravam, igualmente, bastante surpresas – mais uma vez: “parece outra pessoa!”.

A dificuldade de falar espontaneamente, no entanto, seguiu se manifestando em diversos exercícios práticos, tanto nas aulas, como nas atividades do Núcleo de Teatro ou do GEPPAC, quando a proposta envolvia a improvisação de falas.

Geralmente eu acabava não conseguindo participar desse tipo de exercício, agindo de forma semelhante às situações de debates em aulas: tentando, antes de chegar minha vez, pensar em falas que pudessem ser usadas ou, simplesmente, optando por não participar da atividade.

Em muitos exercícios que tinham a improvisação como proposta, mas que não especificavam a necessidade de se usar falas, a "saída" que eu encontrava era não utilizar fala nenhuma, dando prioridade às ações e, até mesmo, em alguns casos, criando propositalmente personagens mudos, loucos, doentes, etc.; enfim, dentro das especificações de cada exercício, fazia o possível para criar situações em que a ausência de falas se justificasse.

O teatro acabou se mostrando para mim um importante local de autoexpressão, o que foi acentuado pelo uso de muitos textos autorais nas obras em que atuei. Muitos destes textos contendo informações autobiográficas.

Minha relação com o teatro era, inicialmente, muito "textocentrista". A ideia que eu tinha sobre o teatro, desde os tempos de escola, se resumia a: atores e/ou atrizes em um palco, dizendo textos previamente memorizados e realizando uma ou outra ação indicada nas rubricas do texto. Foi só a partir de minha participação no Núcleo 2 e do meu ingresso no curso, que comecei a compreender melhor a importância do corpo em cena.

6.2.2 O corpo em cena

Certas peculiaridades em relação à motricidade são frequentemente citadas na literatura sobre o autismo. Não chego a me identificar claramente com nenhuma delas, porém, ao longo de minha trajetória no Teatro, algumas questões relativas à presença e à movimentação do corpo em cena acabaram se fazendo perceptíveis em mim, como a já citada dificuldade inicial para abrir os membros, resultando em uma postura frequentemente retraída, assim como algumas dificuldades relacionadas ao controle das mãos e do olhar em cena.

Essas questões começaram a ser trabalhadas durante a minha estadia no Núcleo de Teatro, com os já mencionados "exercícios do Homem Vitruviano".

Posteriormente, sobretudo nos ensaios do experimento “Alívio Imediato”, foi dado ênfase à importância de se controlar as mãos e o olhar em cena.

Em uma das cenas do “Alívio Imediato”, a ação proposta pelo professor Adriano foi que eu falasse o texto olhando nos olhos de cada espectador(a). Apesar de minha tendência de, na “vida real”, não manter contato visual espontaneamente com quase ninguém, em cena, como uma ação não espontânea/pré-combinada, consegui realizá-la com a mesma facilidade que se faz presente na verbalização de textos pré-memorizados.

6.3 Experiência com a direção teatral

Uma das experiências mais distintas que tive ao longo de minha trajetória no curso foi a ocorrida na disciplina de Encenação Teatral II, na qual tive que me posicionar, pela primeira, vez, não como aluno/ator, mas como um encenador –e que acabou envolvendo não somente a tarefa específica de dirigir as cenas, mas também a de coordenar toda uma equipe de trabalho, que envolvia atrizes, atores, figurinista, cenógrafa, etc.

Não se tratavam, evidentemente, de situações em que eu tivesse falas memorizadas – como nas situações de atuação –, porém considero que consegui me comunicar bem com todos. Acredito que um bom entendimento sobre o meu próprio projeto e sobre o que eu desejava construir, aliados a um constante planejamento dos ensaios e o auxílio das redes sociais como meio complementar de comunicação com a equipe foram fatores que contribuíram para o meu bom desempenho.

Percebo que consigo me expressar melhor quando tenho um maior domínio sobre o que estou fazendo, dizendo, etc. Além disso, a posição que eu ocupava como diretor me colocava em uma situação de segurança, semelhante à situação de estar em cena. Assim como sempre havia um acordo claramente estabelecido com os espectadores, que esperavam que eu representasse algo diante deles, havia também, na ocasião, um acordo com atores e atrizes, que estavam dispostos a serem por mim dirigidos: eu tinha a “permissão” para me posicionar como diretor e como proponente do projeto em execução.

Senti-me muito bem compartilhando com o grupo tanto conhecimentos adquiridos ao longo de minha formação, como conhecimentos que busquei

especialmente para a encenação, como os referentes ao trabalho do ator-rapsodo de Nara Keiserman.

Como já mencionado anteriormente, a tarefa de posicionar-se como diretor da cena acabou se aproximando bastante do sentimento de “Alívio Imediato”, inicialmente relacionado especificamente à minha posição como ator.

6.4 O Teatro como “Alívio Imediato”

A ideia do teatro como um “Alívio Imediato”, concebida em 2012, acabou marcando bastante toda minha passagem pelo curso e minha relação com o Teatro. Tal ideia foi mencionada pela primeira vez no espetáculo “Margem Periférica”, no qual, uma de minhas falas iniciais era: “O Teatro é um Alívio Imediato”. A fala foi proposta pelo professor Adriano Moraes e claramente inspirada no título de meu *blog* e na canção homônima de Humberto Gessinger, relacionados com a sensação que eu já havia manifestado na época de que o Teatro tornava mais “fáceis” certos aspectos de minha vida. A ideia seguiu sendo explorada no experimento que recebeu o título “Alívio Imediato” e manteve-se sutilmente presente em outros momentos de minha trajetória.

Apesar de usar a expressão completa, referindo-me ao teatro como um “Alívio Imediato”, a verdade é que, geralmente, acabo ignorando o sentido da palavra “imediato” – tenho dúvidas sobre essa “imediatez” – e me apegando mais à ideia do “Alívio” – do latim “*alleviare*” = “tornar mais leve”. Inicialmente, essa expressão estava mais ligada à questão do autismo e às dificuldades inerentes ao ser autista em um mundo neurotípico, um mundo marcado por uma pressão pela fala espontânea, por um desejo de obediência a regras, rituais, padrões de comportamento, que muitas vezes se mostram pouco razoáveis quando vistos a partir de um olhar neurodivergente.

Hoje, penso que a ideia do teatro como “Alívio Imediato” poderia ser entendida não como referente apenas à relação entre teatro e autismo, mas, de forma mais abrangente, entre teatro e vida. Partindo da etimologia supracitada, poderia dizer, talvez, que o Teatro é um “Alívio (Imediato)” porque torna minha vida “mais leve”.

Na verdade, explicar a sensação que o fazer Teatro provoca em mim é mais uma das tantas coisas que me parecem complexas demais para serem traduzidas

em palavras. Uma das coisas que posso dizer é que me sinto imensamente atraído por toda a aura de festividade e alegria, por todo o “espírito dionisíaco” que está tradicionalmente ligado à prática do Teatro. Ao longo de minha passagem pelo curso, pude perceber, de forma cada vez mais intensa, o quanto Teatro e Vida estão impregnados um pelo outro. Concomitantemente à minha trajetória teatral, que acabei destacando ao longo deste trabalho, diversas leituras e reflexões que fiz ao longo do mesmo período acabaram aproximando-me cada vez mais da ideia de uma existência em que ética e estética se misturam, se fundem, possibilitando enxergar o próprio “eu”, a própria vida como obras de arte a serem construídas. Posso dizer, então, que o Teatro, além de trazer-me leveza, diversão, alegria, acaba satisfazendo meu desejo por uma vida em que a arte esteja fortemente presente.

7 Considerações finais

Meu objetivo com este trabalho foi fazer uma análise da relação entre minha condição como pessoa autista e minha passagem pelo curso de teatro da UFPel. Para isso, vali-me de relatos e reflexões autobiográficas como metodologia de pesquisa e, concomitantemente, fiz questão de construir todo o texto sob a perspectiva de uma celebração da (neuro)diversidade.

Ao falar sobre o histórico de minha relação com o teatro, tanto antes, como durante o curso; ao apresentar o tema da neurodiversidade e ao falar sobre o autismo a partir do paradigma da neurodiversidade; e ao relacionar todas essas informações, considero que consegui cumprir satisfatoriamente os objetivos propostos na introdução deste trabalho.

Utilizei este texto para expressar-me sobre muitas coisas sobre as quais não havia me expressado claramente ao longo de minha passagem pelo curso.

Acredito que a leitura desse texto poderá ser bastante enriquecedora para pessoas interessadas pelos temas do autismo e da neurodiversidade, sobretudo para outras pessoas autistas que, como eu, não se sentem contempladas pela visão de sua condição via paradigma da patologia.

Considero que consegui apresentar bem o tema da neurodiversidade e mostrar uma visão do autismo a partir de um paradigma em que essa forma natural da diversidade humana é enfatizada e celebrada.

A escrita desse trabalho foi muito importante para mim, pois permitiu-me uma espécie de reconciliação com meu eu autista. Devido à ampla difusão do autismo a partir do paradigma da patologia, já fazia alguns anos que a ideia de me dizer autista vinha me desagradando bastante. Em todas as vezes ao longo de minha trajetória em que acabei falando sobre o tema do autismo, seja no *banner* apresentado em 2012 (“O trabalho do ator com Síndrome de Asperger em um contexto de teatro de grupo”), seja no projeto de Metodologia e Prática da Pesquisa, escrito em 2015 (“O Teatro e o Transtorno do Espectro Autista: Impressões Sobre Uma Trajetória Acadêmica”), seja nas temporadas inicias de “O melhor esconderijo”, em 2017 (com sua divulgação inicial como um “experimento sobre teatro e autismo”), eu sempre o fazia com um certo incômodo, um certo descontentamento. Não me sentia inteiramente bem com a ideia de apresentar-me como autista, pois sabia que essa informação seria interpretada via paradigma da patologia.

A partir da descoberta do paradigma da neurodiversidade, neste trabalho consegui, finalmente, escrever sobre o autismo e apresentar-me como autista sem sentir incômodo nenhum.

Ao longo de toda minha trajetória no curso de Teatro, o professor Adriano Moraes sempre enfatizou a importância de se divertir em cena e considero que consegui estender essa orientação para a escrita, me divertindo em muitos momentos ao longo da produção deste trabalho, sobretudo nos momentos de releitura/redescoberta de textos e *e-mails* escritos em momentos diversos, antes ou durante o curso, que muitas vezes me trouxeram agradáveis surpresas.

Considero que consegui, ainda, através dessa escrita de caráter fortemente autobiográfico, realizar um ato de entrega/desnudamento muito semelhante ao que vim realizando em cena, ao longo de todos os trabalhos aqui mencionados.

Um trabalho escrito em que se relacionasse e minha condição autista com o meu fazer teatral foi muitas vezes ensaiado ao longo de minha passagem pelo curso. Considero que consegui, finalmente, realizar essa escrita, não mais pensando na ideia do teatro como uma espécie de “terapia” capaz de me tornar “menos autista”, mas pensando no teatro como uma arte capaz de enriquecer e embelezar tanto a vida de pessoas autistas, como a de não-autistas.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5 – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <https://blogs.sapo.pt/cloud/file/b37dfc58aad8cd477904b9bb2ba8a75b/obaudoeducador/2015/DSM%20V.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2018.

BOTÍA, Antonio Bolívar "¿De nobis ipsis silemus?": Epistemología de lainvestigación biográfico-narrativa eneducación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v. 4, n. 1, 2002. Disponível em: <https://redie.uabc.mx/redie/article/view/49/91>. Acesso em: 05 abr. 2018.

GESSINGER, Humberto. Alívio Imediato. In: Engenheiros do Hawaii. **Alívio Imediato.** Rio de Janeiro: BMG, 1989. 1 CD. Faixa 2 (3'44").

KEISERMAN, Nara. **Caminho pedagógico para a formação do ator narrador**. Tese (Doutorado em Teatro), Rio de Janeiro, UNIRIO, 2004.

NETTO, Maria Amélia Gimmler. Corpo expressivo, universidade e inclusão: aprendizagens e desafios. In: SEMINÁRIO DE DANÇA ANGEL VIANNA, 6., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: 2012. Disponível em: <http://www.escolaangelvianna.com.br/seminario/anais/trabalho/corpo-expressivo-universidade-e-inclusao-aprendizagens-e-desafios>. Acesso em: 06 mai. 2018.

OLIVEIRA, Adriano Moraes de; PINTANEL, Elias de Oliveira. **Sobre o teatro na região de Pelotas: primeira abordagem de pesquisa**. 1 ed. Pelotas: UFPel-GEPPAC, 2014.

OLIVEIRA, Adriano Moraes de; PINTANEL, Elias de Oliveira. Abordagens stanislavskianas no GEPPAC-UFPel. In: JORNADA LATINO-AMERICANA DE ESTUDOS TEATRAIS, 6., 2013, Blumenau. **Anais...** Blumenau: 2013. Disponível em: <http://www.atuarproducoes.com.br/jornada2013/includes/artigos/artigos.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2018. (n.p.).

OLIVEIRA, Adriano Moraes de; RODRIGUES, Maurício. Núcleo de Teatro da UFPel: lócus de interação teatral. In: SILVA, Daniel F. S. (org.). **20 anos em cena: Núcleo de Teatro da UFPel**. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. p. 22-36. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/3736>. Acesso em: 19 abr. 2018.

ORTEGA, Francisco. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. **Mana**, Rio de Janeiro , v. 14, n. 2, p. 477-509, Out. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/mana/v14n2/a08v14n2.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2018.

PEROLA, Carlos Eduardo; PINTANEL, Elias de Oliveira e LIMA, Rodolfo Furtado Mendonça. Seis questões sobre o trabalho do ator-pesquisador do GEPPAC. In: OLIVEIRA, Adriano M. (org.). **Teatro de grupo: sobre poéticas, estéticas e políticas.**1 ed. Pelotas: GEPPAC, 2015. p. 93-100. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/geppac/files/2016/11/Livro-Teatro-de-Grupo-para-divulga%C3%A7%C3%A3o-2.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2018.

SANTOS, Héllen Thaís; GARMS, Gilza Maria Zauhy. Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. In: CONGRESSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 2.; CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 12., 2011, Águas de Lindóia. **Anais...** São Paulo: UNESP; PROGRAD, 2014. p. 4094-4106. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/141766>. Acessoem 05 abr. 2018.

SINCLAIR, Jim. Don't mourn for us. **Autonomy,the Critical Journal of Interdisciplinary Autism Studies**, v. 1, n. 1, out. 2012. Disponível em: <http://www.larry-arnold.net/Autonomy/index.php/autonomy/article/view/AR1/pdf>. Acesso em: 26 abr. 2017.

SONTAG, Susan. **Notas Sobre o Camp**. 1964. (não paginado). Disponível em: <https://perspectivasqueeremdebate.files.wordpress.com/2014/06/susan-sontag_notas-sobre-camp.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2017.

WALKER, Nick [trad. Alexia Klein]. **Jogue fora as ferramentas do senhor: libertando-nos do paradigma da patologia**. 2016. Disponível em: <https://autismoemtraducao.com/2016/11/11/jogue-fora-as-ferramentas-do-senhor-libertando-nos-do-paradigma-da-patologia>. Acesso em: 25 abr. 2018.

WALKER, Nick [trad. Alexia Klein]. **O que é o autismo?**.2015. Disponível em: <https://autismoemtraducao.com/2015/09/17/autismo-sugundo-o-paradigma-da-neurodiversidade>. Acessoem: 26 abr. 2018.

WALKER, Nick. **Neurodiversity: Some Basic Terms & Definitions**. 2014. Disponível em: <http://neurocosmopolitanism.com/neurodiversity-some-basic-terms-definitions>. Acesso em: 28 abr. 2018.

Apêndices

APÊNDICE A – Texto autobiográfico 1[24]

Meu nome é Carlos Eduardo Perola.

Um ser vivo.

Mais precisamente, um animal. Racional (foi o que me disseram).

Do filo do Cordados, classe dos Mamíferos, ordem dos Primatas, família dos Hominídeos, gênero Homo.

Espécie: Homo sapiens sapiens.

Mas ninguém me chama de Homo sapiens sapiens. Já me chamaram de Carlos, Carlinhos, Carlão, Carlito, Cadu, Eduardo, Du, Dudu, Pérola, Moço, Rapaz, Tiozinho, Piá , Gurizinho, Gurizão, Magrão, Mano, Brother, Surdo, Mudo, Doente, Viadinho, Demonhão, Filho do Dico e de muitas outras coisas.

Já me disseram que eu sou um anjo. Já me disseram que eu sou um gênio. Já disseram que eu sou malandro. Já disseram q eu sou foda.

Já disseram que eu sou inteligente, bonito, fofo e querido mas, também, (outros) já disseram que sou feio, chato, teimoso (nisso eu concordo), trouxa, lerdo, samoco, burro e esquisito.

Já me mandaram tomar no cu. Já me mandaram ir à merda. Já me mandaram ir catar coquinho. Nenhuma das vezes eu obedeci.

Eu não gosto de obedecer. Não gosto de ser mandado, a não ser quando não sei/não tenho o que fazer. Não gosto de leis, ordens, regrinhas. Simpatizo com a anarquia.

Quase toda a minha família descende de imigrantes italianos. Meu sobrenome era para ser Pirola mas, graças a Deus, o escrivão estava meio lelé no dia em que foi registrar meu avô e acabou escrevendo Perola (originalmente sem acento, mas eu o uso para evitar a pronúncia "Perôla").

Sou autista. Mais precisamente, portador da Síndrome de Asperger. Tenho dificuldades para me comunicar e interagir com as pessoas. Dificilmente consigo olhar nos olhos de alguém.

[24] Texto escrito em 2010, para o *blog* “Alívio Imediato” e que veio a ser utilizado no experimento homônimo. Seu trecho inicial também foi utilizado no experimento “O Melhor esconderijo”. Como já comentado sobre outros textos, vale salientar que muitas das coisas que escrevi na época não condizem com meus gostos, pensamentos, crenças, opiniões, etc. atuais.

Sou um ser 100% zen. Dificilmente me estresso. Dificilmente perco a paciência ou, se perco, finjo que ainda não perdi. Não gosto de brigas, intrigas, discussões. Sou totalmente "Paz e Amor"; quase um Hippie.

Meu signo é Capricórnio e meu ascendente é Peixes, mas não acredito em Astrologia.

Já acreditei que Papai Noel existe, que as nuvens eram feitas e algodão e que os artistas moravam dentro da televisão.

Hoje em dia não acredito em muita coisa. Não acredito em Papai Noel, Coelhinho da Páscoa, Fada do Dente, Velho do Saco, Curupira, Bluddy Mary, gnomo, lobisomem, mula-sem-cabeça, alma penada, quiromancia, bola de cristal, santo, fantasma, céu, inferno, purgatório, etc.

Não acredito também no que dizem algumas pessoas (as que já me deram/dão motivos para eu não acreditar-lhes). E eu acredito em Deus.

Fui batizado católico, mas me "auto-excomunguei" há uns quatro anos. Não frequento mais a Igreja. Não participo de nenhuma congregação religiosa. Eu pratico minha própria religião; baseada nos ensinamentos de Cristo, sobretudo no amor ao próximo. Acho que isso é mais importante do que ficar perdendo tempo com missas, hóstias, oraçõezinhas decoradas e outras baboseiras (seria legal se mais gente pensasse como eu).

Gosto de pessoas. Gosto de gostar das pessoas. Gosto das pessoas que gostam de mim. E tento gostar das que não gostam. Gosto especialmente dos que tem comportamento/gostos semelhantes aos meus. Pessoas estranhas. Mentes complexas/revolucionárias. Pessoas que pensam diferente.

Adoro ler. Adoro Gabriel Gárcia Márquez, Luis Antônio de Assis Brasil, Dan Brown, Jô Soares, Zélia Gattai. Odeio José de Alencar, Machado de Assis e outras chatices da literatura brasileira.

Adoro, também, escrever. Adoro inventar histórias. Já tentei escrever dois livros, mas nenhum ficou como eu queria. Já fazem mais de seis anos que eu escrevo um diário (esse às vezes fica como eu quero, às vezes não. É que essa história apesar de ser minha não depende só de mim).

Adoro música. Gosto de rock, pop, reggae, folk, country, um pouco de MPB e rap, etc. Amo músicas antigas. Odeio funk, forró, pagode, axé, sertanejo e outras porcarias que alguns tem coragem de chamar de música. Adoro decorar letras de músicas e adoro cantá-las; só não gosto que me vejam cantando.

Adoro cinema. Adoro filmes antigos, clássicos, ganhadores de Oscars, ficções científicas bem feitas. Odeio comédias sem graça, filmes previsíveis demais e filmes com cenas de "lutinha" (tipo Jackie Chan), etc.

Não sou do tipo de pessoa que não vive sem televisão, mas assisto às vezes. Gosto de programas de entrevistas, programas jornalísticos, programas de perguntas e respostas, programas sobre música/arte/cultura/etc, programas de (bom) humor. Amo Lost. Odeio novelas, programas de fofocas, etc. Não vejo graça em "A Praça é Nossa", "Show do Tom", "Zorra Total", mas morro de rir no horário eleitoral.

Não gosto de dormir cedo, tampouco de acordar. Já dormi em cama, no chão, no sofá, numa cama sem colchão, num beliche. Já passei/passo noites sem dormir.

Não ronco e não falo sozinho enquanto durmo (eu acho). E eu sonho.

Quando pequeno, já sonhei que uma múmia corria atrás de mim, que eu e meus amiguinhos éramos super-heróis e que um monstro veio visitar a minha casa. Ultimamente, sonho mais acordado que dormindo. E eu já senti, várias vezes, o chão se abrir debaixo da minha cama.

Eu já chorei. Chorei quando nasci, chorei um monte quando criança e continuei chorando depois de grande (só mudaram os motivos).

E eu também sei rir. Rio mais do que choro e gosto mais de rir do que de chorar. Rio de (quase) qualquer coisa. Às vezes, do nada, sinto vontade de rir, mas me controlo para não parecer mais retardado do que já aparento ser. Já ri até assistido "A Paixão de Cristo", bem na hora da crucificação.

Sou viciado em café. Adoro chá. Não gosto muito de cerveja. Odeio leite puro. Gosto de vinho. Não tomo chimarrão (só mate). Adoro suco de laranja. Não só o suco, mas o resto da laranja também. Adoro laranja, abacaxi, kiwi, ameixa, acerola. Adoro frutas. Não digo o mesmo sobre verduras e legumes (só gosto de alguns).

Não gosto de feijão, chuchu, milho, ervilha, couve-flor...

Adoro chocolate, sorvete, batata-frita, frituras em geral...enfim, tudo quanto é "porcaria"

Não como mais a torta de sorvete da minha mãe porque, apesar de ser boa, me dá dor de barriga; e não gosto mais de sopa de letrinhas porque nunca encontro as letras que eu quero.

Já andei de carro, ônibus, caminhão, avião, bicicleta (só "de carona" , porque eu não sei andar), carrinho de lomba e trem fantasma.

Já estive em escolas, igrejas, hospitais, lojas, mercados, restaurantes, hotéis, rodoviárias, casas de parentes, casas de amigos, casas de estranhos, uma ilha, um estádio, um labirinto e muitos outros lugares. Nunca estive em dois lugares ao mesmo tempo. Já estive andando nas nuvens e já estive, também, no mundo da lua (vou para lá frequentemente).

Já tomei banho de rio, de mar, de piscina, de mangueira, de bacia, de tanque, de chuveiro e de chuva.

Gosto de roupas escuras. Prefiro calças a bermudas. Odeio blusas de lã. Não gosto muito de regatas. Gosto de calças jeans. E adoro All Stars.

Tenho rinite alérgica. Já tive anemia, catapora e sinusite. Já furei o pé com um prego, já ralei o joelho e já cortei o braço brincando com uma gilete. Já quebrei o úmero, Já furei/cortei a cabeça três vezes (A primeira com uma chave quebrada, a segunda num cano de concreto e a terceira na quina de uma janela) e já quase furei o olho ao cair de cara numa pedra (tenho até hoje a cicatriz ao lado do olho esquerdo).

Eu já matei. Formigas, mosquitos, aranhas, etc. Não tenho coragem de matar ratos, por mais nojentos que sejam. Já presenciei o abate de um porco e não achei muito legal (mas a carne estava bem gostosa).

Já brinquei de capturar moscas, já construí um formigueiro dentro de um pote de vidro e já pus sal numa lesma para vê-la derreter. Já comi carne de boi, de porco, de pato, de galinha, de coelho, de tatu, de passarinho, de peixe, de cabrito e de sol. Nunca cortei o rabo de uma lagartixa (mas um dia ainda quero cortar).

Nunca comi caviar.

Nunca vi disco voador.

Nunca achei dinheiro na rua.

Nunca tomei banho de roupa.

já sai de casa com a braguilha aberta.

Já comi carne em sexta-feira santa.

Já pus o dedo na tomada e não levei choque.

Já li quase toda a Bíblia.

Já pulei de uma altura superior a três metros.

Já fui Rei Mago num teatrinho da pré-escola.

Já quebrei um sarrafo da cama pulando em cima dela.

Já tive medo de cachorro.

Já tive medo de escuro.
Gosto de álgebra.
Odeio Carnaval.
Amo meus amigos.
Não gosto de enterros.
Não entendo de carros.
Não gosto de futebol.
Não uso Havaianas.
Não faço sinal-da-cruz.
Não canto Hino Nacional.
Não acredito em superstições.
Não dou esmolas.
Não guardo mágoas.
E não sei assobiar.

APÊNDICE B – 101 Versos semi-plagiados[25] de alívios mais ou menos imediatos

Alívio Imediato

O melhor esconderijo

A maior escuridão

A luz

O invisível que nos salta aos olhos

Os meus olhos

Os seus

Olhares que não se encontram

Qual é a razão desse disfarce no olhar?

A razão dos nossos disfarces

Nosso fingimento

Nossa Atuação

Nosso Teatro

O que é Teatro?

Atores?

Atrizes?

Diretor?

Texto?

Dramaturgo?

Cenário?

Figurinos?

Eu vos digo que somente o Teatro é Teatro

E que se tudo é Teatro, nada é Teatro

E que se nada é Teatro, não há vida, porque Teatro é vida

Entrega

Encontro

[25] Diversas foram as fontes do meu "semi-plágio": algumas canções dos Engenheiros do Hawaii ("Alívio Imediato", "Piano bar", "Olhos iguais aos seus", "De fé" e "O papa é pop"); frases atribuídas a Gabriel García Márquez, Oscar Wilde, Edmund Burke, Sócrates e Jean-Paul Sartre; alguns versos de Ferreira Gullar; uma canção do cantor Wando ("Amor e paixão"); uma canção de Sergio Malandro ("Meu pipi no seu popô"); uma canção dos *Beatles* ("*Let It be*") e um trecho da Bíblia (Eclesiastes, cap. 3, vers. 1-8). Há também alguns trechos "não plagiados" ou que "plagiei de mim mesmo", retirando-os de textos por mim escritos anteriormente.

Catarse

Autoexperimentação

Interexperimentação

Antropofagia

Degustação simultânea dos outros e de si mesmo

Choque

Êxtase

Efemeridade

A vida compactada

Condensação do tempo e do espaço

A arte parafraseando a vida, mas de forma mais bela, mais viva.

A vida mais viva

A vida

O que é a vida?

Algo muito importante para ser levado a sério?

Ou uma sucessão contínua de oportunidades?

Oportunidades às vezes perdidas

Para todo o sempre

O arrependimento pelo o que não se fez

O não fazer nada porque só se pode fazer pouco

O não saber nada

O só saber que nada se sabe

A incerteza

A dúvida

O preço da pureza

O preço do feijão

O preço do arroz

Não cabem no poema

Mas o Alívio cabe

Imediato ou não

Trazido pela noite ou pela chuva

A chuva que cai como uma luva

A noite que cai de repente

Tão demente quanto um raio

Raio, estrela e luar
Manhã de sol
Meu iaiá
Meu ioiô
Meu iê-iê-iê
Música
Para os meus ouvidos
Para os meus olhos
Para o meu nariz
Para a minha boca
Minha língua
Meus dentes
Minhas glândulas salivares
Minha faringe
Meu esôfago
Meu estômago
Meu pâncreas
Minha vesícula
Meu fígado
Meu duodeno
Meus intestinos
Meu apêndice
Meu reto
Meu cu
(À merda os nomes bonitos)
Meu popô no seu pipi
Meu pipi no se popô
Meu sexo
Minhas drogas
Meu rock and roll
Os óculos do John
O olhar do Paul
When I find myself in times of trouble
Tempos de guerra e tempos de paz

Tempo de chorar e tempo de rir, tempo de prantear e tempo de dançar
Tempo de rasgar e tempo de coser; tempo de estar calado e tempo de falar
Quando os bens ou os males do amor vêm me visitar
Quando a angústia é grande demais para aguentar
Quando o tempo fecha e o céu quer desabar
Alivio-me
Assim.

APÊNDICE C – Texto autobiográfico 2[26]

Meu nome é Carlos Eduardo Pérola.

Nasci de parto normal, gravidez indesejada, às 10h da manhã de uma terça-feira, 15 de janeiro de 1991, num dos leitos do hospital Nossa Senhora do Rosário, numa cidade onde, entre outras coisas, se faz cucas.

Tenho, pelo que sei, 3 irmãos. Meu pai é pedreiro e gosta de carne de porco. Minha mãe trabalha em casa, costurando calçados para uma fábrica e é obcecada por limpeza.

Vivi os 242 primeiros meses de minha vida numa cidadezinha com cerca de 5 mil habitantes dormindo, lendo Monteiro Lobato, comendo, estudando, sendo levado a curandeiros, psicólogas e benzedeiras, ganhando medalhas em olimpíadas de matemática, conversando com cactos, carimbando livros, iludindo-me com amores platônicos, indo a missas, subindo em árvores, tomando mate de limão, masturbando-me, correndo atrás de patos, planejando revoluções, aprendendo o A, E, I, O, U, *plurkando*[27], construindo a árvore genealógica da Bíblia, assistindo Dragon Ball, Pokémon, Digimon, novelas, Bambuluá, Linha Direta, Disney Cruj, Malhação, Castelo Rá-tim-bum, Passa ou Repassa, Chiquititas, Power Rangers e muitos outros, passando cola em calçados, jogando Sonic, estudando as crenças das Testemunhas de Jeová, visitando o lixão nas férias de inverno, dançando Ragatanga, carregando tijolos, fazendo xixi nas calças, desenhando, colhendo moranguinhos, memorizando os elementos da tabela periódica, brincando com prendedores de roupa, trocando correspondências secretas, tomando banho de rio, escrevendo um diário, decifrando enigmas em gincanas, construindo mundos paralelos com brinquedos, entre muitas outras coisas, não necessariamente nessa ordem.

Hoje estudo teatro numa cidade bicentenária, no fim do fundo da América do Sul, longe demais das capitais[28].

Gosto de bichinhos de pelúcia, de sorvete de menta, de geometria, de dançar, de redes sociais, de abacaxi, de Asterix, de dormir abraçadinho, de Folk Music, de

[26] Texto escrito para o *blog* “Alívio Imediato” em 2013, para substituir a descrição anterior, que se encontra no Apêndice A.

[27] Verbo inventado a partir do nome de uma rede social que eu usava na época: *Plurk* – através da qual cheguei a conhecer algumas pessoas de Pelotas, enquanto ainda morava em Riozinho.

[28] “no fim do fundo da América do Sul” e “longe demais das capitais”: palavras retiradas respectivamente das canções “Joquim” de Vitor Ramil e “Longe demais das capitais” dos Engenheiros do Hawaii.

nomes completos, de pessoas sinceras, de banho quentinho, de escrever, de festas, de pipoca com sazón, de All Star, de embriagar-me, de jogar xadrez, das obras de Salvador Dalí, de Lost, de pizza, de viajar, de Teatro, de Classic Rock, de Gabriel García Márquez e de muitas outras coisas e pessoas.

Já fui servente de pedreiro, bibliotecário, operário de fábrica de calçado, professor particular de matemática, digitador, revisor de textos, ator e funcionário público.

Não gosto de pessoas chatas, de feijão, de sovaco cabeludo, de salada sem vinagre, de velórios, de filosofias de Pequeno Príncipe, de dormência nos pés, de melão, de funk, de gente preconceituosa, de rinite, de internet lenta, de blusas de lã, de falar ao telefone, de vacinas, de mentiras, de futebol, de livros de autoajuda, de Zorra Total e de muitas outras coisas.

Reinvento frequentemente minhas regras.

Mudo de opinião às vezes.

Não pretendo morrer.

APÊNDICE D – Seis questões sobre o trabalho do ator-pesquisador no GEPPAC[29]

Questões respondidas:

Como ocorre o trabalho do ator-pesquisador no GEPPAC? Quais os experimentos poéticos que você desenvolveu e o que pesquisou em cada um? Quais as principais contribuições da experiência no GEPPAC na sua formação? Quais as dificuldades que você percebeu no seu trajeto de pesquisa? Quais os princípios técnicos presentes no GEPPAC que são regulares? Qual a importância desse tipo de ação de pesquisa para a cena teatral da cidade?

Minhas respostas:

O trabalho do ator-pesquisador do GEPPAC ajusta-se sempre às referências técnicas/estéticas/dramatúrgicas que estejam sendo estudados pelo grupo em cada período.

O objetivo do grupo nunca é o de copiar ou imitar a técnica estudada e sim o de experimentar a técnica adequando-a à realidade do grupo e aos desejos de pesquisa de cada ator ou atriz.

Desenvolvi junto ao GEPPAC dois “experimentos solos”, chamados assim por terem como característica a presença de um único ator em cena. O primeiro dos experimentos, criado e apresentado durante os anos de 2012 e 2013, foi chamado “Alívio Imediato”. Nesse experimento, meu objetivo principal como ator-pesquisador era o de explorar/experimentar a sonorização de textos em cena, sem preocupar-se com o seu sentido. Ou seja, não importava tanto o significado de cada palavra dita, mas a forma como essa palavra era ou poderia ser dita e, consequentemente o que essa variação de ritmos, tons, velocidades, timbres, etc poderia suscitar no público.

O segundo experimento, desenvolvido durante o ano de 2014, tinha questões relacionadas ao ritmo/musicalidade como foco principal. Para tanto criou-se uma intercalação de canções e poemas que eram cantados ou declamados junto à exploração de tais ritmos e à experimentação de intenções diversas.

O GEPPAC trouxe e traz grandes contribuições ao meu trabalho como ator-pesquisador, ao me apresentar visões mais amplas a respeito do que é o teatro e para que ele serve, o que é ser um ator, o que é ser um pesquisador etc.

Com o GEPPAC descobri como uma disciplina de trabalho é fundamental para a adquirição de qualidades técnicas e tive a oportunidade de experimentar diferentes modos de organizar a cena, diferentes modos de se preparar para a cena, diferentes modos de ver uma cena.

[29] Adaptado de (PEROLA, PINTANEL e LIMA, 2015, p. 93-100).

As principais dificuldades evidenciadas através de meu trabalho como ator-pesquisador do GEPPAC foram as relacionadas com o domínio do gesto e do olhar em cena.

Tais questões foram exploradas em ambos os experimentos citados anteriormente. Para tal, incluía-se, por exemplo, na partitura de ações um momento em que eu deveria falar o texto olhando nos olhos de cada expectador.

Além das cenas, foram incluídos em meu treinamento de ator exercícios que pudessem contribuir de alguma forma para a superação de tais dificuldades. Um deles foi o do “Homem Vitruviano”, inspirado na conhecida figura de Leonardo da Vinci, onde a intenção era a de explorar a abertura de membros superiores e inferiores, contribuindo para a presença de um corpo mais expandido e expressivo em cena.

Como falado anteriormente, o trabalho do GEPPAC está sempre relacionado à poética que está sendo estudada em cada momento.

O trabalho nunca é desenvolvido sem a presença de alguma referência e pode-se considerar essa como uma importante característica do GEPPAC: as referências mudam entre um ciclo e outro, mas nunca há a ausência de referências.

Além disso, as poéticas estudadas têm sempre alguma relação com o trabalho físico do ator ou da atriz. A partir das ideias fundamentais de cada poética estudada elaboram-se diferentes sequências de exercícios que integrarão o treinamento atoral durante o período em que a poética estiver sendo estudada.

O trabalho realizado pelo GEPPAC é importante para os artistas/trabalhadores de teatro da cidade pois, ao compartilhar os resultados de seu trabalho, acaba trazendo-lhes também visões mais amplas sobre as possibilidades do fazer teatral.

Questões semelhantes àqueles que mencionei ter aprendido como integrante do grupo também podem ser absorvidas, mesmo que em um grau de apropriação menor, por quem acompanha o trabalho do grupo de outras formas, seja participando de oficinas/encontros promovidos por ele, assistindo seus experimentos ou tendo acesso à suas produções bibliográficas.

Apêndice E – O Teatro como um “Alívio Imediato”[30]

O teatro é Alívio Imediato pois, entre outras coisas, me dá a permissão para ser ou parecer ser quem eu não sou. Não que eu não goste de ser quem eu sou, mas ser sempre o mesmo às vezes enjoa. No teatro posso experimentar várias e diferentes formas de ser.

Além disso, creio que o tempo me deixou muito mal acostumado com esse negócio de ser “eu mesmo”, se é que existe uma definição exata para o “eu mesmo”.

Na verdade, não tenho certeza sobre até que ponto acredito nisso que estou dizendo; talvez não passe de alguma bobagem passageira que veio visitar minha mente enquanto penso no que posso escrever.

Mas mesmo que seja bobagem, não creio que seja 100% bobagem. Muitas vezes tenho a real impressão de que muitas partes do meu “eu” só existem ou persistem porque me acostumei com elas e já não consigo mudá-las com tanta facilidade.

Meu “excesso de silêncio”, por exemplo: às vezes tenho a impressão de que ele só continua a acontecer porque me acostumei com ele, me acostumei a enxergá-lo como uma característica minha, como parte do meu “eu”, sem a qual o “eu” já não é mais “eu”.

Mas, ao mesmo tempo em que me acostumei a me ver como um ser que fala pouco, me acostumei também a me ver como um ser que muda quando acha necessário, mesmo que essa mudança quase sempre seja lenta.

Assim, com essa característica interferindo sobre as outras, esse “eu” não chega a ser exatamente um animal congelado e imutável. No que se refere à própria questão da fala, tenho mudado bastante nos últimos anos; sendo que as maiores mudanças aconteceram, sem dúvidas, com a ajuda do teatro. Aqui já não me refiro ao ato restrito de estar em cena, mas a todo o universo que passei a habitar desde que entrei para o Núcleo 2.

[30] Texto escrito no primeiro semestre de 2013, em meio às atividades diárias do Núcleo de Teatro. O texto foi escrito a partir de um roteiro de questões propostas pelo professor Adriano Moraes, nas quais ele propunha que eu escrevesse sobre o significado do Teatro como “Alívio Imediato’, sobre a ‘gramática do dia-a-dia”, planos para o futuro, etc. Considerei importante compartilhar este texto aqui, pois ao longo dele acabo falando sobre diversos temas discutidos ao longo deste trabalho – evidentemente, com os pontos de vista que eu tinha na época.

Entre as muitas coisas que o teatro me trouxe, a convivência constante com pessoas, na sua maioria, excêntricas, extrovertidas, festeiras, esquisitas e invasivas, mexeu com a zona de conforto em que eu me encontrava, mexeu com os meus costumes, mexeu com o costume de ser o “eu mesmo” que eu acreditava ser até então.

Talvez isso tudo possa parecer meio confuso ou esquisito para quem não tem a mania, o hábito, o costume de ficar pensando a vida e seus aspectos quase como se fossem equações algébricas. Até eu acho um pouco esquisito quando começo a pensar sobre o meu pensar.

Mas, retomando a questão do teatro, dessa vez o teatro-cena: mantendo essa mesma linha reflexiva, chego à possível conclusão de que só consigo fazer o que faço no teatro porque de alguma forma aprendi a não duvidar de que o que faço é o “certo” e que eu posso fazê-lo. Ou seja, a Síndrome de Asperger trouxe-me dificuldades de comunicação durante a infância e adolescência e, a partir daí, me acostumei a ser, fora do teatro, um ser silencioso. Ao mesmo tempo, as poucas experiências que tive assistindo teatro nessa mesma época me “ensinaram” que no teatro há falas e que essas falas não são minhas, mas sim dos personagens que represento. Logo, em algum momento de minha vida, provavelmente nos teatrinhos escolares que fiz durante o Ensino Médio, conclui que, tal como 1+1 são 2, para fazer teatro, eu, que já não serei mais eu, devo, posso, tenho permissão para falar; e se eu trazer o “eu silencioso” para o teatro vou estar fazendo algo tão errado como afirmar que 1+1 são 3.

Mas isso tudo que estou falando são mais hipóteses/impressões do que certezas. Uma tentativa de enxergar de forma demasiado simplificada algo que creio ser muito mais complexo; e tenho dúvidas sobre até que ponto vale a pena entender essa complexidade toda.

Acredito bastante na importância do “conhece-te a ti mesmo”, mas não me interessa, por exemplo, tornar-me um especialista em Síndrome de Asperger. Aliás, cada vez menos tenho gostado desse nome e muitas vezes chego a simpatizar com o que alguns Aspergers dizem sobre a Síndrome não ser uma síndrome, mas sim uma maneira diferente de ser, de pensar, de agir, de enxergar o mundo. A única coisa que não me faz concordar totalmente com eles é que em nenhum momento me lembro de ter escolhido ver o mundo dessa maneira “diferente”, embora eu

concorde que ela seja melhor que a maneira como a maioria das pessoas ditas “normais” veem o mundo.

Sinto que o teatro e o contato com as “pessoas do teatro” têm me tornado um ser bem mais sociável do que eu era antes. As pessoas com quem eu convivia anteriormente pareciam ter medo/receio de ser aproximarem de mim; e como eu também não me aproximava delas, meu isolamento social se mantinha.

O teatro trouxe muitas mudanças em relação a isso. Nunca antes dei e recebi tantos beijos e abraços. Mesmo que eles não sejam tão espontâneos como poderiam ser, mesmo que a iniciativa deles quase nunca seja minha, já considero importante o simples fato de acontecerem e creio que acabei aprendendo a gostar deles.

Me agrada muito também a quantidade de coisas que pude aprender nos últimos meses, não só sobre o teatro, mas sobre vários outros assuntos, com as leituras/discussões de Lipovetsky e Guy Debord[31], as explanações de Adriano sobre Reich[32] e até mesmo com as conversas informais sobre assuntos diversos.

Percebo que todas as horas que tenho passado no Núcleo nutriram consideravelmente minha cultura geral. Percebo-me mais crítico do que eu era há cerca de um ano atrás.

As coisas que aprendi e experimentei no Núcleo também foram úteis para compreender melhor as coisas aprendidas no curso, sobretudo nas disciplinas de Improvisação, apesar de o professor ser o mesmo. Pois há muitas coisas que só consegui entender de forma bem entendida depois de tê-las ouvido várias vezes, com palavras diferentes, seguidas de exemplos diferentes; e, se dependesse só do curso, creio que muitas dessas coisas não teriam sido devidamente absorvidas por mim. E muitas coisas não teriam sido experimentadas.

Sobre a “gramática para o dia-a-dia”: confesso que, apesar de ter concordado com ela, nunca cheguei a compreendê-la completamente. Compreendi-a em aspectos gerais, mas nunca ficou claro como ela funcionaria em detalhes.

As primeiras tentativas de pô-la em prática não me agradaram completamente, apesar de também não terem sido absolutamente ruins.

---

[31] Gilles Lipovetsky e Guy Debord: pensadores franceses cujas obras, respectivamente, “O império do efêmero” e “A sociedade do espetáculo” foram estudadas em atividades do Núcleo de Teatro/GEPPAC.

[32] Wilhelm Reich: médico e psicanalista que não chegamos a estudar como os supracitados, mas refiro-me aqui às constantes menções do professor Adriano, na época, às suas obras e teorias.

Quando a proposta da gramática me foi feita, imaginei que ela seria usada basicamente em situações que envolvessem pessoas estranhas, com as quais não tenho nenhum vínculo afetivo e com quem sou, de certa forma, obrigado a interagir em determinadas situações sociais.

Mas quando essa gramática começou a ser testada no próprio Núcleo, me senti um tanto desconfortável, pois a ideia de chegar cumprimentando Adriano, Elias e Rodolfo espontânea e voluntariamente fez eu me sentir um tanto falso. Não que eu ache que não mereçam ser cumprimentados, mas porque o Carlos que conheço não distribui cumprimentos assim e não acha completamente necessário dizer “oi”, “bom dia”, “boa tarde” para anunciar sua chegada ou para demonstrar afetividade para com os que o cercam.

E, por mais que ultimamente eu tenha percebido como cada vez mais tênue a linha que separa o teatro da vida real, não me agrada a ideia de me transformar em uma personagem que distribui cumprimentos tal como as pessoas ditas “normais”. Afinal, porque eu que tenho que mudar? Não poderiam os “Não-Aspergers” aprenderem a não cumprimentar?

Sobre meus projetos futuros: não gosto de planejar futuros distantes, pois não vejo sentido em planejar o que farei em 2015, se não sei o que será de mim eu 2014. Logo, só tenho algumas ideias sobre o que quero para um futuro próximo.

Acredito e espero que passarei no concurso da UFPel. Logo, não poderei dedicar ao teatro o mesmo tempo que tenho dedicado então.

Ainda não sei exatamente quais são os planos de Adriano após a saída do Núcleo, mas gostaria de, se possível, dar continuidade ao “*Gran Teatro del Mundo*” e/ou outros projetos talvez, nos horários que me sobrarão.

Creio que estão faltando algumas coisas, mas não sei exatamente o que falar sobre elas. Comecei tentando seguir o roteiro, mas o achei meio confuso e tenho a impressão de que fugi um pouco do assunto em alguns momentos. Porém, acho que, por ora, isso é o suficiente.

Anexos

ANEXO A – Crítica de “Máquinas que pensam, que amam e que comem maçãs”, por Carlos Cogoy[33]

Preto e branco, senso binário, esforço esquemático, resultado concernente. Jogo sintomático, branco e preto, dois pares, quatro cubos. Máquinas que pensam, que amam e que comem maçãs. Belo espetáculo sábado à noite na segunda edição da Mostra de Encenação Teatral, que reuniu alunos do curso de teatro da UFPel, sob a coordenação do professor Adriano Moraes. Entre as montagens, destaque para a criatividade do encenador Carlos Eduardo Pérola. Beneficiado pelo tema que abrange contemporaneidade, história, discriminação, fantasia e racionalidade, Pérola ofereceu soluções simples para superar as limitações estruturais. À sala Carmen Biasoli do “Tablado” do curso de teatro, interpretação a cargo dos jovens atores: EvelinSuchard; Gengiscan Pereira; Jardel Athayde e Raissa Bandeira. O grupo apresentou a genialidade e sofrimento do matemático e pesquisador britânico Alan Turing (1912/1954).

PERDÃO – Em 2000 através do então Papa João Paulo II, a igreja pediu perdão pela sucessão de perseguições, incoerências e atrocidades cometidas. Se o gesto não retoma o passado para corrigi-lo, ao menos é pedagógico em relação ao presente. No porvir, quantas instituições estarão “arrependidas” das tolices e abusos que atualmente nos maltratam? Pois em 2013 houve um desses “arrependimentos”. A coroa britânica, através da “Prerrogativa Real de Piedade”, removeu acusações contra o pioneiro dos cálculos que viriam fundamentar a computação. Em 1952, o homem que ajudou a decifrar os códigos dos nazistas, sendo essencial para o fim da Segunda Guerra, foi sentenciado pela homossexualidade. Culpado, teve de optar entre a prisão ou “tratamento” hormonal. Submetido a injeções, tornou-se impotente e penou com crescimento dos mamilos.

MAÇÃ – Sintomática, a “*Apple*” mordida está em destaque ao final da peça. *Apple* da informática, *Apple* do fascínio de Turing por “Branca de Neve e os sete anões”. *Apple* envenenada que lhe tirou a vida em 1954.

[33] Texto publicado nas versões virtual e impressa do jornal “Diário da Manhã”, em 18 de novembro de 2014. A versão virtual está disponível em http://diariodamanhapelotas.com.br/site/maquinas-que-pensam-que-amam-e-que-comem-macas (acesso em 20 abr. 2018).